

4. As orações adverbiais sem conectores: orações gerundivas e participiais¹

Nas secções precedentes, considerámos apenas orações adverbiais finitas e infinitivas, que nas línguas românicas são sempre introduzidas por um conector. Consideremos agora as orações gerundivas e participiais.

Em 3., foi proposto que o estatuto sintáctico-discursivo de pelo menos algumas das orações adverbiais finitas e infinitivas resulta de propriedades lexicais associadas aos seus conectores. Os conectores positivamente especificados quanto a um traço [pressuposicional] ou [conforme às expectativas] terão um estatuto diferente dos conectores que estão subespecificados ou não especificados quanto a esse mesmo traço.

Esta proposta sugere naturalmente a seguinte questão: o que se passa então com as orações adjuntas que não são introduzidas por conectores? Como é definido o seu estatuto sintáctico e discursivo?

Ou, por outras palavras, se o estatuto informacional das orações adjuntas finitas e infinitivas é parcialmente determinado por traços discursivos dos seus conectores, como se pode dar conta das orações gerundivas e participiais das línguas românicas, que habitualmente não têm conectores?

Para além desta questão, as orações gerundivas e participiais levantam ainda questões como as seguintes:

- i) Por que razão não são as orações gerundivas e participiais introduzidas por conectores (independentemente do seu estatuto sintáctico e discursivo)?
- ii) Como é feita a sua interpretação?
- iii) Como explicar a sua distribuição sintáctica na ausência de conectores?
- iv) Serão as orações gerundivas e participiais orações plenas (i.e. orações com uma estrutura funcional completa) ou orações defectivas (i.e. orações que não projectam todas as categorias funcionais)? E de que categoria são projecções?

¹ Partes deste capítulo foram objecto de uma comunicação apresentada no XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (cf. Lobo 2002b). Agradeço a Fátima Oliveira as observações que me permitiram reformular parte do ponto 4.1. e a Luis F. Cunha o facto de me ter prontamente facultado a sua dissertação de mestrado. A descrição das gerundivas feita nos pontos 4.1. e 4.3. inspirou-se muito em Lonzi 1988 e 1991 e Fernández Lagunilla 1999.

- v) Como explicar as suas propriedades internas, em particular a legitimação de sujeitos plenos, a identificação e legitimação de sujeitos nulos, a ordem de palavras?

Antes de procurar responder a estas perguntas, tentarei delimitar as estruturas gerundivas e participiais que considero terem um comportamento de subordinadas adverbiais, distinguindo-as de outras construções gerundivas e participiais com características particulares.

4.1. Definição das estruturas a considerar: exclusão de gerundivas e participiais de tipo predicativo

4.1.1. Caracterização morfológica e aspectual do particípio e do gerúndio

O gerúndio e o o particípio são formas verbais tradicionalmente classificadas como não finitas². Em ambos os casos, trata-se de formas verbais que na variedade padrão do português não manifestam concordância de pessoa. O particípio manifesta concordância em género e número com o DP argumento interno. Temos assim, em ambos os casos, um tema verbal ao qual se junta a desinência *-ndo*, no caso do gerúndio, ou a desinência *-do*, no caso do particípio (ou *-da*, *-dos*, *-das*, nas formas flexionadas).

Ao particípio passado está associado um valor aspectual que se pode caracterizar como definindo o estado resultante de um evento culminado (cf. Ambar 1988). Por conseguinte, predicados que não possam ser interpretados como tendo uma culminação (estados e processos) não ocorrem geralmente nesta construção (cf. Santos 1999). Note-se que os verbos intransitivos (inergativos) e os verbos copulativos, que não podem ocorrer nesta construção (cf. Eliseu 1984; Ambar 1988; Santos 1999; e.o.), estão normalmente associados a classes aspectuais (*Aktionsart*) não delimitadas - estados e processos. Estas restrições não se verificam da mesma forma em gerundivas e infinitivas:

- (1) Concluído o trabalho, os operários foram embora.
- (2) a. *Dormido, o João sentir-se-á melhor.
b. Dormindo, o João sentir-se-á melhor.
c. Depois de dormir, o João sentir-se-á melhor.
- (3) a. *Estado doente, o João não tinha apetite.
b. Estando doente, ...
c. Por estar doente, ...

² A natureza categorial verbal destas formas é comprovada pela manutenção das propriedades de selecção:

- i) (Os romanos) destruíram a cidade.
- ii) Destruindo (os romanos) a cidade, ...
- iii) Destruída a cidade (pelos romanos), ...

Dado o seu valor aspectual intrínseco, as participiais, ao contrário das infinitivas e das gerundivas, são incompatíveis com adverbiais de duração. Veja-se os seguintes contrastes:

- (4) a. Lido o livro, a Ana foi brincar.
b. *Lido o livro durante toda a tarde, a Ana foi brincar.
- (5) a. Tendo lido o livro, a Ana foi brincar.
b. Tendo lido o livro durante toda a tarde, a Ana foi brincar.³
- (6) a. Depois de ler o livro, a Ana foi brincar.
b. Depois de ler o livro durante toda a tarde, a Ana foi brincar.

O valor aspectual da participial é confirmado pela existência de restrições na determinação do objecto (cf. Ambar 1996). Como é sabido, a determinação nominal do objecto altera a classe aspectual do predicado. Uma alteração na determinação nominal do objecto, conforme observa também Santos 1999, transformando um evento culminado num evento não culminado, pode ter consequências para a gramaticalidade das participiais:

- (7) a. Terminados os trabalhos, fomos embora.
b. *Terminados trabalhos, fomos embora.
- (8) a. Feitas as contas, nada mais havia a fazer.
b. *Feitas contas, nada mais havia a fazer.
- (9) a. Corrigidos os testes, a professora afixou as notas.
b. *Corrigidos testes, a professora foi jantar.
c. Depois de corrigir testes, a professora foi jantar.

³ Neste contexto, é necessário o gerúndio composto, que permite obter uma leitura de anterioridade relativamente ao evento da matriz. Na realidade, o gerúndio levanta questões mais complexas, uma vez que para a interpretação da gerundiva concorrem vários factores, entre os quais a classe aspectual (*Aktionsart*) do predicado da gerundiva, a classe aspectual (*Aktionsart*) do predicado da oração matriz, a presença da negação na gerundiva, o facto de termos o gerúndio composto ou o gerúndio simples e até mecanismos de inferência pragmáticos. O gerúndio simples com predicados que denotam eventos parece ser possível em contextos de tempo simultâneo, de leitura condicional ou de modo:

- i) Lendo o livro (durante toda a tarde), a Ana foi comendo as bolachas. (tempo simultâneo)
- ii) Lendo o livro (durante toda a tarde), a Ana ficará entretida. (condicional)
- iii) Lendo o livro (durante toda a tarde), a Ana evitou ter de fazer conversa. (modo)

Pode consultar-se Leal 2001 para um estudo dos valores temporais associados ao gerúndio simples e ao gerúndio composto com predicados que denotam estados e com predicados que denotam eventos.

Note-se, no entanto, que são possíveis objectos indefinidos nas participiais em posição pré-verbal, em certas expressões cristalizadas:

(10) Contas feitas, nada mais havia a fazer.

O valor aspectual do gerúndio não é tão evidente. Se em muitos contextos ele está associado a um valor aspectual cursivo, progressivo ou inacabado existem outros contextos em que esse valor está ausente (cf. Espunya i Prat 1996). Assim, o valor aspectual do gerúndio simples é determinado também pelo predicado que ocorre no gerúndio e pelo predicado da matriz.

Nos exemplos (11) a (13), em que o predicado da gerundiva corresponde a um processo ou a um processo culminado (na tipologia de Moens 1987), o gerúndio tem um valor cursivo, permitindo que o evento da matriz seja interpretado como sendo simultâneo ou como estando incluído no intervalo de tempo em que decorre o evento da subordinada:

(11) Cantando alegremente, o Zé abriu a porta.

'Enquanto cantava alegremente,...'

(12) Passeando pela praia, o Zé teve uma ideia genial.

'Enquanto passeava pela praia,...'/'#Depois de passear pela praia,...'

(13) Folheando a revista, o Zé teve uma ideia genial.

'Enquanto folheava a revista,...'/'#Depois de folhear a revista,...'

Nos exemplos (14) a (16), em que o predicado da gerundiva corresponde a uma culminação (ou evento instantâneo), o gerúndio continua a denotar um evento 'atômico'. Assim, em (14) a (17), a leitura é sequencial, sendo o intervalo de tempo em que decorre o evento da matriz posterior ao do evento da subordinada.⁴

(14) Chegando a casa, o Zé terá uma ideia genial.

'Depois de chegar a casa,...'/'Quando chegar a casa,...'

(15) O Zé surpreendeu toda a gente chegando mais cedo do que o previsto.

'... ao chegar mais cedo do que o previsto'

(16) Chegando ao hospital, o Zé poderá ser tratado.

'Quando chegar ao hospital.../'Depois de chegar ao hospital,...'

⁴ Leal 2001, no entanto, refere casos em que é possível a leitura de sobreposição (em que o gerúndio ganha normalmente duratividade), dependendo do tipo de predicado da gerundiva e da oração principal e do nosso conhecimento do mundo.

- (17) ?Chegando ao hospital, o Zé lembrou-se que não tinha trazido as análises.
'Quando chegou ao hospital,...'/'Quando estava a chegar ao hospital,...'

No entanto, quando o gerúndio predica sobre o objecto no contexto de verbos perceptivos, é permitida a leitura cursiva/progressiva, sendo a culminação encarada no seu processo preparatório:

- (18) O Zé viu a ambulância chegando ao hospital.
'O Zé viu a ambulância a chegar/quando ela estava a chegar ao hospital'

Repare-se que o gerúndio em construções com verbos perceptivos pode equivaler quer à construção com <a + infinitivo> quer ao infinitivo não preposicionado, podendo estar associado a valores aspectuais distintos:

- (19) a. O Zé viu a mãe morrendo.⁵
b. O Zé viu a mãe a morrer
c. O Zé viu a mãe morrer.
- (20) a. O Rui viu o João sorrindo.
b. O Rui viu o João a sorrir.
c. O Rui viu o João sorrir.

4.1.2. Gerundivas e participiais predicativas vs. gerundivas e participiais adverbiais

Tanto o gerúndio como o participío podem ocorrer em português em usos a que podemos chamar predicativos, i.e. em construções em que se comportam como predicados secundários⁶. Estes usos distinguem-se dos usos adverbiais por estarem

⁵ Segundo me foi referido por Manuela Ambar (c.p.), existe um contraste entre o gerúndio de verbos inacusativos e o gerúndio de outras classes de verbos no contexto de verbos perceptivos. O gerúndio de verbos inacusativos parece ser menos aceitável:

- i) ?O Zé viu as crianças caindo.
ii) O Zé viu as crianças correndo.

As frases parecem melhorar quando o verbo inacusativo vem acompanhado de um complemento ou de um adjunto:

- iii) O Zé viu as crianças caindo da escada abaixo.
iv) O Zé viu as crianças caindo desamparadamente.

⁶ Mória & Viotti 2002 não consideram a existência de gerundivas predicativas. De acordo com os autores, os contextos predicativos são identificados como gerundivas argumentais dependentes de outros predicados (não aspectuais) ou como gerundivas independentes.

sujeitos a restrições aspectuais, que não se verificam nos outros contextos.

O gerúndio pode ocorrer em usos predicativos como predicativo do sujeito,

Ora, se é verdade que temos um constituinte oracional que integra um gerúndio a funcionar como sujeito ou como complemento nas frases seguintes (retiradas de Mória & Viotti 2002), parece-me discutível que o gerúndio neste contexto seja considerado argumental, ou, dito por outras palavras, não é claro que se trate de uma oração gerundiva do mesmo tipo das que temos em posições de adjunção:

- i) [A Ana dançando] é um espectáculo digno de se ver.
- ii) O Paulo viu [a Ana acenando]

Note-se que exactamente no mesmo contexto em que ocorre o gerúndio podem ocorrer outras categorias com função claramente predicativa, entre as quais sintagmas preposicionais, adjectivais, ou participiais:

- iii) [A Ana em fato de banho] é um espectáculo digno de se ver.
- iv) [A Ana vestida de borboleta] é um espectáculo digno de se ver.
- v) [A Ana nua] é um espectáculo digno de se ver.
- vi) O Paulo viu [a Ana em cima do muro]
- vii) O Paulo viu [a Ana desmaiada]
- viii) O Paulo viu [a Ana cheia de frio]

As orações finitas, pelo contrário, nem sempre podem ocorrer nestes contextos:

- ix) *[Que a Ana canta/cante] é um espectáculo digno de se ver.
- x) [Que a Ana esteja doente] não me surpreende.

É claro que a oração em que o gerúndio ocorre ocupa uma posição argumental, assim como todas as outras orações em que ocorrem grupos preposicionais, adjectivais e participiais. O que não é claro é que se trate de uma oração gerundiva com o mesmo estatuto que as gerundivas adjuntas. De facto, parece-me difícil considerar que a oração que está aqui a ocupar uma posição argumental seja uma oração gerundiva (com a mesma estrutura sintáctica e o mesmo estatuto morfológico que uma oração gerundiva adjunta). O argumento parece corresponder antes a uma oração pequena de que o gerúndio (ou outras categorias) é o predicado. Caso contrário, teríamos de admitir que podemos ter sintagmas preposicionais, adjectivais e participiais (ou orações preposicionais, adjectivais e participiais) com função de sujeito. De facto, um dos aspectos em que o gerúndio do português se distingue das formas com *-ing* do inglês é precisamente o facto de não poder ocorrer em posições argumentais (cf. Reuland 1983):

- ix) I prefer going to the movies.
- x) *Eu prefiro indo ao cinema.

Se os contextos acima referidos correspondessem a usos argumentais do gerúndio, esperaríamos encontrar orações como as seguintes, com sujeitos nulos, o que não acontece:

- xi) *[[-] dançando] é um espectáculo digno de se ver.
- xii) *O Paulo viu [[-] acenando].

De facto, em português, as orações pequenas não admitem sujeitos nulos, ao contrário das orações com uma estrutura funcional mais complexa (cf. Rizzi 1986, para um comportamento diferente do italiano):

- xiii) *[[-] radiantes] é um espectáculo digno de se ver.
- xiv) *O Paulo viu [[-] de pé] / [[-] radiantes]
- xv) [[-] fiques em casa] / [que [-] fiques em casa] não me parece uma boa ideia.

Só as gerundivas adjuntas, as que plausivelmente têm um estatuto oracional pleno, admitem sujeitos nulos:

- xvi) Estando a chover, o Rui decidiu ficar em casa.

Mória & Viotti 2002 classificam também como argumental o gerúndio perifrástico com verbos aspectuais:

- xvii) O país está mudando.

Mais uma vez, parece-me que não é possível dizer que o gerúndio é argumental. Trata-se muito possivelmente aqui também de um uso predicativo do gerúndio, i.e. o verbo aspectual subcategoriza uma oração pequena (e não uma oração gerundiva plena), de que o gerúndio é o predicado, sendo o sujeito desta oração elevado para a posição de sujeito da frase.

Quanto aos casos que os autores consideram ser indiscutivelmente argumentais, como aqueles em que a gerundiva ocorre no contexto de *passar x tempo*, parece-me que é possível explorar a hipótese de estarmos perante um complexo formado pelo V e pela expressão temporal, cujo comportamento poderia ser aproximado de um V aspectual.

modificando o sujeito gramatical:

- (21) O Zé entrou em casa cantando.
- (22) Escrevi este poema pensando em ti.

Pode ocorrer ainda como predicativo do objecto, modificando o objecto directo, em construções com verbos perceptivos ou de representação, equivalentes às construções de infinitivo preposicionado (cf. Raposo 1989 e Duarte 1992):

- (23) O Zé ouviu o Paulo cantando.
- (24) O João fotografou o Afonso dormindo tranquilamente.

Pode também ocorrer em orações 'independentes' de carácter exclamativo ou de tipo descritivo (em contextos de relato, tais como reportagens televisivas, radiofónicas, ou em legendas de fotografias)⁷:

- (25) Figo chutando a bola para Zacarias.
- (26) Os meninos dormindo a esta hora! Não posso acreditar.

Pode ainda ocorrer inserido num DP com uma qualquer função gramatical na frase:

- (27) [A cara da Ana olhando para o José] não engana ninguém.
- (28) Todos ficaram impressionados com [a chegada da Teresa chorando convulsivamente].

Estes usos predicativos distinguem-se dos usos do gerúndio em orações adjuntas. Tal como referido em Lonzi 1988 e 1991 para o italiano, também em português podemos distinguir três tipos de gerundivas adjuntas:

i) **gerundivas adjuntas não periféricas** (ou integradas ou de predicado) que se caracterizam por poderem ocorrer em posição final sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional e apresentam valores como o modo, o meio ou o tempo simultâneo:

⁷ As orações gerundivas 'independentes' sem carácter exclamativo só parecem ser possíveis quando o falante tem presente um suporte visual (acontecimento real ou imagem), o que apoia a ideia de que não se trata de verdadeiras orações independentes, mas sim de orações reduzidas, i.e. orações pequenas. Veja-se que podemos ter no mesmo contexto orações reduzidas com PPs, APs ou participios:

- i) [Os meninos ainda a pé!] Não posso acreditar.
- ii) [Os meninos novamente doentes!] Não é possível!
- iii) [Os meninos acordados!] Não posso acreditar!

(29) Os ladrões arrombaram a porta usando um maçarico.

(30) A Ana convenceu o Zé apresentando-lhe bons argumentos.

ii) **gerundivas adjuntas periféricas** (ou de frase), que ocorrem tipicamente em posição inicial, só podendo ocorrer marginalmente em posição final quando precedidas de pausa, e apresentam valores como a causa, a concessão, o tempo anterior:

(31) a. Tendo chegado atrasado, o Zé só encontrou lugar na última fila.

b. ??O Zé só encontrou lugar na última fila, || tendo chegado atrasado.

(32) Estando as crianças doentes, não poderemos ir à festa.

iii) **gerundivas ditas de 'posterioridade'** (ou 'coordenadas'), cujo estatuto subordinado é mais duvidoso. As gerundivas ditas 'de posterioridade' ou 'coordenadas' caracterizam-se por ocorrerem sempre em posição final, serem normalmente interpretadas como temporalmente posteriores relativamente à matriz, e não terem uma interpretação semântica de tipo adverbial, sendo antes parafraseáveis por uma oração de tipo coordenado:

(33) a. Os bandidos escaparam à polícia, só tendo sido identificados dois dias depois.

b. Os bandidos escaparam à polícia e só foram identificados dois dias depois.

Uma vez que este trabalho tem por objecto de estudo exclusivamente as orações adverbiais, considerarei apenas as gerundivas adjuntas de predicado e de frase (ou não periféricas e periféricas). No entanto, como os usos predicativos do gerúndio podem por vezes confundir-se com os usos do gerúndio em adjuntas, descreverei primeiro algumas propriedades que distinguem gerúndios de tipo predicativo de outros usos do gerúndio em adjuntas.

4.1.2.1. Gerundivas predicativas vs. gerundivas adjuntas: diferentes propriedades

O gerúndio nos contextos a que aqui chamei predicativos (segundo Fernández Lagunilla 1999) distingue-se do gerúndio em adjuntas por estar sujeito a restrições

aspectuais ao predicado (*Aktionsart*), e por poder alternar na variedade padrão do português europeu com <a + infinitivo>.

O gerúndio predicativo parece estar sujeito ao mesmo tipo de restrições aspectuais a que está sujeito na construção progressiva. Não podem ocorrer nestas construções 'verdadeiros' predicados estativos, ou seja estativos 'não faseáveis' (cf. Cunha 1998; Oliveira, Cunha & Matos 2001; Miguel 1999: 3013), i.e. estados que não são recategorizáveis como processos (cf. Moens & Steedman 1988; Cunha 1998):

- (34) *O João está estando a viver em Paris. <gerúndio na construção progressiva>
- (35) *O João viu o Zé estando a viver em Paris. <gerúndio predicativo do objecto>
- (36) *O João chegou a casa estando doente. <gerúndio predicativo do sujeito>
- (37) ?*O João estando a viver em Paris! Não acredito! <gerúndio predicativo em o. independentes>

Nas gerundivas adjuntas, pelo contrário, todos os tipos de predicados são possíveis, incluindo estativos (cf. Espunya i Prat 1996)⁸:

- (38) a. O Zé perturbou a reunião estando constantemente a interromper. <gerundiva adjunta não periférica modal>
- b. O Zé enganou os colegas ficando quieto como uma estátua.
- (39) ?O João soube a notícia estando a viver em Paris. <gerundiva adjunta não periférica temporal>
- (40) Estando a viver em Paris já há dez anos, o João tem algumas interferências do francês. <gerundiva adjunta periférica>
- (41) O João viveu em Nova Iorque durante muitos anos, estando actualmente a viver em Paris. <gerundiva de 'posterioridade'>

O gerúndio usado predicativamente pode alternar na variedade padrão do

⁸ Nem sempre os estativos dão bons resultados nas gerundivas adjuntas não periféricas com interpretação de modo. Parecem ser melhores quando o estado de coisas é interpretado como podendo ser de alguma forma controlado pelo sujeito, i.e. agentivo.

português com <a + infinitivo>, tal como acontece na construção progressiva⁹:

- (42) Os ladrões estão arrombando(/a arrombar) a porta. <gerúndio em complexos verbais com *estar*>
- (43) O João viu os ladrões arrombando(/a arrombar(em)) a porta. <gerúndio predicativo do objecto>
- (44) O João chegou a casa coxeando(/a coxear). <gerúndio predicativo do sujeito>
- (45) Os meninos dormindo(/a dormir(em)) a estas horas! Não acredito!
<gerúndio predicativo em o. independentes>

O mesmo não acontece nas gerundivas adjuntas¹⁰:

⁹ Pode ocorrer <a + infinitivo> em algumas adverbiais periféricas com valor condicional (cf. Duarte 1992: 'A ser verdade o que tu dizes, isto vai complicar-se'). Contudo, a partícula *a* não parece ter aqui o mesmo valor aspectual.

¹⁰ Mória & Viotti 2002 consideram que o gerúndio pode alternar com <a + infinitivo> também em orações adjuntas. As restrições à ocorrência de <a + infinitivo> em determinados contextos dever-se-iam a incompatibilidades de natureza semântica que se verificam com <a + infinitivo>, mas não com gerúndio: restrições ao tipo aspectual do predicado; exigência de que haja sobreposição temporal entre os eventos. Os autores referem as seguintes frases como exemplo da possibilidade de haver alternância entre <a + infinitivo> e gerúndio em adjuntas:

- i) Vivendo/A viver numa cidade pequena, teríamos mais qualidade de vida.
ii) Passeando/A passear pela praia, encontrei uma moeda de ouro muito antiga

Ora, parece-me que, ao contrário do que acontece nos contextos predicativos, os valores da gerundiva e da construção com <a + infinitivo> nestas frases são claramente diferentes. Esta última, aliás, é para mim, e para outros falantes por mim consultados, claramente marginal nestes contextos. Além disso, a alternância é impossível numa série de outros contextos que respeitam as restrições identificadas por Mória & Viotti 2002 para a construção de <a + infinitivo>. Nas seguintes frases, o predicado não é estativo (veja-se aliás a possibilidade de ocorrer na construção progressiva) e existe sobreposição temporal entre os eventos:

- iii) a. O Zé constrói a cabana usando folhas e canas/*a usar folhas e canas
b. O Zé está usando/a usar folhas e canas (na construção da cabana).
iv) a. O Zé nada levantando a cabeça./*a levantar a cabeça.
b. O Zé está levantando/a levantar a cabeça.
v) a. O Zé despistou os polícias tomando um atalho./*a tomar um atalho.
b. O Zé está tomando/a tomar um atalho.
vi) a. O Zé passeava pelo campo, procurando um sítio bom para se sentar./?/*a procurar um sítio bom para se sentar.
b. O Zé está procurando/a procurar um sítio bom para se sentar.

Ainda, se as incompatibilidades verificadas com a construção infinitiva dependessem apenas de requisitos específicos desta construção, não se compreende por que razão o gerúndio também está sujeito a restrições aspectuais noutros contextos (aqueles a que chamei predicativos), facto que não se verifica nas adjuntas:

- vii) *O Zé observou [a Ana tendo uma pulseira de ouro]
viii) *[O Zé tendo encontrado uma moeda de ouro!] Não acredito!
ix) *[O Zé estando no hospital] é uma situação que me desagrada.
x) *[O Zé tendo estado toda a noite calado] não era difícil de imaginar.

- (46) Os ladrões entraram em casa arrombando(/*a arrombar) a porta com um maçarico. <gerundiva adjunta não periférica>
- (47) Arrombando(/*A arrombar) a porta com um maçarico, os ladrões conseguiriam entrar. <gerundiva adjunta periférica>
- (48) Os polícias fizeram um ultimato aos sequestradores, arrombando(/*a arrombar) a porta três minutos depois. <gerundiva de 'posterioridade'>

Assim, gerundivas predicativas e gerundivas adjuntas distinguem-se pelo menos quanto a estas duas propriedades:

- i) restrições à ocorrência de predicados estativos (não faseáveis);
- ii) possibilidade de alternar com <a + infinitivo>.

4.1.2.2. Participiais predicativas vs. participiais adjuntas: diferentes propriedades

Também os usos predicativos do participio se distinguem dos usos do participio em adjuntas, entre outros aspectos, por terem uma leitura não eventiva, típica de predicados secundários, facto que está descrito em Santos (1999: 127 e ss.) para o português.

As participiais predicativas podem modificar o sujeito, o objecto directo, podem ocorrer em orações independentes de tipo exclamativo ou descritivo e podem ainda estar inseridas em DPs, à semelhança do que acontece com o gerúndio predicativo:

- (49) O Zé saiu de casa despido. <participio predicativo do sujeito>
- (50) O Zé encontrou a Ana despida. <participio predicativo do objecto>
- (51) [A Ana despida]? Nunca imaginei! <participio em o. independentes>
- (52) [A entrada do Zé completamente despido] fez corar toda a gente. <participio em DPs>

As gerundivas predicativas, as construções de infinitivo preposicionado e as participiais predicativas só podem ser antepostas quando modificam o sujeito:

- (53) a. Despido, o Zé saiu de casa.
 b. Coxeando, o Zé saiu de casa.
 c. A coxear, o Zé saiu de casa.

A anteposição não é possível quando estas orações predicam sobre o objecto (cf. também Santos 1999; e.o.):

- (54) a. [-]_{i/*j} Despido, o Zé_i fotografou o Paulo_j.
b. [-]_{i/*j} Andando de bicicleta, o Zé_i fotografou o Paulo_j.
c. [-]_{i/*j} A andar de bicicleta, o Zé_i fotografou o Paulo_j.

As participiais predicativas distinguem-se das participiais adjuntas, entre vários aspectos, por só as primeiras:

a) terem uma interpretação não eventiva:

- (55) a. Despido, o bebé ficou mais tranquilo.<particípio adjunto>
a'. = Depois de ter sido despido, o bebé ficou mais tranquilo.
a". ?*Estando despido, o bebé ficou mais tranquilo.
b. Despido, o bebé parecia mais gordo.<particípio predicativo>
b'. ≠ Depois de ter sido despido, o bebé parecia mais gordo.
b". Estando despido, o bebé parecia mais gordo.

b) poderem ocorrer em posição final sem quebra entoacional:

- (56) a. ??O bebé ficou mais tranquilo despido.
b. O bebé parecia mais gordo despido.

c) permitirem a clivagem:

- (57) a. *Foi despido que o bebé ficou mais tranquilo.
b. Era despido que o bebé parecia mais gordo.

d) poderem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

- (58) a. Como/Quando é que o bebé ficou mais tranquilo? / ?*Despido.
b. Como/Quando é que o bebé parece mais gordo? / Despido.

e) poderem estar sob o escopo da negação matriz:

- (59) a. ?*O bebé não ficou mais tranquilo despido (só ficou mais tranquilo abraçado).
b. O bebé não parece mais gordo despido (parece mais gordo vestido).

Assim, considerarei como **participiais adjuntas** quer as chamadas participiais absolutas, que ocorrem com sujeito realizado em posição pós-verbal, quer as orações participiais sem sujeito expresso que ocorrem em posição inicial e têm uma interpretação eventiva, que podem ser tratadas como constituindo um subtipo de adverbiais (cf. Santos 1999 para estas distinções):

(60) Chegada a Ana, o Zé pôs a mesa.

(61) Chegado a casa, o Zé tirou os sapatos.

Santos 1999 mostra que um subconjunto das participiais sem DP realizado tem comportamentos correspondentes às participiais com DP realizado, normalmente designadas de absolutivas.

Assim, excluirei deste estudo as gerundivas e participiais do português que têm um comportamento típico de predicados secundários, e que aqui designei de predicativas.

4.2. Ausência de conectores em gerundivas e participiais do português: porquê?

Um tratamento das orações gerundivas e participiais separado das adverbiais finitas e infinitivas justifica-se pelo facto de em português, assim como noutras línguas românicas, estas orações não serem introduzidas por conectores, no caso não marcado. A ausência de conectores explica a razão pela qual estas orações têm frequentemente uma interpretação pouco definida, podendo oscilar entre vários valores (cf. Stump 1985; Kortmann 1991).

Por que razão não ocorrem as gerundivas e participiais com conectores em português?

Nas línguas românicas, em particular em português, contrariamente àquilo que acontece em inglês relativamente às orações com formas verbais em *-ing*, as orações gerundivas não ocorrem em contextos em que podem aparecer DPs. Os gerúndios contrastam com os infinitivos relativamente a uma série de aspectos. As orações infinitivas das línguas românicas ocorrem apenas em contextos de marcação casual (ou, se quisermos, em posições argumentais), ao passo que as orações gerundivas e participiais das línguas românicas ocorrem apenas em contextos de não marcação casual¹¹:

- (62) a. John prefers washing his car on weekends.
b. *O João prefere lavando o carro no fim-de-semana.
b'. O João prefere lavar o carro no fim-de-semana.
- (63) a. After washing the car, John read his newspaper.
b. *Depois (de) lavando o carro, ...
b'. Depois de lavar o carro, ...

Repare-se que em inglês, as formas em *-ing* podem dar origem a nominalizações,

¹¹Em alguma literatura recente, nomeadamente na de carácter funcionalista, estas formas verbais recebem a designação de 'converbs'. Bohnemeyer 2000 dá a seguinte definição: "Converbs are verb forms that by their morphological form specify a semantic relation between the event or proposition they encode and the main clause event or proposition. They may occur, depending on the language, as simple adverbs; they may head adverbial clauses, or they may occur attached to (or detached from) the sentence. Event order is a notion expressed by converbs (but of course not necessarily only by them) in many languages."

o que não acontece em português com as formas em *-ndo*:

- (64) a. the washing of the car
b. *o lavando do carro

Em português, isso acontece apenas (e de forma restrita) com o infinitivo¹². A nominalização não é produtiva com todos os tipos de verbos:

- (65) a. ??o lavar do carro
b. ??o construir da ponte
c. ??o correr da maratona
d. o içar da bandeira
e. o cair das folhas
f. o nascer da aurora
g. o cantar do galo
h. ?o soluçar do bebé

Algumas orações com a forma verbal *-ing* em inglês, no entanto, em alguns contextos têm uma distribuição equivalente às gerundivas do português e um valor semântico próximo. Isto acontece na construção progressiva (cf. (66)), em complementos de verbos perceptivos (cf. (67)), e em orações adjuntas designadas em Kortmann 1991 de 'free adjuncts' (cf. (68)) ou 'absolutes' (cf. (69))¹³. A forma verbal que ocorre nestes contextos é tradicionalmente classificada, não como *gerund*, mas como *present participle*¹⁴ (cf. Zandvoort 1957; Kortmann 1991; Guéron & Hoekstra 1995;

¹² Contrariamente àquilo que acontece em inglês, é possível em português que o objecto do infinitivo mantenha a sua categoria nominal em determinados contextos, o que nos leva a pensar que o processo de conversão da forma verbal em nome não foi concluído, aproximando-se esta construção das orações complemento de verbos factivos:

- i) o construir (??d)a ponte assim vai sair muito mais caro
ii) the building *(of) the bridge...

¹³ O termo 'adjuntos livres' (*free adjuncts*) diz respeito a estruturas adjuntas sem sujeito expresso que não estão explicitamente ligadas sintacticamente à oração matriz, e cujo núcleo pode ser verbal (particípio presente, particípio passado ou infinitivo) ou não verbal (nominal, preposicional, adjectival ou adverbial); o termo 'absolutos' (*absolutes*) diz respeito a estruturas adjuntas com características semelhantes aos adjuntos livres, mas com sujeito expresso (cf. Kortmann 1991: §1.)

¹⁴ O problema do estatuto morfológico da forma verbal que ocorre nestas construções põe-se da mesma forma relativamente ao francês, que também distingue entre *gérondif* e *participe présent*. Só o *participe présent* ocorre nas construções ditas absolutas.

e.o.):

- (66) a. She was crying.
b. Ela estava chorando/a chorar.
- (67) a. I saw the wind rustling the leaves. (Johnson 1988: 593)
b. Eu vi o vento sacudindo as folhas.
- (68) a. Arriving at the station, he found his train gone. (Zandvoort 1957: 34)
b. Chegando à estação, viu que o comboio já tinha partido.
- (69) a. The match having been cancelled, the supporters of our team were most disappointed (Kortmann 1991: 11)
b. Tendo o jogo sido cancelado, os apoiantes da nossa equipa ficaram desapontados.

Pelo contrário, as formas em *-ing* tradicionalmente classificadas como *gerunds* não são traduzíveis pelo gerúndio em português, mas sim pelo infinitivo. As orações com *gerund* ocorrem como complemento de determinados verbos (cf. (70) e (71)), como sujeito oracional (cf. (72) e (73)) e como complemento de preposições (cf. (74)):

Ainda que na origem de *gerund*, *gerondif*, *gerúndio* e *participio presente* nas várias línguas possam estar construções diferentes (cf. Kortmann 1991), não deixa de ser verdade que, sincronicamente, estas formas parecem sobrepor-se em alguns contextos nas várias línguas. Assim, as orações absolutas do inglês e do francês constroem-se com o 'participio presente', ao passo que as orações absolutas do português, do espanhol, e do italiano, constroem-se com o *gerundio/gerúndio*. Este último, historicamente, formou-se do *gerundivo* latino, o qual já teria quer um uso verbal, quer um uso adjectival (cf. Nunes 1989: 303). Kortmann (1991: 220, n.3 do cap.2), que refere Kühner & Stegmann 1966, faz remontar o *gerundio* ao *ablativus gerundii*, construção tardia do latim.

Em português, o participio presente - de terminação em *-nte* - em textos do s. 13 ainda era usado como forma verbal, alternando com o gerúndio - de terminação em *-ndo* (cf. também Nunes 1989: 303):

i) "Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, teme~te o dia de mia morte, a saude de mia alma (...)" (CIPM, s.13, HGP058)

ii) " (...) o testame~to que eu Lopo Rrodriguez de Nozedo ffaço iazendo na prigon de Deus & teme~do dia de meu pasame~to (...)" (CIPM, s. 13, TT)

O uso verbal do participio presente desaparece, passando a ser usado apenas como adjectivo no português moderno. O gerúndio substitui-se-lhe nos restantes contextos.

Assim, as construções absolutas podem ter por base formas verbais morfologicamente distintas, ainda que com semelhanças a nível sintáctico. As diferenças de comportamento entre línguas poderão assim ter na sua origem factores morfológicos, determinados pela diferente natureza da forma verbal que está na base da construção.

Apesar de estarmos perante formas de origens diferentes, creio que é possível sincronicamente estudar as suas diversas ocorrências e as propriedades que lhes estão associadas. Veja-se que, relativamente ao inglês, Zandvoort (1957: 43) diz que a distinção entre *gerund* e *present participle* tem por base a função e não a forma exterior.

- (70) a. I prefer [going to the beach].
 b. *Prefiro indo à praia.
 b'. Prefiro ir à praia.
- (71) a. John enjoyed [writing the book]. (Milsark 1988: 612)
 b. *O João apreciou escrevendo o livro.
 b'. O João apreciou escrever o livro.
- (72) a. [Writing the book] consumed much of George's time. (Milsark 1988: 612)
 b. *Escrevendo o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.
 b'. Escrever o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.
- (73) a. I consider [being unhappy] to be unpleasant. (cf. Johnson 1988: 585)
 b. *Eu considero ser desagradável [sendo infeliz]
 b'. Eu considero ser desagradável [ser infeliz].
- (74) a. Without saying good-bye, he took his hat and walked out of the house.
 (Zandvoort 1957: 26)
 b. *Sem dizendo adeus, ele pegou no chapéu e saiu de casa.
 b'. Sem dizer adeus, ...

Podemos pensar, na linha de Chomsky 2001a, que as gerundivas e participiais do português são categorias defectivas com uma natureza verbal, não podendo estabelecer uma relação de concordância apropriada com elementos que precisam de verificar traços- ϕ não interpretáveis (T ou v). Assim, dada a sua natureza inerentemente predicativa (ou verbal, se quisermos), estas orações não podem ocorrer em contextos tradicionalmente designados de marcação casual. A defectividade morfológica destas categorias oracionais explicará por que razão em português as gerundivas e participiais nunca ocorrem depois de preposições, que classicamente são tidas como elementos atribuidores de Caso¹⁵:

15 Note-se, contudo, que está registada a possibilidade de a oração com gerúndio ocorrer precedida da preposição *sem* em estádios mais recuados do português, nomeadamente no s. 14. Nos textos do s. 14 do CIPM foram encontradas algumas ocorrências de *sem* + gerúndio. A P *sem*, como é sabido, tem uma natureza negativa, o que é empiricamente observado pela possibilidade de esta P legitimar itens de polaridade negativa. Nos textos antigos, tanto quanto eu saiba, para além de *sem*, só está registada a ocorrência de gerundivas introduzidas por *em*, o que ainda acontece em português contemporâneo. Curiosamente, a ocorrência de gerundivas introduzidas por *sem* parece ser favorecida pela presença de uma palavra negativa na gerundiva - como *nenhum* - ou pela presença da conjunção coordenativa negativa *nem*, com a qual entra em correlação - *sem...nem...:*

i) "hade leuar as custas que ele a fara per jurame-to se~ faze~do certo do primejro dya ne~ do prestumeiro." (CIPM, s.14, CS)

- (75) a. John left without looking at her.
 b. *John left without to look at her.
- (76) a. *O João saiu sem olhando para ela.
 b. O João saiu sem olhar para ela.

As orações finitas e infinitivas, pelo contrário, serão categorias plenas, ϕ -completas, podendo estabelecer uma relação de concordância com as categorias funcionais com traços- ϕ não interpretáveis.

Assim, um CP que domine um IP contendo T defectivo é também ele morfologicamente incompleto. Um CP que domine um IP pleno é também ele morfologicamente e semanticamente pleno, ϕ -completo.

Por que razão não podem as gerundivas e participiais ocorrer com outro tipo de conectores não preposicionais, tais como as chamadas conjunções ou locuções conjuncionais adverbiais?

A explicação desta restrição passará provavelmente pelo grau de finitude da oração. Como é consensual, existe uma relação estreita entre as categorias funcionais do domínio C e a categoria proposicional IP, i.e. pode considerar-se que C, para além de

ii) "E que uos ssem outra Justiça ne~hua possades pe~horar no uosso pelo uosso ssem me chama~do Eu por elo fforçado ne~ A fforça noua..." (CIPM, s.14, DN)

iii) "e como se levantara contra seu senhor sem avendo nem hu~a razon aguisada, deron por sentença (...)" (CIPM, s.14, CGE, F 64a)

iv) "e sayo pella porta da vyla soo, sem sabendo ne~ hu~u~ o que elle queria fazer (...)" (CIPM, s. 14, CGE, F 196 v)

v) "E, andando assi sem avendo ne~ hu~u~ bõd conselho, foy a elle hu~u~ filho de seu irma~a~o (...)" (CIPM, s.14. CGE, F 169c)

vi) "E partio da çidade depois de comer e foi dormir a Samto Amtonio, hu~a aldea que ssom dhi tres legoas, sem levamdo ja nehuu~a teemçom de matar o Comde" (*Crónica de D. João I*, cap.8)

vii) "E cõ esta fouteza partio estomçe de Samtarem, sem creendo nehu~u comtrairo que lhe aviir podesse" (*Crónica de D. João I*, cap.7)

No entanto, como me informou Ana Maria Martins (c.p.), a quem agradeço os exemplos da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, aparecem também gerundivas introduzidas por *sem* em que a P não se correlaciona com nenhuma palavra negativa:

viii) "E muitos dos que sse achegavom ao Meestre pera o aver de servir, sabemdo parte de taes averes per alguu~s que lho descobriam, pediam que lhes fizesse delles merçee, e elle sem mais deteemça sem sabemdo se era muito se pouco, outorgavalhe quamto pediam; e muitos açertavom mui gramdes allgos." (*Crónica de D. João I*, cap.27)

ix) "E dom Pero Ançores temiasse que, se el rei de Tolledo soubesse esto, que nom leixaria partir el rei dom Afomso sem lhe fazendo grandes posturas." (CIPM, s.14, CGE, F 209d)

x) "foisse veer com elle, sem avendo delle outra algu~a segura~ça ou tregoa." (CIPM, s. 14, CGE, F 212c)

Seria necessário um estudo mais aprofundado para perceber se há alguma propriedade nestes contextos que legitime a ocorrência de *sem*.

A ocorrência de gerundivas introduzidas por uma P parece estar restringida à P *em*, cujo estatuto preposicional pode ser posto em causa, e à P *sem*, cuja natureza negativa a torna claramente distinta de outras categorias da mesma classe.

outras funções, codifica propriedades de finitude da oração. Essa relação explicaria, por exemplo, por que razão alguns complementadores só ocorrem com frases finitas e outros só ocorrem com frases infinitivas, e ainda por que razão o complementador *que* em português nunca ocorre com infinitivas¹⁶. Esta é uma ideia antiga (cf. Rouveret 1980, Kayne 1982, Ambar, Loïs & Obenauer 1986, Ambar 1988 e.o.), que é desenvolvida em Rizzi 1997, por exemplo.

Assim sendo, não poderão ocorrer conectores especificados quanto a finitude em orações gerundivas e participiais¹⁷. Na realidade, nestas orações só podem ocorrer conectores de natureza adverbial¹⁸:

(77) Embora sendo tarde, o Zé não tinha sono.

(78) Mesmo não tendo sono, o Zé foi-se deitar.

(79) Uma vez feitas as malas, o Zé ficou pronto para partir.

Curiosamente, em variedades dialectais do português em que o gerúndio flexiona

¹⁶ Exceptuam-se eventualmente os casos das seguintes construções modais, discutidos no âmbito do projecto Cordial-sin (CLUL), em que *que* co-ocorre com uma infinitiva:

i) Há que ter muito cuidado.

ii) Tenho que ter muito cuidado. (construção alternativa à do português padrão 'Tenho de ter muito cuidado').

¹⁷ Na análise de Ambar 1988, dá-se conta da impossibilidade de ocorrerem complementadores em estruturas infinitivas através da hipótese de que estes só podem ocorrer em domínios em que T está positivamente especificado, i.e. foneticamente realizado, sendo de natureza verbal [+V] de acordo com Kayne 1982. Assim sendo, um elemento [+V] não poderá ocorrer como núcleo de uma oração argumental, a não ser que haja um elemento de natureza nominal que o ligue: o complementador.

¹⁸ Santos 1999 refere que são possíveis participiais com *depois de*.

i) Uma vez morto o Manuel, tivemos de o enterrar.

ii) ??Depois de terminado o trabalho, respirámos de alívio. Estas, contudo, parecem-me marginais na leitura eventiva, sendo francamente melhores na leitura não eventiva, contrastando assim com as participiais introduzidas por 'uma vez':

i) Depois de morto, o Manuel continuava a dar trabalho.

'depois de estar morto/'depois de ter sido morto'

ii) Depois de terminado, o trabalho parecia fácil.

'depois de estar terminado'

iii) ??Depois de morto o Manuel, tivemos de o enterrar.

vi) Uma vez terminado o trabalho, respirámos de alívio

Também Ambar 1988 cita exemplos de Casteleiro 1981 com construções introduzidas por *depois de* com certos adjectivos aproximáveis de formas verbais.

As participiais com *com* (ou *sem*), que Santos 1999 também refere, em que é obrigatória a ordem DP-verbo, distinguem-se claramente das participiais absolutas, podendo provavelmente ser aproximadas dos participios predicativos. Isto é teríamos uma oração pequena como complemento da P *com*. A leitura tipicamente não eventiva destas construções, assim como a impossibilidade de omitir o DP dá alguma força a esta hipótese:

vii) O Zé saiu de casa com a cara lavada em lágrimas/com as calças rasgadas/com o chapéu posto na cabeça.

viii) *O Zé saiu de casa com posto na cabeça.

em pessoa/número, são possíveis conectores típicos de frases finitas. Isto parece sugerir que a morfologia visível de concordância, neste caso, aproxima as orações gerundivas das frases finitas, e confirma a hipótese de que há uma relação estreita entre o domínio funcional de CP e o domínio funcional de IP:

- (80) ...aquilo, se o homem não arrebentando... (Palma 1967)
- (81) E depois, nós éramos quatro irmãos e{fp} ficámos só com minha mãe e eu, como sendo o mais velho, [...] é que fui sempre o mais escravo. (Cordial-sin, AAL35)
- (82) Quando sentindim outros animais, espantam-se (Odeleite, in Cruz 1969)
- (83) Onde estando a menina está alegria (Nisa, in Carreiro 1948)
- (84) Quando a ovelha rasando o dente é badana. (Colos, in Guerreiro 1968)
- (85) Quando ele estando demais, já cheira a azedo. (Cordial-sin, PAL30)
- (86) Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleguinho de batata - um saco de batatas - vou dar aí a todas essas velhas que aí estão... (Cordial-sin, LVR24)
- (87) Que elas quando começadem a aparecer... (Cordial-sin, LVR33)

Como tem sido observado, não há uma dicotomia clara entre orações finitas/orações não finitas (cf. Vincent 1998, Rizzi 1997; e.o.). Parece antes haver uma escala nos valores de finitude, um contínuo que vai das orações finitas com indicativo, que estarão no topo da escala, às orações infinitivas não flexionadas, que estarão na base da escala. A noção de que não há uma dicotomia clara entre orações finitas e orações não finitas está implícita também em propostas como a de Ambar 1988, que, através de diferentes combinações de traços para as categorias funcionais T e Agr ([+/- T], [+/- Agr] e [+/- forte]), dá conta de diferentes propriedades de orações no indicativo, no conjuntivo, com infinitivo flexionado e não flexionado.

Também Rouveret 1980 problematiza a noção tradicional de finitude e considera a seguinte definição de oração finita:

"Est une proposition «finie» toute proposition dans laquelle une marque morphologique sur le verbe et/ou sur le sujet manifeste une relation entre ces deux termes. Le cas nominatif assigné à un NP sujet ou les désinences de personne et nombre attachées au thème verbal suffisent à identifier une proposition comme «finie»."

Rouveret (1980: 76)

Nesta perspectiva, serão 'finitas' as orações de infinitivo flexionado, as orações infinitivas pessoais do espanhol (cf. Fernández Lagunilla 1987; Piera 1987; Ledgeway 2000; e.o.) e ainda as orações gerundivas do português (quer standard, quer dialectal), do espanhol, e do italiano, em que o sujeito pode ser lexicalizado e está aparentemente marcado com Caso nominativo.

A diferente distribuição sintáctica do gerúndio no português e das formas com *-ing* do inglês seria assim atribuível à diferente especificação morfológica das orações gerundivas no português, que seriam de natureza 'verbal', morfológicamente defectivas, e no inglês, que seriam morfológicamente ambíguas entre categorias nominais (*gerund*) e categorias verbais (*present participle*). Só no primeiro caso é que a oração seria φ -completa.

Assim, as orações gerundivas do português, italiano e espanhol, e as orações de participípio presente do francês e do inglês seriam intrinsecamente de natureza verbal, predicativa, não podendo ocorrer em posições argumentais.

Resta saber como se traduz esta propriedade na estrutura funcional destas orações. Uma hipótese é relacionar as propriedades morfológicas e distribucionais de orações gerundivas e participiais com a sua natureza categorial. Recorde-se que em *Derivation by Phase*, Chomsky (2001a: 6) assume que C é uma categoria φ -completa, ao passo que T pode não o ser. Chomsky também considera a hipótese de T de participípio passado ser defectivo, no sentido em que não valida e não elimina traços de Caso de N.

Podemos assim colocar a hipótese de que as orações gerundivas e participiais não são projecções de C, mas sim de uma outra categoria funcional que não é φ -completa, eventualmente de natureza aspectual. Em alternativa, podemos assumir que a categoria C que encabeça as gerundivas tem propriedades diferentes da categoria C que encabeça orações finitas, com diferentes especificações morfológicas. Voltarei a esta questão mais à frente, procurando argumentos empíricos para decidir quanto ao estatuto categorial de gerundivas e participiais.

4.3. O estatuto sintáctico-discursivo das adverbiais gerundivas e participiais: uma consequência de propriedades morfológicas e de restrições semânticas

Consideremos agora o estatuto sintáctico-discursivo das orações gerundivas e participiais. Como já referi, no ponto 3 foi proposto que o estatuto sintáctico-discursivo de pelo menos algumas das orações adverbiais finitas e infinitivas resulta de propriedades lexicais associadas aos seus conectores, estando alguns deles apenas positivamente especificados quanto a um traço [pressuposicional] ou [conforme às expectativas].

Como referi, esta hipótese torna-se problemática quando consideramos as orações gerundivas e participiais que não são introduzidas por conectores. Para estas estruturas, a distribuição sintáctica não pode ser atribuída a diferenças lexicais entre conectores.

Como definir então o estatuto sintáctico e discursivo de gerundivas e participiais?

Se considerarmos os critérios identificados no capítulo 3. para distinguir entre classes sintácticas e discursivas de adverbiais (posição, clivagem, escopo da negação...), verificamos que as participiais se comportam como adverbiais periféricas, e que, dentro das gerundivas, há estruturas com comportamentos distintos, i.e. algumas gerundivas têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas, outras têm comportamentos típicos de adverbiais não periféricas.

4.3.1. Gerundivas - classes sintácticas

1. Valores semânticos típicos

Em primeiro lugar, gerundivas periféricas (de frase) e gerundivas não periféricas (de predicado) distinguem-se quanto aos valores semânticos típicos que lhes estão associados. As gerundivas podem expressar a causa, o tempo, a condição, a concessão e o modo. Não podem expressar o fim¹⁹. No entanto, enquanto as gerundivas periféricas expressam tipicamente valores como a condição, a causa, a concessão e o tempo (não

¹⁹ Encontra-se por vezes referido um valor final em gerundivas como:

i) Tendo em vista uma maior produtividade da empresa, foram empreendidas algumas reformas.

Parece-me que aqui o valor dito 'final' é dado pela expressão 'ter em vista', não sendo possível com qualquer tipo de predicado.

simultâneo), as gerundivas não periféricas (de predicado), tipicamente expressam o modo/meio, o tempo (simultâneo), e um valor que se situa entre a condição e o modo. Na realidade, o tipo de relação de causalidade expresso numa gerundiva, corresponde sempre a uma 'causa dada', contrariamente àquilo que acontece com causais finitas e infinitivas. Para a interpretação das gerundivas concorrem vários factores de ordem semântica e pragmática, tais como o tempo gramatical da frase matriz, a presença da negação, o tipo de predicado presente na gerundiva (i.e. o facto de se tratar de um predicado de fase (*stage level*) ou de indivíduo (*individual level*)), e relações de inferência, entre outros factores (cf. Stump 1985; Kortmann 1991).

Como as gerundivas não são introduzidas por conectores, a sua interpretação é por vezes indeterminada, podendo oscilar entre a causa e o tempo, a condição e o modo... Os valores semânticos possíveis para cada uma das classes são exemplificados de seguida.²⁰

As **gerundivas periféricas** podem expressar a causa, a concessão, o tempo (anterior ou simultâneo) e a condição. Quando a interpretação é causal, encontra-se normalmente o gerúndio composto com verbos não estativos e o gerúndio simples com verbos estativos (cf. também Guéron & Hoekstra 1995; Espunya i Prat 1996: 110). As gerundivas que exprimem a concessão são frequentemente (mas não obrigatoriamente) introduzidas por expressões como *mesmo* ou *embora*. Pode haver ainda gerundivas de enunciação.

causa:

(88) Havendo poucas inscrições, o atelier fechou.

'Como havia poucas inscrições, ...'

(89) Chegando atrasado, o Zé já não arranjou lugar sentado.

'Como chegou atrasado, ...'

(90) Tendo dormido pouco, o Zé sentia-se cansado.

'Como tinha dormido pouco, ...'

concessão:

(91) Mesmo tendo chegado atrasado, o Zé conseguiu acompanhar a aula.

'Apesar de ter chegado atrasado, ...'

²⁰ As glosas dadas para as gerundivas destinam-se apenas a facilitar a interpretação preferencial que lhes é atribuída.

- (92) Mesmo havendo poucas inscrições, o atelier não fechará.
'Mesmo que haja poucas inscrições,...'
- (93) Sabendo que me é impossível tratar todas as estruturas, vou no entanto referir algumas propriedades.
'Embora saiba que me é impossível tratar todas as estruturas,...'

tempo (anterior ou simultâneo):

- (94) Tendo as crianças adormecido, os pais foram deitar-se.
'Depois de as crianças adormecerem,...'
- (95) Estando os meninos a dormir, o pai ouviu um estrondo enorme.
'Quando os meninos estavam a dormir,...'

condição:

- (96) Ficando o Zé sentado ao teu lado, poderás pedir-lhe ajuda.
'Se o Zé ficar sentado ao teu lado,...'
- (97) Chegando o comboio às oito e meia, não conseguirias apanhar a ligação.
'Se o comboio chegasse às oito e meia,...'
- (98) Havendo poucas inscrições, o atelier fechará.
'Se houver poucas inscrições, ...'

enunciação

- (99) Pensando bem, como é que vais conseguir chegar a tempo?
- (100) Resumindo, existem duas soluções para o problema.

As **gerundivas não periféricas**, como mostram os seguintes exemplos, podem expressar o modo, meio ou instrumento, um valor que se situa entre a condição e o modo, e ainda o tempo simultâneo.

modo/meio/instrumento:

- (101) Os ladrões arrombaram a porta usando um martelo.
'Os ladrões arrombaram a porta com um martelo'
- (102) As andorinhas construíram os ninhos juntando pequenos ramos.
'As andorinhas construíram os ninhos com pequenos ramos'

condição/modo

- (103) Os atletas teriam melhores resultados treinando mais horas por dia.
'..., se treinassem mais horas por dia'
- (104) O Zé teria menos dores ficando deitado.
'..., se ficasse deitado.'

tempo (simultâneo)

(105) O Zé encontrou a solução para o problema passeando pela cidade.

'..., quando passeava pela cidade.'/'..., ao passear pela cidade.'

(106) O Zé recebeu a notícia estando de férias nos E.U.A.

'..., quando estava de férias nos E.U.A.'

2. Posição não marcada

Em segundo lugar, gerundivas periféricas e gerundivas não periféricas distinguem-se quanto à posição não marcada que ocupam na frase complexa.

As **gerundivas periféricas** tipicamente ocorrem em posição inicial (e de uma forma marcada em posição final precedida de pausa ou quebra entoacional - ||)²¹:

(107) a. Estando com febre, o Zé faltou à aula.

b. *O Zé faltou à aula estando com febre.

c. ?O Zé faltou à aula, || estando com febre... [só como 'after-thought']

As **gerundivas não periféricas** tipicamente ocorrem em posição final não precedida de pausa:²²

(108) a. O João não conseguiu fazer o pudim batendo as claras em castelo.

b. Batendo as claras em castelo, o João não conseguiu fazer o pudim.

[interpretação diferente de a.]

As gerundivas não periféricas podem também ocorrer em posição inicial, mas nesse caso a sua interpretação é alterada, sendo plausível supor que não foram deslocadas de uma posição pós-verbal, mas sim geradas basicamente à esquerda, tal como foi sugerido para as adverbiais finitas e infinitivas (ou, em alternativa, pode supor-se que não estão sujeitas a reconstrução). Veja-se que as gerundivas não periféricas iniciais não estão sob o escopo de Neg matriz, e modificam a frase mais alta, à qual estão adjacentes. Assim, as frases de b. não podem ter a mesma interpretação que

²¹ As gerundivas de 'posterioridade' (ou 'coordenadas') (cf. 4.1.2. ex. (33)) só ocorrem em posição final, e são sempre precedidas de uma quebra entoacional

i) Os ladrões foram finalmente identificados, || sendo presos um dia depois.

ii) *Sendo presos um dia depois, os ladrões foram finalmente identificados.

²² Deixo aqui de parte as orações gerundivas ditas 'intercaladas', cujo estatuto é mais controverso.

as frases de a.:

- (109) a. Os chimpanzés constroem os seus ninhos juntando pequenos ramos.
b. Juntando pequenos ramos, os chimpanzés constroem os seus ninhos.
- (110) a. Os chimpanzés não constroem os seus ninhos juntando folhas secas.
b. *[Juntando folhas secas]_i, os chimpanzés não constroem os seus ninhos [-]_i.
- (111) a. A Ana acha que os chimpanzés constroem os seus ninhos juntando pequenos ramos.
b. *[Juntando pequenos ramos]_i, a Ana acha [que os chimpanzés constroem os seus ninhos [-]_i].

No entanto, a leitura 'reconstruída' parece ser possível quando está presente um verbo modal e o tempo futuro/condicional na frase subordinante:

- (112) a. O Zé não consegue chegar ao armário subindo para cima do banco.
b. Subindo para cima do banco, o Zé não consegue chegar ao armário.
- (113) a. Os atletas não conseguirão melhorar os resultados treinando só duas horas por dia.
b. Treinando só duas horas por dia, os atletas não conseguirão melhorar os resultados.
- (114) a. O treinador disse que os atletas não conseguiriam melhorar os resultados treinando só duas horas por dia.
b. Treinando só duas horas por dia, o treinador disse que os atletas não conseguiriam melhorar os resultados.

Não sei explicar a razão destes contrastes. O futuro e o condicional, assim como determinados verbos modais têm implicações óbvias na interpretação das gerundivas e de outras adverbiais.

Tal como foi descrito para as adverbiais finitas e infinitivas, também nas gerundivas é possível distinguir gerundivas periféricas e não periféricas pelo seu comportamento relativamente a: clivagem; resposta a interrogativas-Qu; escopo da negação matriz; interrogativas e negativas alternativas (cf. Lonzi 1988; Fernández

Lagunilla 1999).

3. Clivadas:

As **gerundivas periféricas** (de frase) não podem ocorrer em estruturas clivadas:

(115) *Foi estando doente que o Zé faltou às aulas. <causa>²³

(116) ?*Foi estando toda a gente a dormir que os ladrões entraram. <tempo>

(117) *É mesmo estando fora do país há tantos anos que o teu irmão fala bem português. <concessiva>

As **gerundivas não periféricas** (de predicado), pelo contrário, podem ocorrer em estruturas clivadas:

(118) Foi arrombando a porta com um maçarico que os ladrões conseguiram entrar. <modo/meio>

(119) É juntando pequenos ramos que os chimpanzés constroem os ninhos. <modo>

(120) Foi passeando à beira-mar que eu tive esta ideia. <tempo/modo?>

(121) Era treinando mais horas por dia que os atletas conseguiriam melhores resultados. <condição/modo?>

4. Respostas a interrogativas-Qu:

As **gerundivas periféricas** não podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

(122) - Por que é que o Zé faltou à aula?

- *Estando doente.

²³ João Costa (c.p.) observou que, mudando o tempo gramatical, a frase melhora:

i) ?É estando doente que o Zé falta às aulas.

ii) ?Era estando doente que o Zé faltava às aulas.

No entanto, parece-me que, neste caso, a interpretação da gerundiva já não é causal mas sim temporal – 'é quando está/estava doente que...!'. Veja-se a impossibilidade de esta gerundiva responder a uma interrogativa com 'porque' vs. possibilidade de responder a 'quando'. De facto, o tempo gramatical da oração matriz é um dos factores que condiciona a interpretação semântica da gerundiva. A forma como o tempo gramatical da matriz interfere na interpretação da gerundiva é uma questão que não explorei sistematicamente.

(123) – Em que circunstâncias é que o John fala muito bem português?

– *Mesmo sendo estrangeiro.

(124) – Quando é que os alunos saíram a correr?

a. - ??/*Tendo as aulas acabado.

As **gerundivas não periféricas**, pelo contrário, podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

(125) – Como é que os ladrões entraram em casa?

– Arrombando a porta com um maçarico.

(126) – Quando é que o João encontrou o irmão?

- Passeando pela baixa.

(127) – Como/Em que circunstâncias é que os atletas teriam melhores resultados?

– Treinando mais horas por dia.

5. Escopo da negação da frase matriz:

As **gerundivas periféricas** não podem estar sob o escopo da negação matriz.²⁴ A negação que aqui está em causa, como já foi dito, é a negação chamada por vezes 'negação de foco'.

(128) a. Estando triste, o Zé não foi ao cinema.

b. O Zé não foi ao cinema, estando triste (*mas sim estando muito interessado no filme).

Pelo contrário, as **gerundivas não periféricas** podem estar sob o escopo da negação matriz:

(129) O Zé não ligou o aparelho seguindo as instruções. (Ligou-o de qualquer maneira)

(130) Os chimpanzés não constroem os ninhos esburacando no solo. (Constroem-nos juntando pequenos ramos)

²⁴ Também as 'gerundivas de posterioridade' (ou 'coordenadas') têm de estar fora do escopo da negação matriz:

i) Os ladrões não foram imediatamente identificados, sendo presos uns dias depois (*mas sim sendo procurados pela polícia durante vários meses).

6. Interrogativas e negativas alternativas:

As **gerundivas periféricas** não podem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas:

(131) *O Zé chegou atrasado tendo adormecido ou tendo apanhado um engarrafamento? <causa>

(132) *O Zé veio à aula mesmo estando doente ou mesmo tendo muito trabalho? <concessão>

(133) *Os pais foram para a cama tendo as crianças adormecido ou tendo o telejornal chegado ao fim? <tempo/causa>

Pelo contrário, as **gerundivas não periféricas** podem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas:

(134) Os ladrões arrombaram a porta batendo com um martelo ou usando um maçarico? <modo/meio>

(135) Os atletas teriam melhores resultados alimentando-se melhor ou treinando mais horas por dia? <modo/condição>

(136) O Zé assistiu ao acidente passeando pela rua ou conduzindo na autoestrada? <tempo simultâneo>

7. Conclusão:

Temos assim claramente duas classes sintáticas de gerundivas adjuntas, estando a distribuição sintática das gerundivas aparentemente associada a diferentes possibilidades de valores semânticos:

- i) as gerundivas com interpretação de modo, modo/meio, modo/condição e tempo simultâneo têm comportamentos de adverbiais não periféricas;
- ii) as gerundivas de causa, tempo anterior, concessão têm comportamento de adverbiais periféricas.

4.3.2. Participiais - classe sintáctica

Quanto às **participiais**, o valor temporal é claramente o dominante. Santos 1999 afirma que pode também haver leituras secundárias de causa e condição se a classe aspectual do predicado assim o permitir.

(137) Corrigidos os testes, a professora lançou as notas. <temporal>

(138) Uma vez terminado o trabalho, o Zé poderá descansar. <temporal/
condicional?>

(139) Terminada a conferência, todos puderam ir para casa. <temporal/causal?>

Quanto aos testes sintácticos que temos estado a considerar, verificamos que as participiais adjuntas:

i) ocorrem de forma não marcada em posição inicial de frase:

(140) Chegada a casa, a Ana descalçou-se.

ii) apenas ocorrem em posição final de forma muito marcada e nunca sem serem precedidas de quebra entoacional (e ainda assim marginalmente), comportando-se assim como as gerundivas periféricas:

(141) ??A Ana descalçou-se, *(||) chegada a casa.

iii) não podem ser clivadas:

(142) *Foi chegada a casa que a Ana se descalçou.

(143) *É chegada a casa que a Ana se descalça.

iv) não podem estar sob o escopo da negação:

(144) *A Ana não se descalçou chegada a casa.

v) não podem estar sob o escopo de operadores de foco:

(145) *A Ana só se descalçou chegada a casa.

vi) não podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu:

(146) *Quando é que a Ana se descalçou?/ Chegada a casa.

vii) não podem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas:

(147) *A Ana descalçou-se chegada a casa ou feito o trabalho?

(148) *A Ana não se descalçou chegada a casa, mas sim feito o trabalho.

Concluimos assim que as participiais adjuntas têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas.

4.3.3. Gerundivas e participiais vs. finitas e infinitivas

Assim, as diferentes classes semânticas de orações gerundivas e as orações participiais estão sintacticamente distribuídas da seguinte forma:

- orações não periféricas: gerundivas de modo/meio/instrumento/condição, gerundivas de tempo simultâneo.
- orações periféricas: gerundivas causais, gerundivas de tempo anterior (ou simultâneo), gerundivas condicionais, gerundivas concessivas, participiais.

As gerundivas causais e de tempo não simultâneo assim como as participiais contrastam sistematicamente com as orações finitas e infinitivas causais e de tempo não simultâneo relativamente ao comportamento que manifestam numa série de construções sintáticas.

As participiais e um subconjunto de gerundivas comportam-se como adverbiais periféricas, ao contrário das finitas e infinitivas correspondentes.

Assim, as finitas e infinitivas causais com *por* e *porque* podem ocorrer em posição final sem quebra entoacional, o que não acontece com as gerundivas causais, que ocorrem apenas em posição inicial:

- (149) a. O João chegou atrasado por haver muito trânsito.
b. O João chegou atrasado porque havia muito trânsito.
c. *O João chegou atrasado havendo muito trânsito.
c'. Havendo muito trânsito, o João chegou atrasado.
(= Uma vez que havia muito trânsito, ...)

As finitas e infinitivas causais com *por* e *porque* admitem a clivagem, o que não se verifica relativamente às gerundivas causais:

- (150) a. Foi por haver muito trânsito que o João chegou atrasado.

- b. Foi porque havia muito trânsito que o João chegou atrasado.
- c. *Foi havendo muito trânsito que o João chegou atrasado.

As finitas e infinitivas causais com *por* e *porque* podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu, o que não acontece com as gerundivas causais

(151) Por que é que o João chegou atrasado?

- a. - Por haver muito trânsito.
- b. - Porque havia muito trânsito.
- c. - *Havendo muito trânsito.

As finitas e infinitivas temporais com *depois de/que* podem ocorrer em posição final sem quebra entoacional, o que não se verifica relativamente às participiais e gerundivas de tempo anterior, que tipicamente ocorrem em posição inicial:

(152) a. O João telefonou-me depois de chegar a casa.

b. O João telefonou-me depois que chegou a casa.

c. *O João telefonou-me chegado a casa.

c'. Chegado a casa, o João telefonou-me.

d. *O João telefonou-me tendo chegado a casa.

d'. Tendo chegado a casa, o João telefonou-me.

As finitas e infinitivas temporais com *depois de/que* podem estar sob o escopo de operadores de foco, o que não acontece com as participiais e com as gerundivas de tempo anterior:

(153) a. O João só me telefonou depois de chegar a casa.

b. O João só me telefonou depois que chegou a casa.

c. *O João só me telefonou chegado a casa.

d. *O João só me telefonou tendo chegado a casa.

As finitas e infinitivas temporais com *depois de/que* podem ocorrer em respostas a interrogativas-Qu, o que não se verifica relativamente às participiais e gerundivas de tempo anterior:

(154) Quando é que o João te telefonou?

a. - Depois de chegar a casa.

b. - Depois que chegou a casa.

- c. - *Chegado a casa.
- d. - *Tendo chegado a casa.

As orações gerundivas que marcam o tempo simultâneo e as orações gerundivas de modo comportam-se de forma diferente das gerundivas causais e de tempo anterior. Têm comportamentos típicos de adverbiais não periféricas. Aproximam-se, por conseguinte, das adverbiais finitas e infinitivas correspondentes.

Assim, quer as temporais finitas com *quando*, quer as gerundivas de tempo simultâneo podem ocorrer em posição final sem quebra entoacional (cf. (155)), podem constituir resposta a interrogativas-Qu (cf. (156)), podem estar sob o escopo da negação matriz (cf. (157)), e admitem a clivagem (cf. (158)):

- (155) a. O João teve essa ideia quando estava a passar férias em Roma.
 - b. O João teve essa ideia estando a passar férias em Roma.
- (156) Quando é que o João teve essa ideia?
 - a. - Quando estava a passar férias em Roma.
 - b. - Estando a passar férias em Roma.
- (157) a. O João não teve essa ideia quando estava a passar férias em Roma.
 - b. O João não teve essa ideia estando a passar férias em Roma.
- (158) a. Foi quando estava a passar férias em Roma que o João teve essa ideia.
 - b. Foi estando a passar férias em Roma que o João teve essa ideia.

Também as gerundivas com interpretação de modo têm comportamentos semelhantes:

- (159) Os meninos construíram a cabana usando canas e folhas.
- (160) - Como é que os meninos construíram a cabana?
 - Usando canas e folhas.
- (161) Os meninos não construíram a cabana usando canas e folhas.
- (162) Foi usando canas e folhas que os meninos construíram a cabana.

Voltarei a estes contrastes mais adiante.

4.3.4. Posição estrutural das várias classes de gerundivas e participiais; estatuto discursivo

Estruturalmente, há razões para pensar que gerundivas não periféricas e periféricas ocupam posições semelhantes às de finitas e infinitivas da mesma classe, uma vez que têm comportamentos semelhantes. Considero assim que a análise que foi proposta em 3. para as adverbiais finitas e infinitivas é extensível às gerundivas e participiais.

Tudo leva a crer que as gerundivas não periféricas à direita são geradas numa posição de adjunção a VP (cf. também Lonzi 1988) e que gerundivas e participiais periféricas possam ser adjuntas à esquerda quer a CP (ou a AgrSP eventualmente), quer a TP. As gerundivas periféricas ocupam posições periféricas altas, ao passo que as gerundivas não periféricas são adjuntas a posições baixas. Isto é mostrado pelo comportamento das adverbiais nos testes que envolvem questões de escopo (e.g. negação), se admitirmos que este tipo de Neg é um nó funcional acima de VP, e ainda pela diferente marcação prosódica aparentemente associada a cada um dos tipos de adverbiais. De facto, as orações gerundivas periféricas (de frase) têm sido tratadas na literatura como estando adjuntas a CP (cf. Espunya 1996, p.ex.) ou a IP (cf. Lonzi 1988; Ambar 1988, p.ex.).

A hipótese de adjunção a VP de adverbiais não periféricas é confirmada ainda pela possibilidade de deslocar o VP complexo ou apenas o VP nuclear:

(163) a. Foi [amarrar a senhora usando a corda do estendal] o que os ladrões fizeram.

b. Foi [amarrar a senhora] o que os ladrões fizeram [usando a corda do estendal].

(164) a. Foi [construir a cabana usando pequenos ramos], o que o João fez.

b. Foi [construir a cabana], o que o João fez [usando pequenos ramos].

(165) a. Foi [fumar um cigarro passeando pela baixa] o que o João fez.

b. Foi [fumar um cigarro] o que o João fez [passeando pela baixa].

Para além disso, a impossibilidade de o sujeito nulo da gerundiva ser controlado pelo objecto matriz sugere que este não a c-comanda:

(166) Os ladrões_i prenderam a velhota_j [-]_{i/*j} gritando.

Outros argumentos para a adjunção de periféricas a CP vêm da possibilidade de a gerundiva poder preceder um constituinte interrogativo em Spec,CP matriz:

(167) Estando o Pedro com febre, quem fica a tomar conta dele?

(168) Terminado o trabalho, quem me pode ajudar?

A possibilidade de adjunção a AgrSP ou a um CP recursivo em encaixadas é exemplificada pelas seguintes frases:

(169) O João acha que, estando todos de acordo, (que) poderemos terminar a reunião.

(170) O João acha que, terminada a campanha eleitoral, haverá mais sossego.

As seguintes frases, em que o sujeito presumivelmente não está deslocado (cf. referências no §3.), confirmam a possibilidade de adjunção a TP²⁵:

(171) ?Nenhum país, sendo a América tão forte, ousaria atacá-la.

(172) ?Ninguém, ouvida a sentença, poderá protestar.

O comportamento de cada um dos tipos de adverbais relativamente às construções referidas acima indicia, por um lado, que adverbais periféricas e adverbais não periféricas ocupam uma diferente posição estrutural, e, por outro lado, que elas estão associadas a diferentes propriedades discursivas (i.e. [+ pressuposicional] / [α pressuposicional]). Como vimos, estes testes têm em comum o facto de envolverem construções de alguma forma associadas a foco. As adverbais de frase (ou periféricas) são incompatíveis com construções de focalização, sendo plausível pensar que lhes está associado um valor pressuposicional.

No caso das orações finitas e infinitivas, tomámos o comportamento das diversas classes de adverbais como sendo uma consequência de traços discursivos codificados nos seus conectores. A mesma explicação não é possível nem para gerundivas, nem para participiais. Como derivar então o estatuto sintáctico-discursivo das diversas classes de

²⁵ Há que considerar a hipótese de a gerundiva ter aqui um estatuto de 'oração intercalada'. As estruturas intercaladas, como é sabido, têm uma distribuição muito mais livre. No entanto, quando os elementos 'intercalados' são de natureza frásica, não é fácil saber qual o seu estatuto exacto, uma vez que as orações constituem normalmente domínios entoacionais independentes.

gerundivas e participiais?

As gerundivas periféricas e as participiais, apesar de não terem normalmente conector, parecem ter também uma leitura pressuposicional. Veja-se, por exemplo, que uma gerundiva causal só pode ser parafraseada por uma causal finita periférica, mas não por uma causal não periférica:

- (173) a. Estando doente, o Zé não pôde fazer o exame.
b. Como estava doente, o Zé não pôde fazer o exame.
c. ≠ O Zé não pôde fazer o exame porque estava doente.

Repare-se também que determinadas gerundivas cuja leitura poderia ser tomada como não pressuposicional são marginais, contrastando com as finitas e infinitivas correspondentes:

- (174) a. ??/*Tendo as crianças adormecido, os pais poderão sair.
b. Quando as crianças tiverem adormecido, os pais poderão sair.
c. Depois de as crianças terem adormecido, os pais poderão sair.

Quanto às participiais, verificamos que existem também restrições. A leitura secundária condicional só é marginalmente possível se estiver presente um verbo modal na matriz, e ainda assim a interpretação da adjunta finita é claramente diferente daquela que recebe a participial, que pressupõe que o conteúdo proposicional da adjunta é verdadeiro:

- (175) a. Se entregarem o trabalho, os alunos terão uma bonificação.
b. Entregado o trabalho, os alunos terão uma bonificação.
<ok temporal 'Depois de entregarem o trabalho,...'
*condicional 'Se entregarem o trabalho,...'>

- (176) a. Se entregarem o trabalho, os alunos poderão ter uma bonificação.
b. Entregado o trabalho, os alunos poderão ter uma bonificação. <ok temporal/??condicional>

Estes contrastes sugerem as seguintes questões:

- o que força a leitura pressuposicional de participiais e gerundivas periféricas?
- como se pode explicar que as adverbiais causais e de tempo anterior finitas e infinitivas tenham um comportamento sintáctico diferente de gerundivas e participiais com a mesma interpretação semântica?
- por que razão há gerundivas com diferentes comportamentos sintácticos? Como explicar isso na ausência de conectores?
- como se explica que as participiais só tenham comportamento de periféricas?
- de que forma é que a interpretação semântica destas adverbiais condiciona o seu comportamento sintáctico (ou vice-versa)?

Procurarei responder a algumas destas questões na próxima secção.

4.3.5. Diferenças relevantes: gerundivas e participiais vs. finitas e infinitivas - o estatuto morfológico das orações gerundivas e participiais

Como explicar o comportamento de gerundivas e participiais, em particular a diferença manifesta relativamente a adverbiais finitas e infinitivas semanticamente correspondentes?

Consideremos a seguinte hipótese: gerúndio e participípio são morfológicamente defectivos. Isto é, T de gerúndio e participípio, quando se encontra c-comandado por T matriz, é anafórico, isto é, terá de tomar a sua referência temporal de T matriz, o que implica que seja sempre interpretado como simultâneo. T de gerundivas e participiais não corresponderia assim a um T pleno, mas a um T fraco, ou se quisermos a um nó aspectual, que, sob o domínio de um T pleno, fica temporalmente dependente deste²⁶.

²⁶ Em Ambar 1988 está presente a ideia de que T [-T, -forte] é anafórico e precisa de ser regido. Na minha análise, embora mantenha a ideia de um certo carácter 'anafórico'/dependente de T de gerundivas e participiais, assumo que T de gerundivas e participiais não é necessariamente estruturalmente dependente de T matriz. Apenas quando se encontra numa posição estrutural em que há c-comando por T matriz (o que, na minha análise, só se verifica em posições de adjunção 'baixas' e não em posições de adjunção a TP ou CP), é que T ficará 'ligado' por T matriz.

Hipótese

- T de gerundivas e participiais adjuntas é defectivo: quando c-comandado por T matriz, tem um comportamento anafórico, i.e. é obrigatoriamente interpretado como sendo temporalmente co-referente com T matriz, ou seja temporalmente simultâneo a/dependente de T matriz

Se isto for verdade, é plausível que determinadas interpretações não possam ocorrer quando a gerundiva ocupa uma posição baixa, i.e. quando está sob o domínio de c-comando de T matriz. Isso daria origem a um choque semântico, a uma incompatibilidade de natureza semântica.

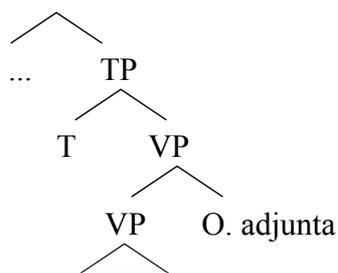
A interpretação semântica de causa e de tempo anterior implicam que a subordinada seja interpretada como temporalmente anterior. Veja-se que a relação causa-efeito corresponde também a uma relação de ordenação temporal (cf. § 3.1.)²⁷. Assim, é plausível supor que as gerundivas causais e temporais não simultâneas não possam ocorrer sob a dependência de T matriz.

O facto de o gerúndio ser morfologicamente defectivo, em conjunto com restrições de natureza semântica explicam assim que as gerundivas de causa e de tempo anterior sejam obrigatoriamente projectadas fora de TP, e tenham conseqüentemente comportamentos típicos de adverbiais periféricas.

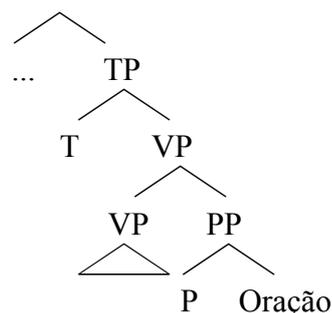
A dependência obrigatória de T matriz não se verifica no caso de infinitivas e finitas. Neste caso, pode supor-se ou que T não é anafórico ou que os conectores bloqueiam a dependência de T matriz. Tratando-se de uma relação que se estabelece entre núcleos, haverá bloqueio da relação se um núcleo lexical se interpuser:

²⁷ Recorde-se os dados que foram referidos em 3.1., que mostram que em várias línguas em que um conector pode ter quer interpretação final quer causal o facto de o verbo estar no infinitivo composto é suficiente para condicionar a leitura causal. Assim, a anterioridade temporal é um traço associado à relação de causalidade. Cf. também Hengeveld 1998 que refere que a causa tem sempre referência temporal independente.

(177)



(178)



Quanto às participiais, pode assumir-se uma análise semelhante. Se assumirmos que o particípio passado é também defectivo, e portanto anafórico quando sob a dependência de T matriz, as restrições verificadas com as participiais podem ser explicadas. Na realidade, o particípio passado das adverbiais é inerentemente [perfectivo]. Por conseguinte, se ocorrer numa posição c-comandada por T matriz, haverá uma incompatibilidade de natureza semântica. Na ausência de preposição ou de conector adverbial, T defectivo do particípio passado será obrigatoriamente 'ligado' por T matriz.²⁸

A interpretação exclusivamente [+ pressuposicional] associada às gerundivas causais e de tempo anterior, assim como às participiais corresponderá assim a uma espécie de efeito co-lateral, ou seja, será uma consequência indirecta de propriedades morfológicas dos gerúndios e dos particípios das línguas românicas.

Esta hipótese prediz que, no caso de a gerundiva ou participial ser introduzida por um conector (não pressuposicional), a leitura não dependente seja facilitada.

Esta predição parece confirmar-se, a avaliar pelos contrastes apresentados em Santos 1999 relativamente a participiais com conectores²⁹:

(179) a. *Foi assaltado que o Luis entrou em pânico.

b. ?/ok Foi uma vez assaltado que o Luis entrou em pânico.

²⁸ Se isto for verdade, ter-se-á de admitir que as participiais predicativas têm um estatuto morfológico diferente, estando possivelmente mais próximas de categorias adjectivais, uma vez que podem ocorrer sob o domínio de c-comando de T matriz:

i) O João leu o livro sentado no meio do chão.

²⁹ Ambar 1988 nota pela primeira vez contrastes entre orações com e sem a expressão adverbial *uma vez* relativamente à legitimação da ordem Su-V e relativamente à legitimação de orações cujo predicado é de natureza adjectival, nominal ou preposicional.

(180) a. *Foi assaltado o Luís que os ladrões fugiram.

b. ?/ok Foi uma vez assaltado o Luís que os ladrões fugiram.

(exs. de Santos 1999: 134)

Também dados do português dialectal apontam no mesmo sentido. De facto, são possíveis gerundivas não periféricas introduzidas por *em* com sujeitos lexicais. O estatuto não periférico destas orações é comprovado pelo facto de a oração recair sob o escopo do operador *só*. Estas orações parecem assim ter comportamentos semelhantes às orações finitas introduzidas por *quando*³⁰:

(181) E bem só se vêem em chegando o tempo das águas. (Cordial-sin, LVR33)

Tal como acontece com as adverbiais não periféricas finitas e infinitivas, a posição inicial ou final das gerundivas não periféricas (i.e. com interpretação de modo, de condição/mo, ou de tempo simultâneo) será determinada pelo seu estatuto informacional, o que é confirmado, mais uma vez, através de pares pergunta-resposta (cf. testes de Ambar 1999 para o estatuto discursivo dos constituintes):

(182) - Como é que os meninos construíram a cabana?

a. - #Juntando canas e folhas, os meninos construíram a cabana.

b. - (Os meninos construíram a cabana) juntando canas e folhas.

(183) - O que fizeram os meninos juntando canas e folhas?

a. - Juntando canas e folhas, os meninos construíram uma cabana.

b. - #Os meninos construíram uma cabana juntando canas e folhas.

(184) - O que aconteceu?

a. - Os meninos construíram uma cabana juntando canas e folhas.

b. - ??Juntando canas e folhas, os meninos construíram uma cabana.

(185) - Quando é que tiveste essa ideia fantástica?

a. - #Passeando à beira-mar, tive esta ideia fantástica.

b. - (Tive esta ideia fantástica) passeando à beira-mar.

³⁰ Ambar (1988/1992: 121) também observa que a presença de *em* torna possíveis gerundivas com sujeitos disjuntos e sem auxiliar.

(186) - O que é que te aconteceu passeando à beira-mar?

a. - Passeando à beira-mar, tive uma ideia fantástica.

b. - #Tive uma ideia fantástica passeando à beira-mar.

(187) - O que aconteceu?

a. - Tive uma ideia fantástica passeando à beira-mar.

b. - ??Passeando à beira-mar, tive uma ideia fantástica.

As gerundivas não periféricas em posição final constituem o foco ou fazem parte dele. As gerundivas não periféricas em posição inicial correspondem a um tópico, ou dão o enquadramento da situação.

4.4. Gerundivas periféricas vs. gerundivas não periféricas e participiais - diferentes propriedades internas

Curiosamente, para além das diferenças de comportamento a nível externo, gerundivas não periféricas e gerundivas periféricas distinguem-se também quanto a uma série de propriedades internas (cf. Lonzi 1991 e Fernández Lagunilla 1999)³¹. Também as participiais se caracterizam por apresentarem uma série de restrições, conforme descrito em Santos 1999.

4.4.1. Propriedades internas de gerundivas do português

1. Sujeito lexical:

Um dos aspectos que distingue gerundivas periféricas de gerundivas não periféricas consiste na possibilidade de a gerundiva ter um sujeito lexical (invertido) marcado com Caso nominativo.

Só nas **gerundivas periféricas** pode ocorrer um sujeito lexical. Em português padrão (tal como em italiano e em espanhol), esse sujeito ocorre geralmente em posição pós-verbal (ou pós-auxiliar), como foi observado por vários autores (cf. Brito 1984; Ambar 1988; Barbosa 1995), e pode corresponder a um pronome com Caso nominativo:

(188) a. Tendo este aluno desistido, poderemos abrir mais uma vaga. <causa>

b. *Este aluno tendo desistido, poderemos abrir mais uma vaga.

(189) a. Mesmo sendo o Zé pouco simpático, a Ana está a pensar convidá-lo.

<concessão>

b. *Mesmo o Zé sendo pouco simpático, a Ana está a pensar convidá-lo.

Nas **gerundivas não periféricas**, não são admitidos sujeitos lexicais:

(190) a. *Os chimpanzés (só) constroem os ninhos juntando as fêmeas pequenos ramos. <modo> vs.

³¹ Algumas das propriedades aqui referidas para as gerundivas periféricas do português são também referidas em Santos 1999, onde se mostra que existe um contraste entre participiais absolutas e gerundivas absolutas.

- b. Os chimpanzés constroem os ninhos, || juntando as fêmeas pequenos ramos. (gerundiva de 'posterioridade')
- c. Os chimpanzés constroem os ninhos juntando pequenos ramos.

- (191) a. *O Zé encontrou o irmão passeando a mulher por Paris. <tempo>
- b. O Zé encontrou o irmão, || passeando a mulher por Paris.
 - c. O Zé encontrou o irmão passeando por Paris.

2. Negação:

Gerundivas periféricas e gerundivas não periféricas distinguem-se também quanto à possibilidade de terem negação própria.

As **gerundivas periféricas**, muito mais facilmente do que as gerundivas não periféricas, admitem negação própria (cf. também Guéron & Hoekstra 1995):

- (192) Não chegando a horas, terás dificuldade em estacionar. <condição>
- (193) Não tendo sido colocada, a Ana começou a enviar currículos para várias empresas. <causa>
- (194) Mesmo não tendo muita fome, vou almoçar. <concessão>

Nas **gerundivas não periféricas**, a negação só é admitida quando a gerundiva tem interpretação de modo, sendo o evento interpretado como intencional (cf. (197)):

- (195) a. *O Zé fez o bolo não batendo as claras em castelo. <modo> vs.
- b. O Zé fez o bolo, || não batendo as claras em castelo.
 - c. O Zé fez o bolo sem bater as claras em castelo.
- (196) a. *O Zé montou a estante não seguindo as instruções. vs.
- b. O Zé montou a estante sem seguir as instruções.
- (197) O Zé irritou o professor não respondendo (deliberadamente) a nenhuma pergunta.

3. Auxiliar:

As gerundivas periféricas distinguem-se ainda das não periféricas quanto à possibilidade de ocorrer o gerúndio composto, ou se quisermos quanto à possibilidade

de ocorrer o verbo auxiliar *ter*.

Nas **gerundivas periféricas**, pode ocorrer o gerúndio composto (marcando a anterioridade):

(198) Tendo chegado atrasado, o Zé já não arranjou lugar sentado. <causa>

(199) Tendo os filhos finalmente adormecido, os pais puderam descansar.
<tempo>

(200) Mesmo tendo recebido lições extra, o Zé não passou no exame.
<concessão>

(201) ?Tendo chegado mais cedo, terias conseguido arranjar lugar sentado.
<condição>

Nas **gerundivas não periféricas**, isto não acontece:³²

(202) a. O cozinheiro (não) fez o bolo misturando os ovos com as nozes. <modo>

b. ?*O cozinheiro (não) fez o bolo tendo misturado os ovos com as nozes.

c. O cozinheiro fez o bolo, # tendo (para isso) misturado os ovos com as nozes.

(203) a. O Zé descobriu a solução passeando pela cidade. <tempo>

b. *O Zé descobriu a solução tendo passeado pela cidade.

(204) a. O Zé recebeu a notícia estando (ainda) em Paris. <tempo>

b. *O Zé recebeu a notícia tendo estado em Paris.

c. O Zé recebeu a notícia, # tendo estado em Paris...

4. Determinações temporais:

As gerundivas periféricas distinguem-se também das não periféricas quanto à possibilidade de a gerundiva ter determinações temporais distintas da matriz.

³² O facto de as gerundivas periféricas poderem ocorrer, ainda que de forma marcada, em posição final pode por vezes dificultar a interpretação. A inserção da expressão anafórica 'para isso' força a interpretação correspondente à gerundiva periférica. Assim, as frases com gerundivas não periféricas devem ser lidas sem qualquer pausa ou quebra entoacional antes da gerundiva. Caso contrário, podemos estar a lidar não com uma gerundiva não periférica, mas com uma gerundiva periférica posposta. Agradeço a Manuela Ambar e a Rita Veloso terem-me sugerido a inserção de 'para isso' como forma de testar o estatuto da gerundiva.

As **gerundivas periféricas** admitem facilmente determinações temporais distintas da matriz:

(205) Recebendo hoje a confirmação, entregar-lhe-ei o documento amanhã.

<anterioridade>

(206) Chegando a tua mãe amanhã, comecei hoje a arranjar o quarto.

<posterioridade>

(207) Tendo recebido ontem o seu pedido, dir-lhe-ei brevemente se está tudo em ordem. <anterioridade>

Isto não acontece com as **gerundivas não periféricas**:

(208) a. *Os chimpanzés fizeram hoje os ninhos juntando ontem muitos ramos.

b. Os chimpanzés fizeram hoje os ninhos, juntando ontem (para isso) muitos ramos.

(209) a. ?*O Zé fez hoje o bolo batendo os ovos ontem.

b. O Zé fez hoje o bolo, batendo os ovos ontem.

(210) a. *O Zé fez ontem o bolo decorando-o hoje.

b. O Zé fez ontem o bolo, decorando-o hoje.

5. Interpretação dos sujeitos nulos:

As gerundivas periféricas distinguem-se ainda das não periféricas quanto às possibilidades de interpretação dos sujeitos nulos.

Nas **gerundivas periféricas**, embora seja geralmente assumido na literatura que o sujeito nulo da gerundiva é co-referente com o sujeito da matriz (cf. Brito 2003), existem alguns contextos em que o sujeito nulo da gerundiva não é identificado pelo sujeito da matriz. De facto, a identificação pelo objecto (directo, indirecto ou preposicionado) está excluída:

(211) ?* [-]_i Sendo muito nervosa, o Zé tenta não afligir [a mãe]_i.

(212) ?* [-]_i Sendo muito nervosa, o Zé deu um calmante [à mãe]_i.

(213) ?* [-]_i Estando um pouco deprimida, o Zé resolveu falar com [a amiga]_i.

No entanto, nas gerundivas periféricas do português, os sujeitos nulos:

- podem corresponder a expletivos:

(214) [-] Tendo chovido durante toda a tarde, o jardim estava todo molhado.

- podem ter interpretação arbitrária:

(215) [-] Fumando mais de um maço por dia, aumenta o risco de surgimento de cancro do pulmão.

- podem ser identificados por um tópico:

(216) a. [O bebé]_i está com febre há três dias. [-]_i Continuando assim, acho que o devemos levar ao médico.

b. [Eles]_i construíram já duas casas. [-]_{i/??j} Acabando de fazer a terceira, [a mãe]_j poderá ir morar para o pé deles.

- podem ser identificados marginalmente por um DP inserido num sujeito oracional de uma encaixada:

(217) a. ??[-]_i Estando com febre, a mãe achou que era melhor [[o Zé]_i ficar em casa].

b. ??[-]_i Estando com febre, não me agrada [que [o Zé]_i vá à escola].

Contudo, o caso mais frequente é sem dúvida a identificação do sujeito nulo da gerundiva pelo sujeito matriz:

(218) [-] Estando doente, o João ficou em casa.

Quando o sujeito da gerundiva periférica é lexical, é possível, em determinados contextos, a co-referência com o sujeito nulo da matriz, como foi aliás observado por Ambar 1988:

(219) Tendo o João_i sofrido um acidente, [-]_i teve de ficar internado durante uma semana.

(220) Estando a Ana_i a sair de casa, [-]_i ouviu um ruído estranho.

(221) Não sabendo o Rui_i falar inglês, [-]_i dificilmente se poderá fazer entender.

Quanto às **gerundivas não periféricas** (ou de predicado)³³ do português, é possível que o sujeito nulo seja identificado pelo sujeito da matriz, e marginalmente pode ter interpretação arbitrária, quando a oração matriz tem um valor genérico e não contém nenhum argumento humano específico.

(222) Foi [-]_{i/*j} gritando em altos berros que o pai_i castigou o Zé_j.

(223) Foi [-]_{i/*j} usando uma corda que a velhota_i prendeu os ladrões_j.

(224) ?É [-]_{arb} usando uma serra eléctrica que as árvores são mais fáceis de podar.

(225) ??É [-]_{arb} bebendo-a numa caneca que a cerveja sabe melhor.

(226) ?É [-]_{arb} usando água quente que a gordura sai melhor.

Ao contrário do que acontece nas gerundivas periféricas, não são possíveis nem a identificação pelo objecto ou agente da passiva da matriz, nem sujeitos expletivos, nem a identificação por um tópico:

(227) *Foi [-]_i usando uma corda que a velhota foi presa pelos ladrões_i.

(228) ?*Foi [-]_{expl} chovendo a potes que o Zé saiu de casa.

(229) O João_i está com muita febre. ?*É [-]_i continuando assim que os pais o levarão ao médico.

Nalguns casos é possível a identificação por um argumento experienciador da matriz:

(230) Essa ideia ocorreu-me_i [-]_i passeando à beira-mar.

4.4.2. Propriedades internas de participiais do português

Algumas das restrições internas referidas para as gerundivas não periféricas encontram-se também relativamente às **participiais**, o que tem sido referido por vários autores (cf. Kayne 1975; Belletti 1990; Ambar 1996; Santos 1999; e.o.) . Assim, em português europeu standard, as participiais:

³³ O facto de a gerundiva estar integrada numa estrutura clivada permite ter a certeza de que se trata de uma gerundiva não periférica e não de uma gerundiva periférica.

a) não admitem geralmente sujeitos pré-verbais:

(231) a. Chegada a mãe, o Zé pôs a mesa.

b. *A mãe chegada, o Zé pôs a mesa.

b) não admitem (facilmente) a negação:

(232) *Não acabado o trabalho, o Zé ficou muito desanimado.

(233) ??Não encontrados os culpados, o processo foi arquivado.

c) não admitem a ocorrência de Auxiliares:

(234) *(Uma vez) tido comido o bolo, o João... (Santos 1999: 41)

d) não admitem determinações temporais distintas da matriz:

(235) *Chegada hoje a Ana, faremos a reunião amanhã.

e, para além disso,

e) não admitem pronomes clíticos (quer acusativos, quer dativos)³⁴, o que não se verifica em gerundivas:

(236) a. *Fuzilado-o, nenhum outro quis ser chefe. (Santos 1999: 40)

b. Fuzilando-o, iniciaram uma guerra interminável.

(237) a. *Enviada-lhe a carta, nada mais havia a fazer.

b. Enviando-lhe a carta, resolves o problema.

³⁴ Ambar 1996 explica a impossibilidade de ocorrerem clíticos acusativos em português através da hipótese de que os morfemas de concordância de PPass (*o/a/os/as*) têm de receber Caso Acusativo, impedindo o objecto de verificar Caso Acusativo. No entanto, a restrição verifica-se também relativamente a clíticos dativos (cf. (237)).

Em português, a restrição à cliticização nos participios passados parece ser generalizada. Nenhuma forma participial (a que entra na formação de tempos compostos com o Aux *ter*, a que entra na construção passiva com o verbo *ser*, a que entra em orações participiais) admite cliticização em português:

i) O João tem-me telefonado./*O João tem telefonado-me.

ii) Foram-me sugeridas algumas alterações./*Foram sugeridas-me algumas alterações.

iii) *Contada-lhe a história, a mãe apagou a luz.

No caso da construção passiva, o Caso Acusativo deixa de estar disponível, mas mantém-se a possibilidade de ocorrência de clíticos dativos junto do verbo *ser*:

iv) O João foi morto/*Foi-o morto./*Foi morto-o.

v) A carta foi enviada a todos./A carta foi-nos enviada./*A carta foi enviada-nos.

Em italiano, pelo contrário, parecem ser possíveis cliticizações a participios passados:

vi) Ringrazio cotesto Istituto per il prestito concessomi. (Moretti 1992:142)

vii) Conosciutami,... (Belletti 1990: 104)

viii) Salutatala,... (Belletti 1990: 104)

ix) Criticatasi,... (Belletti 1990: 107)

A posição pré-verbal do sujeito, que corresponde sempre a um argumento interno do participípio, só é admissível marginalmente em determinadas condições discursivas muito restritas (cf. Ambar 1988; Santos 1999):

(238) ??A conta paga, eles levantaram-se e saíram. (Ambar 1988/1992: 321)

Como foi descrito em Ambar 1988, a ordem Su-V torna-se possível quando a participial é introduzida por uma expressão adverbial:

(239) Uma vez a conta paga, eles levantaram-se e saíram. (Ambar 1988/1992: 321)

Ainda, contrariamente àquilo que acontece com as gerundivas, existem restrições à realização fonética de um sujeito pronominal.³⁵

(240) a. Chegada a Ana, começou a reunião.

b. ??Chegado/a eu, começou a reunião.

c. ?*Chegado/a tu, começou a reunião.

d. ??Chegado ele, começou a reunião.

e. ??Chegados nós, começou a reunião.

f. ??Chegados eles, começou a reunião.

(241) a. Convidada a Ana, o João deu os telefonemas por terminados.

b. ?*Convidado/a eu, ...

c. *Convidado tu,...

d. ?*Convidada ela,...

e. ?*Convidados nós,...

f. ?*Convidados eles,...

Parece ser melhor a ocorrência de um pronome forte como *você*:

³⁵ De acordo com Ambar 1996 (cf. n. 21), os pronomes de segunda pessoa são piores do que os de primeira e terceira pessoa, que parecem ser melhores com verbos inacusativos do que com verbos transitivos.

Existe variação entre os falantes do português quanto à aceitação de sujeitos pronominais em orações absolutas com participípio passado. Para alguns falantes, as frases com sujeitos pronominais (pelo menos os de primeira e terceira pessoas) são perfeitas; para outros (entre os quais me incluo), estas frases são claramente marginais. Os juízos aqui referidos dizem respeito às intuições deste segundo grupo de falantes.

(242) "é como se, morto você, só eu pudesse preencher o espaço que ocupava"

(J. Saramago, *Ano da Morte de Ricardo Reis*)

Esta situação contrasta claramente com aquilo que acontece em gerundivas, em que a realização do pronome é perfeitamente gramatical:

(243) a. Estando a Ana doente, adiámos a reunião.

b. Estando eu doente, adiámos a reunião.

c. Estando tu doente, adiámos a reunião..

d. Estando ela doente, adiámos a reunião.

e. Estando nós doentes, adiámos a reunião.

f. Estando eles doentes, adiámos a reunião.

Verifica-se assim que as participiais manifestam mais restrições internas do que as gerundivas.

Quanto à **interpretação do sujeito nulo em participiais**, verificamos que em português, a leitura menos marcada corresponde àquela em que sujeito da matriz e sujeito da participial são co-referentes. Raposo 1981 e Ambar 1988 observaram que enquanto a identificação pelo sujeito da matriz é possível, a identificação pelo objecto directo da matriz é impossível:

(244) a. *Chegada [-] a casa, o Pedro beijou a Maria.

b. Chegado [-] a casa, o Pedro beijou a Maria. (cf. Ambar 1988)

(245) a. *Corrigidos à pressa, a professora distribuiu os trabalhos no dia seguinte.

b. Corrigidos à pressa, os trabalhos foram distribuídos no dia seguinte.

(Raposo 1981)

No entanto, como foi também observado por Eliseu 1988 e Santos 1999, a referência disjunta também é possível, desde que o contexto linguístico e pragmático permitam essa leitura. Temos assim uma situação próxima daquela que foi descrita relativamente às gerundivas: o sujeito nulo da participial pode ser referencialmente dependente do sujeito da matriz, do sujeito de uma encaixada, de um complemento do verbo matriz, ou de um tópico discursivo:

(246) Uma vez pintada [-]_i, a sala_i ficou com outro aspecto.

(247) Uma vez pintada [-]_i, o Zé acha que a sala_i ficará com outro aspecto.

- (248) Uma vez operado [-]_i, os enfermeiros levaram-me_i para o quarto.
- (249) Chegado [-]_i a Lisboa, pareceu-me_i que a cidade tinha perdido o seu encanto.
- (250) Chegado [-]_i a casa, disseram-me_i que tinha havido um ataque terrorista nos E.U.A..
- (251) Uma vez chegada [-]_i ao MIT, o orientador aconselhou-a_i a mudar de tema de tese (Eliseu 1988, citado em Santos 1999)
- (252) O Pedro construiu esta casa em 1970, mas uma tempestade fê-la ruir. Uma vez destruída [-]_i, o João comprou a casa_i ao Pedro. (Santos 1999: 138)
- (253) Chegada [-]_i a Londres, começou a trovejar. (Eliseu 1988, citado em Santos 1999)

As participiais, por conseguinte, não se comportam como estruturas de controlo obrigatório.

Por sua vez, o sujeito lexical de uma participial absoluta é normalmente referencialmente disjuncto do sujeito da matriz (cf. Ambar 1988).

- (254) *Chegado o Pedro_i, [-]_i ofereceu flores à Maria. (Ambar 1988/1992: 322)

No entanto, são também (marginalmente) admitidos casos de co-referência:

- (255) ??Chegada a Ana_i, [-]_i foi recebida com um forte aplauso.

O sujeito lexical pode ainda ser co-referente com um pronome complemento:

- (256) Chegado o Pedro_i a casa, a Maria deu-lhe_i a boa notícia. (Ambar 1988/1992: 322)

4.5. Como explicar as propriedades internas de gerundivas e participiais?

As propriedades internas das estruturas gerundivas e participiais acima descritas suscitam várias questões. Considerando os dados do português europeu padrão, podemos identificar algumas delas:

- i) a que categoria correspondem as orações gerundivas e participiais? São orações funcionalmente defectivas ou são orações plenas?
- ii) por que existem restrições à ocorrência de auxiliares e de negação nas gerundivas não periféricas e nas participiais?

- iii) que posição ocupa o V nestas estruturas?
- iv) a que categoria correspondem os sujeitos nulos de gerundivas? Como são identificados e legitimados?
- v) como são legitimados os sujeitos lexicais em gerundivas periféricas?
- vi) por que não pode ocorrer um sujeito lexical em gerundivas não periféricas?
- vii) por que existe inversão sujeito-verbo obrigatória em adjuntas periféricas gerundivas e participiais em português?

Procurarei responder a algumas destas questões nas próximas secções.

4.5.1. A questão da natureza categorial de gerundivas e participiais

Mais acima defendi que a posição sintáctica em que são projectadas as participiais e as diversas classes de gerundivas é uma consequência da interacção entre propriedades morfológicas destas formas verbais (e das orações que constituem projecções/expansões dessas formas) e restrições de natureza semântica. Vejamos agora se as diferentes restrições encontradas nestas estruturas podem ser derivadas de algum destes aspectos ou se, pelo contrário, são o resultado de outros factores.

Como explicar as restrições internas manifestadas em gerundivas não periféricas e em participiais?

As restrições manifestadas em orações participiais foram atribuídas à sua defectividade categorial por alguns autores. Na realidade, a natureza categorial das orações participiais e a arquitectura funcional destas orações está sujeita a alguma controvérsia.

Para uns, trata-se de orações categorialmente defectivas, i.e. orações que não projectam a totalidade das categorias funcionais; para outros, trata-se de orações plenas, i.e. orações com uma estrutura funcional completa.

Entre os defensores da primeira hipótese encontra-se Santos 1999. De acordo com a autora, a impossibilidade de ocorrerem pronomes clíticos acusativos nas participiais é um indício de que a categoria AgrO não é projectada nestas estruturas; a impossibilidade de ocorrerem Auxiliares é indício da não projecção de T; a impossibilidade de ocorrer negação é indício da não projecção de Neg (e também de T, se se admitir que Neg é legitimado por T); a impossibilidade de ocorrerem sujeitos pré-

verbais e a falta de marcas de concordância de pessoa é um indício da não projecção de AgrS. A impossibilidade de ocorrerem advérbios de frase ou advérbios orientados para o sujeito, a impossibilidade de haver movimento-Qu, e a não ocorrência de complementadores nas participiais funciona ainda, segundo a autora, como argumento para a não projecção de C nestas estruturas. Assim, estas restrições levaram Santos 1999 a defender a hipótese de que as participiais são categorialmente defectivas quanto a C, T, AgrS, Neg, e AgrO, sendo projecções de um núcleo de natureza aspectual.

A ideia de que as participiais não são projecções de C, mas antes projecções de uma categoria de natureza aspectual encontra-se já em Hernanz 1991 e Miguel 1992.

Outros autores, no entanto, consideram que as participiais são CPs (cf. Ambar 1988, 1996, Belletti 1990, e.o.), projectando C, Agr e nalgumas análises também T. Ambar 1988 considera que na posição de especificador de C está presente um operador nulo que é responsável pelo valor aspectual da participial, o que, segundo a autora, explicaria a impossibilidade de ocorrerem elementos-Qu nas participiais.

Alguns autores, não sendo tão radicais quanto Santos 1999, consideram que as participiais carecem de um operador temporal em C, que seria responsável pela legitimação de Neg e de Aux. Assim, Guéron & Hoekstra (1995: 93) dão conta de diferenças entre orações adjuntas com *-ing* e orações com participio passado, considerando que só nas primeiras está presente um Operador Temporal na posição de especificador de C capaz de ligar a categoria Tempo e de legitimar a presença de Negação e de Auxiliares:

(257) TO_j S-AGR TNS_j O-AGR V_j

As orações participiais não teriam Operador Temporal, não podendo ocorrer Negação, nem clíticos nestas estruturas:

(258) AGR TNS O-AGR V

Nesta perspectiva, as orações participiais seriam de certa forma defectivas, uma vez que carecem de operador temporal:

(259) Full clauses contain a Tense chain headed by a Tense Operator

(Guéron & Hoekstra 1995: 79)

Ambar 1996 considera que as participiais absolutas são estruturas oracionais plenas, derivando a restrição à ocorrência de clíticos acusativos da hipótese de que os morfemas de concordância do participio passado têm de verificar Caso num domínio temporal ligado ao objecto (To), responsável entre outras funções pela legitimação de Caso acusativo, o que impediria a verificação de caso acusativo pelo objecto nestas estruturas.

Assim, verificamos que os argumentos de Santos 1999 contra a presença de AgrO, Neg e T em participiais não são tão pacíficos como poderíamos supor, uma vez que as restrições à ocorrência de Neg, Aux e clíticos podem eventualmente ser atribuídas a outros factores.

Tudo depende da análise que se faça dos vários fenómenos: negação, clíticos...

Também os argumentos da autora contra a projecção de C em participiais não são absolutamente convincentes. Recorde-se que a autora sugere que a impossibilidade de ocorrerem advérbios de frase ou advérbios orientados para o sujeito, a impossibilidade de haver movimento-Qu e a não ocorrência de complementadores em participiais são indício da não projecção de C nestas estruturas:

(260) *(Uma vez) infelizmente/sinceramente destruída a cidade, os invasores partiram. (cf. Santos 1999: 45)

(261) *Como destruída a cidade, os exércitos partiram? (id: 47)

Contudo, estes não me parecem ser argumentos conclusivos contra a projecção de C. Veja-se que a impossibilidade de existir movimento-Qu é comum a outras estruturas de subordinação adverbial, incluindo as adverbiais finitas, que são inquestionavelmente CPs:

(262) *A quem se o João der um beijo [-], o Paulo ficará muito contente?

(263) *Com quem enquanto os meninos brincaram [-], a mãe leu o jornal?

(264) *De quem porque gosta muito [-], o Zé está diferente?

Para além disso, nem todas as adverbiais finitas - cujo estatuto categorial pleno geralmente não é questionado - admitem a ocorrência de advérbios de frase:

(265) a. *Sinceramente quando o Zé chegou, fiquei preocupada.

a'. ≠ Sinceramente, quando o Zé chegou, fiquei preocupada.

- b. *Quando sinceramente o Zé chegou, fiquei preocupada.
- c. *Quando o Zé sinceramente chegou, fiquei preocupada.
- (266) *Quando evidentemente o Zé telefonou, fiquei mais descansada.
- (267) ??Fiquei descansado quando felizmente o Zé telefonou.
- (268) *Só ficarei descansado se felizmente o Zé telefonar.
- (269) Como, evidentemente, o Zé já não vem, podemos começar a reunião.
- (270) ?Se infelizmente o Zé não puder vir, teremos de resolver o problema sozinhos.

Assim, a não ocorrência de advérbios de frase como *sinceramente* ou *evidentemente* não deverá estar relacionada especificamente com a existência da categoria AgrS. A possibilidade de ocorrerem advérbios desta(s) classe(s) deverá ser antes condicionada pela força assertiva da frase, pela sua semântica própria, pelo facto de estes advérbios tomarem sob o seu escopo proposições com determinadas propriedades (cf. Ernst 2002).

O problema mais complicado relativamente às participiais é sem dúvida a explicação da impossibilidade de ocorrerem clíticos numa língua como o português e as restrições à atribuição de Caso nominativo, de que falarei mais adiante.

Deixemos para já de lado o problema da arquitectura funcional das participiais. Estas apresentam de qualquer forma mais restrições do que as gerundivas, uma vez que existem fenómenos que são exclusivos das participiais, nomeadamente a impossibilidade de ocorrerem clíticos, as restrições à classe aspectual do predicado, as limitações à ocorrência de pronomes sujeito, entre outros.

Relativamente à natureza categorial de gerundivas periféricas (ou de frase), parece-me relativamente claro que se trata de estruturas oracionais plenas.

O mesmo não acontece relativamente às gerundivas não periféricas (ou de predicado), cuja natureza categorial é mais difícil de determinar. Na realidade, Fernández Lagunilla 1999 apenas considera 'oracionais' os gerúndios que designa de 'adjuntos externos', que se caracterizam, entre outros aspectos, por admitirem sujeitos lexicais.

Assim, relativamente às gerundivas 'internas', colocam-se à partida duas hipóteses, que podemos esquematizar da seguinte forma:

- **1ª hipótese:** as gerundivas não periféricas são mais defectivas do que as gerundivas periféricas.

Esta hipótese levanta as seguintes questões:

- a) Por que razão são umas gerundivas mais defectivas do que outras? De que decorre a defectividade?
- b) Se a defectividade está relacionada com propriedades morfológicas do gerúndio, por que não são todas as gerundivas iguais?
- c) Se a defectividade tem origem apenas na estrutura, por que é que participiais (que têm comportamentos típicos de adverbiais de frase) e gerundivas periféricas se comportam de maneira diferente?

- **2ª hipótese:** as gerundivas adjuntas são todas categorialmente equivalentes a CPs.

Esta hipótese levanta as seguintes questões:

- a) Se a estrutura é idêntica para todas as orações, por que é que as gerundivas não periféricas (e as participiais) manifestam uma série de restrições?
- b) Terá o comportamento defectivo de participiais e de gerundivas não periféricas explicações diferentes?
- c) Serão as restrições internas das gerundivas não periféricas uma consequência de restrições de natureza semântica, ou do tipo de dependência estabelecida com a matriz?

A hipótese da defectividade categorial foi defendida para outras construções do português (cf. Duarte 1992, para as construções infinitivas preposicionadas; Gonçalves 1999, para algumas infinitivas em predicados complexos, seguindo uma hipótese de Bošković 1997; Santos 1999, para as participiais absolutas). Esta hipótese apresenta, no entanto, vários problemas. O maior, como me foi assinalado por Manuela Ambar (c.p.) consiste em saber de que decorre a defectividade de uma construção. Se, no caso de outras estruturas, se pode recorrer a propriedades de subcategorização dos itens lexicais, isso não é possível no caso das adjuntas. Se pensarmos que, no caso das gerundivas adjuntas não periféricas, a defectividade está relacionada com a posição estrutural que

estas ocupam, levanta-se então o problema de saber por que razão as participiais absolutas, com comportamento de adverbiais de frase, também manifestam restrições internas do mesmo tipo, sendo inclusivamente mais defectivas (cf. impossibilidade de ocorrerem clíticos; restrições às classes de verbos que nelas podem ocorrer) do que as gerundivas não periféricas. No caso das gerundivas, postular uma origem morfológica para a defectividade não faz sentido, uma vez que existem gerundivas que não são defectivas – as periféricas – e, aparentemente, a morfologia é a mesma. Se, pelo contrário, a defectividade não decorrer de nada, ela passa a ter um estatuto puramente descritivo.

O estatuto oracional pleno de gerundivas periféricas, para além da ausência de restrições internas (i.e. não se verificam limitações quanto à possibilidade de ocorrer negação, sujeitos lexicais com Caso nominativo, auxiliares, determinações temporais distintas da matriz), é confirmado também pela possibilidade de, em alguns contextos, a gerundiva ser coordenada com CPs finitos:

- (271) %Chegando a Ana um pouco mais cedo e que não haja barulho no gabinete, poderemos conversar. (condicional)
- (272) a. Estando os meninos a dormir e *(uma vez) que não estás cansado, podemos ver este filme. (causal)
- b. Estando os meninos a dormir e como não estás cansado, podemos ver este filme.
- (273) ?Mesmo sendo muito rico e que more numa casa grande, nunca será feliz. (condicional/concessiva)
- (274) Mesmo tendo muito dinheiro e embora more numa casa grande, o Zé não é feliz. (concessiva)
- (275) Estando a casa pronta e se todos estiverem de acordo, poderemos mudar-nos na próxima semana. (condicional)

A coordenação de gerundivas periféricas com frases finitas (CPs) também está registada no português europeu dialectal, o que é evidência clara para o estatuto de gerundivas periféricas como CPs nestas variedades:

- (276) E depois, em tendo as gráinhas tudo no cimo e que esteja completamente cozido, como a gente lhe chama, a gente prova, não é, quando já sabe a vinho, {fp} funde-se, então, com estes canudos, a gente tira, tira o vinho

todo e fica o bagaço. (Cordial-sin, AAL5)

A possibilidade de coordenar a gerundiva com um CP finito não parece estar disponível da mesma forma nas gerundivas não periféricas:

(277) ??O Zé recebeu a notícia estando fora do país e quando se preparava para regressar. (temporal)

(278) ?*O Zé abriu a fechadura usando uma ferramenta especial e como lhe tinham explicado.

(279) ??O Zé abriu a fechadura usando uma ferramenta especial e sem que lhe explicassem nada.

Para além disso, em variedades dialectais do português, as gerundivas periféricas parecem poder ser introduzidas por conectores que tipicamente ocupam posições de CP. Assim, dialectalmente, encontram-se conectores tipicamente associados a contextos finitos (alguns deles plausivelmente de natureza Qu-), tais como os conectores relativos *quando* e *onde*, e ainda a conjunção condicional *se* e a conjunção causal *como*.

(280) Quando sentindim outros animais, espantam-se (Odeleite, Cruz 1969)

(281) Quando a ovelha rasando o dente é badana. (Colos, Guerreiro 1968)

(282) Quando ele estando demais, já cheira a azedo. (Cordial-sin, PAL30)

(283) Que elas quando começadem a aparecer... (Cordial-sin, LVR33)

(284) Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleguinho de batata - um saco de batatas - vou dar aí a todas essas velhas que aí estão... (Cordial-sin, LVR24)

(285) Onde estando a menina está alegria (Nisa, Carreiro 1948)

(286) ...aquilo, se o homem não arrebandando... (Olhão, Palma 1967)

(287) E depois, nós éramos quatro irmãos e ficámos só com minha mãe e eu, como sendo o mais velho, (...) é que fui sempre o mais escravo. (Cordial-sin, AAL35)

As estruturas mais frequentes, no entanto, são aquelas que são introduzidas pelo conector *em* (ou *ende* ou *em bem* em dialectos alentejanos e algarvios), que também pode ser tratado como uma lexicalização de C (cf. Brito 1984, Ambar 1988) e que, de certa forma, já está integrado na norma:

- (288) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Delgado 1951)
- (289) E enterras a tua mãe, em morrendo, à minha beira. (Soajo, *in* Pereira 1970: 174)
- (290) Eles têm duas instalações. (...) Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. Fica já ali a garagem, fica casa para tudo, não é. (Cordial-sin, AAL24)
- (291) Ou uma vara de porcos. (...) Em sendem muitos já se lhe chama uma vara. (Cordial-sin, AAL86)
- (292) Olhe, em chegando o tempo das pinhas, vou às pinhas, dou um saco ou dois de pinhas às mulheres para elas acenderem o lume em todo o ano. (Cordial-sin, LVR24)
- (293) Ende eles abalandem (Colos, *in* Guerreiro 1968)
- (294) Depois, é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)
- (295) Mas não sei que raio de ferrão tem o bicho que em bem elas aparecem, os animais, aquilo é o cabo dos trabalhos. (Cordial-sin, CBV71)
- (296) E (...) em bem lhe partindem a casa, eles morrem. (Cordial-sin, CBV72)

O estatuto categorial das gerundivas periféricas como CPs parece ser relativamente consensual. A inversão sujeito-verbo que ocorre nestas construções em línguas como o espanhol, o italiano, e o português padrão é aliás geralmente tratada como sendo o resultado da subida de V (ou Aux) para C (cf. Rizzi 1982; Brito 1984; Ambar 1988; e.o.).

Relativamente às gerundivas, não faz sentido assumir que apenas um subconjunto das gerundivas é defectivo por razões de natureza morfológica, uma vez que as propriedades morfológicas do gerúndio parecem ser as mesmas tanto em gerundivas periféricas como em gerundivas não periféricas.

Assumamos a hipótese de que todas as gerundivas adjuntas são categorialmente CPs. Teremos então de explicar por que razão só se verificam restrições internas nas gerundivas não periféricas e o que origina essas restrições. A hipótese mais plausível é considerar que as restrições em gerundivas não periféricas derivam da posição estrutural

que elas ocupam e do facto de, nessa posição, o gerúndio estar na dependência de T matriz.

Relativamente às participiais, no entanto, as restrições são visivelmente maiores do que as que encontramos em gerundivas (inclusivamente gerundivas não periféricas).

A impossibilidade de ocorrerem clíticos acusativos ou dativos é exclusiva das participiais:

- (297) a. *Comprado-os, o Zé foi-se embora.
b. Comprando-os, o Zé fez uma boa acção.
c. ?O Zé só convencerá o Paulo subornando-o.
- (298) a. *Comprado-lhe o livro, a Ana ficou sem dinheiro.
b. Comprando-lhe o livro, a Ana ficaria sem dinheiro.
c. O pai só surpreenderá o Pedro comprando-lhe uma mota.

Existem ainda diferenças entre gerundivas periféricas e participiais quanto às restrições à ocorrência de sujeitos pronominais. (As gerundivas não periféricas, como vimos, não admitem sujeitos lexicais.)

- (299) a. ?*Chegada tu de Paris, fomos buscar-te ao aeroporto.
b. Chegando tu de Paris, fomos buscar-te ao aeroporto.

Gerundivas e participiais distinguem-se ainda quanto às restrições aos predicados que nelas podem ocorrer. Como está descrito na literatura, só as participiais impõem restrições aspectuais e sintácticas aos predicados:

- (300) a. *Espirrado, o Zé encheu tudo de micróbios.
b. Espirrando, o Zé encheu tudo de micróbios.
- (301) a. *Ficado em casa, o Zé conseguiu estudar para o teste.
b. Ficando em casa, o Zé conseguiu estudar para o teste.

Assim, gerundivas e participiais distinguem-se quanto a uma série de aspectos. As participiais manifestam mais restrições internas do que as gerundivas.

A hipótese que assumimos relativamente às gerundivas não periféricas, i.e. a hipótese de que as restrições são em parte uma consequência da posição estrutural ocupada, não faz sentido para as participiais, uma vez que, como vimos atrás, as participiais ocupam posições periféricas na frase, plausivelmente idênticas às de

gerundivas periféricas.

Assim, a única alternativa plausível consiste em assumir que as participiais, embora estando em posições estruturais altas, são inerentemente mais defectivas do que as gerundivas, sendo essa defectividade eventualmente uma consequência da sua morfologia. Uma hipótese é considerar que as participiais têm uma estrutura funcional mais fraca, carecendo por exemplo de um operador temporal (cf. Guéron & Hoekstra 1995).

4.5.2. A posição do V em gerundivas e participiais

Uma outra questão que merece ser estudada e que pode trazer alguma luz sobre a estrutura funcional de gerundivas e participiais diz respeito à posição ocupada pelo V e pelo sujeito nestas estruturas.

Na realidade, também não há consenso relativamente à posição ocupada pelo V em participiais. Em Ambar 1988 e 1996, a inversão sujeito-verbo em participiais é tratada como sendo o resultado da subida de V para C. Santos 1999, no entanto, defende que o V ocupa uma posição relativamente baixa nestas estruturas. Os argumentos da autora dizem respeito à posição ocupada em participiais por determinados advérbios considerados 'baixos' (advérbios de VP).

Santos 1999 observa que esses advérbios podem anteceder o verbo no participípio, o que não acontece noutras construções:

- (302) a. Completamente resolvido o problema, o João partiu para Paris. (Santos 1999: 55)
b. *O João completamente resolveu o problema.

Conclui assim que nas participiais o verbo não sobe tão alto como noutras construções.

Em gerundivas, no entanto, os Adv's de VP não podem preceder o verbo no gerúndio (cf. Santos 1999), contrastando com aquilo que acontece em participiais:

- (303) a. Bem vistas as coisas, é melhor ficarmos em casa.
b. *Vistas bem as coisas, é melhor ficarmos em casa.
(304) a. *Bem vendo as coisas, é melhor ficarmos em casa.
b. Vendo bem as coisas, é melhor ficarmos em casa.

- (305) a. *O João conseguiu responder à pergunta bem/cuidadosamente lendo o

enunciado.

- b. O João conseguiu responder à pergunta lendo bem/cuidadosamente o enunciado.

(306) O Zé embrulhou cuidadosamente os quadros.

(307) a. Cuidadosamente embrulhados, os quadros foram encaixotados.

b. ??Embrulhados cuidadosamente,...

(308) a. ??Cuidadosamente embrulhados os quadros, os carregadores levaram os caixotes.

b. *Embrulhados cuidadosamente os quadros,...

(309) a. *Cuidadosamente tendo o João embrulhado os quadros, os carregadores levaram os caixotes.

b. Tendo o João cuidadosamente embrulhado os quadros,...

c. Tendo o João embrulhado cuidadosamente os quadros,...

d. Tendo o João embrulhado os quadros cuidadosamente,...

(310) a. ??*Cuidadosamente embrulhando os quadros, não haverá problema.

b. Embrulhando cuidadosamente os quadros, não haverá problema.

Assim, nas gerundivas, o V parece subir para uma posição mais alta do que nas participiais, uma vez que o Adv não pode preceder o verbo no gerúndio.

Quanto às gerundivas do português padrão, põe-se a questão de saber que posição ocupa o V. A inversão sujeito-verbo pode ser vista como sendo o resultado da subida de V para uma posição mais alta do que a do sujeito ou pode ser tomada como sendo o resultado de uma estrutura em que o sujeito não subiu. Qual destas hipóteses é mais plausível?

Vários autores relacionaram a inversão sujeito-verbo manifestada nas gerundivas do português com a subida de V para C (cf. por exemplo Brito 1984, Ambar 1988). A motivação para esta análise vinha essencialmente de contrastes entre gerundivas não preposicionadas e gerundivas com *em* quanto à ordem de palavras:

(311) a. Acabando a Maria o trabalho, vamos sair.

b. *A Maria acabando o trabalho, ...

(312) a. Em a Maria acabando o trabalho,...

b. ?Em acabando a Maria o trabalho,... (exemplos de Brito 2003: 727)

No entanto, Brito 2003 refere que uma frase como (312) melhora substancialmente se o sujeito pós-verbal estiver focalizado. A autora admite assim que a gerundiva possa não ser uma projecção CP, mas antes uma projecção de natureza temporal ou aspectual, ficando o sujeito na sua posição de base.

Esta análise não explica, a meu ver, os contrastes sistemáticos de ordem entre gerundivas com e sem a partícula *em*, i.e. o facto de nas orações sem conector a ordem Su-V ser impossível, ao passo que nas orações com conector a ordem V-Su é claramente mais marginal:

(313) a. Comendo os meninos a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

b. *Os meninos comendo a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

(314) a. Em os meninos comendo a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

b. ??Em comendo os meninos a sopa toda, a mãe dá-lhes um doce.

Também em variedades dialectais do português em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância e em que a inversão sujeito-verbo não é obrigatória parece haver uma correlação entre presença de conector e ordem de palavras (ver § 4.6).

Para além dos contrastes de ordem de palavras entre gerundivas sem conectores e gerundivas com conectores, que outros argumentos existem a favor do estatuto pleno das orações gerundivas e a favor da subida de V para C em contextos de inversão?

Partamos da hipótese de que um Adv como *ainda* pode estar adjunto a VP ou a TP. Se assim for, em frases como (315), o sujeito encontrar-se-á numa posição mais alta, possivelmente em Spec de AgrS. O quantificador flutuante *todos* marca a posição inicial do sujeito:

(315) a. Os meninos ainda estão todos a dormir.

b. Os meninos estão ainda todos a dormir.

c. *Ainda os meninos estão todos a dormir.

Vejamos agora que ordens de palavras são possíveis na gerundiva correspondente:

(316) a. *Os meninos (ainda) estando (ainda) todos a dormir, é melhor não fazeres barulho.

b. Estando os meninos ainda todos a dormir,...

- c. ?Estando ainda os meninos todos a dormir,...
- d. ?*Ainda estando os meninos todos a dormir,...

A ordem preferida é sem dúvida a de (316)b. Ora, nesta construção, o Adv ocorre depois do sujeito invertido, que está separado do quantificador *todos*. Se o Adv estiver numa posição de adjunção a VP ou a TP, o sujeito não pode encontrar-se na sua posição de base, estando plausivelmente em Spec de IP (ou AgrSP). Por sua vez, o V ocorre antes do sujeito. Ora, este padrão só é possível se o V estiver numa posição mais alta do que IP, possivelmente C. A agramaticalidade de (316)d. comprova que não é possível admitir que o sujeito não se moveu e que o V está em Spec de TP, uma vez que, nessas circunstâncias, o Adv deveria poder preceder o V.

Exemplos como os seguintes parecem corroborar a ideia de que o V se encontra numa posição alta, uma vez que os Advs *corajosamente* e *certamente* ocorrem preferencialmente depois do sujeito invertido.

(317) (*corajosamente) os soldados (*corajosamente) resistiram (corajosamente) ao invasor (corajosamente).

(318) a. *Corajosamente resistindo os soldados ao invasor, a guerra poderá ser ganha.

b. Resistindo os soldados corajosamente ao invasor, ...

c. ??Resistindo corajosamente os soldados ao invasor, ...

d. Resistindo os soldados ao invasor corajosamente, ...

(319) a. Sabendo o João certamente falar francês bem,...

b. ??Sabendo certamente o João falar francês bem,...

Note-se contudo que existe um contraste entre sujeitos DPs e sujeitos pronominais. A sequência V-pronome é muito mais dificilmente quebrada do que a sequência V-DP:

(320) a. Resistindo eles corajosamente ao invasor, ...

b. *Resistindo corajosamente eles ao invasor,...

(321) a. Sabendo tu certamente falar francês bem, ...

b. *Sabendo certamente tu falar francês bem,...

Parece assim haver uma relação mais estreita entre os sujeitos pronominais e o V

do que entre os sujeitos DP e o V³⁶:

- (322) a. Estando os meninos ainda com febre, ...
b. ?Estando ainda os meninos com febre, ...
- (323) a. Estando eles ainda com febre, ...
b. *Estando ainda eles com febre, ...
- (324) a. Estando eu ainda com febre, ...
b. *Estando ainda eu com febre, ...

Quanto às gerundivas não periféricas (ou de predicado), é mais difícil testar a posição do V, uma vez que o sujeito é obrigatoriamente nulo.

Se admitirmos que Adv's como *energicamente* ou *completamente* são adjuntos a VP à esquerda quando ocorrem em posição pré-complemento, concluímos que o V já não se encontra na sua posição de base, tendo-se elevado pelo menos para T, uma vez que o Adv ocorre obrigatoriamente em posição pós-verbal:

- (325) a. O cozinheiro fez o bolo [batendo energicamente as claras em castelo].
b. *O cozinheiro fez o bolo [energicamente batendo as claras em castelo].

No entanto, isto não nos permite saber se existe uma projecção funcional mais alta para a qual o V se tenha elevado.

Como saber? Uma hipótese seria testar a possibilidade de ocorrência de Adv's 'altos' nestas gerundivas. No entanto, como vimos já, existem restrições à ocorrência destes Adv's. em subordinadas adverbiais, incluindo adverbiais finitas:

- (326) O João só nos contará a verdade quando (*provavelmente) o pai chegar.
(327) Foi desde que (*evidentemente) o João ficou doente que a situação piorou.

Essas restrições estendem-se a outros domínios de subordinação. Advérbios como *evidentemente* e *provavelmente* só parecem poder modificar orações com características particulares:³⁷

- (328) O João disse que (provavelmente) os alunos não viriam à aula.

³⁶ Vários autores observaram assimetrias entre DPs e pronomes. Ambar 1996, por exemplo, observa assimetrias entre DPs e pronomes em construções com participios, colocando a hipótese de que os pronomes têm traços de Caso fortes, enquanto os Ns têm traços de Caso fracos.

³⁷ Embora não possa aqui explorar esta hipótese, trata-se provavelmente de orações com um tempo forte, em que há uma ligação à enunciação, funcionando como orações 'raiz'.

(329) O João quer que (*provavelmente) os alunos não venham à aula.

Por conseguinte, este não parece ser um bom teste para averiguar do estatuto categorial de gerundivas não periféricas.

Uma vez que o sujeito nestas construções é obrigatoriamente nulo, é difícil saber que posição ocupa o V e o sujeito nulo. No entanto, o facto de podermos ter (marginalmente?) gerundivas introduzidas por *em* neste contexto, sendo neste caso possível ter sujeitos lexicais, pode levar-nos a optar pela hipótese de que estamos também neste caso perante orações plenas:

(330) O tempo só melhorará em chegando a Primavera.

(331) Só conto a história em os meninos estando calados.

Por alguma razão, se a gerundiva não tiver conector, o sujeito nulo é a única opção.

Concluindo, podemos admitir que a posição ocupada pelo V e pelo Sujeito não é idêntica em gerundivas e participiais. Voltaremos à posição do V nestas estruturas quando considerarmos dados de outras línguas e hipóteses quanto a diferenças de ordem de palavras entre línguas nestas construções (cf. Barbosa 1995, 2002).

4.5.3. As restrições internas em gerundivas não periféricas: um operador temporal em C, estrutura, morfologia e restrições semânticas

Mais acima, considerámos a hipótese de T de gerundivas ser 'defectivo'. Nos contextos em que T da gerundiva (ou um Operador temporal na gerundiva) é comandado por T matriz, T encaixado será obrigatoriamente 'anafórico'. Pode pensar-se nesta relação como aquilo que acontece com a categoria vazia PRO. Quando PRO tem um antecedente, é obrigatoriamente anafórico, i.e. referencialmente dependente desse antecedente. Quando PRO está num contexto em que não tem antecedente que o comande, tem uma interpretação arbitrária.

Assim, pode pôr-se a hipótese de as gerundivas conterem um T 'defectivo' (ou um operador temporal ou traços temporais em C que são 'defectivos'). Quando comandado (localmente) por T matriz, T 'defectivo' é obrigatoriamente ligado por ele e interpretado como temporalmente coincidente, ou, se quisermos, fica 'controlado' por T

matriz.

A cadeia núcleo-núcleo que se forma entre T matriz e T da gerundiva terá como consequência que Agr subordinado fica também ligado por Agr matriz, o que explicará a impossibilidade de o sujeito da gerundiva encaixada ser referencialmente disjunto do sujeito matriz. Em contextos em que a matriz tem interpretação genérica, é permitida uma interpretação arbitrária. Quando o sujeito da matriz não se qualifica como controlador, i.e. quando é expletivo, por ex., um outro argumento pode funcionar como controlador do sujeito nulo. É o que acontece em frases como (230) repetida aqui:

(332) Essa ideia ocorreu-me_i [-]_i passeando à beira-mar.

A impossibilidade de ocorrerem Auxiliares e sujeitos lexicais nas gerundivas não periféricas seria pois uma consequência, por um lado, da defectividade de T nestas estruturas, por outro lado, da posição estrutural em que são projectadas, uma vez que ficam sob o domínio de c-comando de T matriz.

Veja-se que quando a gerundiva está em posição inicial, mesmo guardando uma interpretação próxima daquela que tem em posição final, passa a permitir muito mais facilmente sujeitos lexicais. Se, como propus, as gerundivas em posição inicial são todas basicamente geradas à esquerda (e não deslocadas), essa possibilidade resultará do facto de T da gerundiva não estar sob o domínio de c-comando de T-Agr matriz.

- (333) a. O cozinheiro (não) fez o bolo lendo a receita.
b. *O cozinheiro (não) fez o bolo lendo o ajudante a receita.
c. Lendo o ajudante a receita, o cozinheiro fez o bolo.
d. O cozinheiro fez o bolo, || lendo o ajudante a receita.

Nas gerundivas periféricas, C-T não é c-comandado por T matriz e OpT em C é 'livre' e pode procurar a sua 'dependência temporal' noutra parte.

Existem alguns dados que podem apoiar a ideia de que a categoria C das gerundivas contém um operador temporal ou traços temporais próprios. De facto, a possibilidade de em português termos gerundivas introduzidas por *em* sustenta esta hipótese. Este conector, como tem sido já observado por vários autores (cf. Brito 1984, e.o.), restringe as possibilidades de interpretação temporal da gerundiva, sendo

incompatível com o pretérito perfeito na oração matriz. Estas restrições levaram Brito 1984 a considerar também a hipótese de C das gerundivas ter traços de Tempo (cf. também Ambar 1988):

(334) Em chegando a casa, telefono-lhe./vou telefonar-lhe.

(335) *Em chegando a casa, telefonei-lhe.

Quando o conector está ausente, a oração matriz pode ter o pretérito perfeito:

(336) Chegando a casa, telefono-lhe.

(337) Chegando a casa, telefonei-lhe.

Outros conectores que surgem dialectalmente (e.g. *quando*, *em bem*) parecem impor restrições temporais diferentes.

Por sua vez, as orações com *gérondif* do francês são introduzidas por um elemento *en* com valor temporal diferente, uma vez que só admitem leitura de tempo simultâneo. Também este elemento parece ter especificações temporais específicas:

(338) Jean a cassé le verre en lavant la vaisselle.

(339) *Jean a cassé le verre en l'ayant laissé tomber.

Assim, os valores temporais específicos destes conectores, que plausivelmente ocupam a categoria C, sugerem que esta categoria possa conter traços temporais.

Nesta perspectiva, as gerundivas não periféricas serão aproximáveis de estruturas de controlo típicas, complemento de verbos volitivos, por exemplo. Veja-se que tanto num caso como no outro a ocorrência de verbos auxiliares, e de sujeitos lexicais está altamente restringida.

Com verbos volitivos, contrariamente ao que acontece com verbos epistémicos e declarativos, não pode ocorrer auxiliar na subordinada quando o V matriz está no presente (cf. Meireles & Raposo 1983; Ambar 1992, 1994):

(340) a. O Zé quer falar alto.

b. *O Zé quer ter falado alto.

(341) O Zé pensa ter falado alto.

A ocorrência de Aux na subordinada melhora quando o V matriz está no pretérito imperfeito:

- (342) a. ?O Zé queria ter-lhe dito alguma coisa.
b. ?*O Zé quis ter-te avisado.

Também nas gerundivas não periféricas, como vimos, a ocorrência de Aux dá geralmente origem a frases agramaticais:

- (343) a. O Zé acordou o irmão gritando.
b. *O Zé acordou o irmão tendo gritado.

A ocorrência de Aux é marginalmente permitida quando o V matriz está no condicional composto (ou futuro do pretérito composto):

- (344) ??o Zé só teria acordado o irmão tendo gritado mais alto.

Também no que diz respeito à possibilidade de ocorrerem sujeitos lexicais existem semelhanças entre as duas construções. Nas infinitivas dependentes de verbos volitivos, não são geralmente permitidos sujeitos lexicais, ao contrário do que acontece nas infinitivas dependentes de verbos epistémicos e declarativos (cf. Meireles & Raposo 1983; Ambar 1992; e.o.):

- (345) a. O Zé_i quer [-]_i ir à praia.
b. *O Zé quer a Ana ir à praia.
c. * O Zé quer ter a Ana ido à praia.
(346) O Zé pensa ter a directora chegado novamente atrasada.

Nas infinitivas dependentes de verbos volitivos, só são permitidos sujeitos lexicais, em posição pós-verbal, quando se trata de sujeitos pronominais obrigatoriamente co-referentes com o sujeito da matriz, que são claramente focalizados (cf. Ambar 1988):

- (347) a. O Zé_i quer fazer ele_i o jantar.
b. *O Zé quer ele fazer o jantar.

Também nas gerundivas não periféricas não são geralmente admitidos sujeitos lexicais, a não ser nas mesmas circunstâncias em que as infinitivas complemento de verbos volitivos os admitem:

- (348) a. O Zé_i fez o bolo [-]_i batendo os ovos.
b. *O Zé fez o bolo batendo o ajudante os ovos.
c. O Zé_i fez o bolo batendo ele (próprio)_i os ovos.
d. *O Zé_i fez o bolo ele_i batendo os ovos.

Os contrastes entre verbos como *querer* e verbos como *pensar* e *dizer* quanto às dependências temporais entre matriz e subordinada e quanto à interpretação dos sujeitos levaram alguns autores a propor que estes últimos seleccionariam nos seus complementos oracionais um elemento de T abstracto (cf. Meireles & Raposo 1983; Raposo 1987; Ambar 1988).³⁸ Em alternativa, Meireles & Raposo 1983 admitem que tanto *querer* como *dizer* seleccionam um operador T no seu complemento, mas que só no segundo caso T é obrigatoriamente ligado por T matriz.

Dadas as semelhanças de comportamento entre gerundivas não periféricas e complementos infinitivos de verbos volitivos, por um lado, e entre gerundivas não periféricas e complementos infinitivos de verbos declarativos, por outro lado, podemos colocar a hipótese de os fenómenos de dependência temporal e referencial referidos serem num e noutra caso o resultado de factores semelhantes. Refira-se que já em Brito 1984 se assume que as gerundivas têm Tempo em C.³⁹ Segundo a autora, seria este elemento o responsável pelo facto de o Caso Nominativo estar disponível nestas estruturas. Ainda que esta hipótese seja atractiva, uma vez que interlinguisticamente existem várias construções com tempos morfologicamente mais 'defectivos' (i.e. construções com infinitivo ou gerúndio) em que a inversão sujeito-verbo parece estar relacionada com a legitimação do sujeito lexical (e.g. as chamadas infinitivas pessoais do espanhol, as construções de *Aux-to-Comp* do italiano...), ela coloca alguns problemas quando olhamos para dados de línguas em que não existe inversão e são legítimos sujeitos lexicais. Esta é na realidade uma questão complexa. Voltarei à questão da legitimação dos sujeitos nestas estruturas.

Podemos imaginar que gerundivas não periféricas e gerundivas periféricas são diferentes quanto à especificação de operador T em C. Se assim for, porquê?

³⁸ Stowell 1982 também defende, embora de uma forma diferente, que as orações finitas e infinitivas têm Tempo. Ver também Ambar 1988 e Guéron & Hoekstra 1988.

³⁹ Brito 1984 refere apenas as orações gerundivas do tipo daquelas que aqui designei de periféricas.

Veja-se que, contrariamente ao que acontece com os complementos oracionais, não há neste caso selecção por uma categoria X^o. Assim sendo, como explicar que só em gerundivas periféricas possa haver independência temporal relativamente a T matriz e independência referencial do sujeito nulo da gerundiva relativamente ao sujeito da matriz?

Pode admitir-se que a posição estrutural em que a gerundiva é projectada é responsável por estas diferenças. Quando a gerundiva é projectada numa posição de adjunção a VP, ficará no domínio de c-comando de T matriz. Quando a gerundiva é projectada em adjunção a TP ou a CP, ficará fora do domínio de c-comando de T matriz.⁴⁰

As restrições manifestadas em participiais seriam por seu lado atribuíveis à ausência total de um operador temporal nestas estruturas, o que teria consequências para a legitimação de sujeitos pronominais e de clíticos, entre outros aspectos.

Resumindo, assumi aqui que as gerundivas adjuntas são orações plenas, i.e. projecções CP, cujo especificador contém um operador temporal. Quando esse operador se encontra 'livre', i.e. fora do domínio de c-comando de T matriz, permite legitimar Auxiliares, determinações temporais distintas da matriz, e sujeitos lexicais. Quando o operador se encontra 'ligado', i.e. no domínio de c-comando de T matriz, é obrigatoriamente anafórico relativamente a T matriz, sendo a interpretação de T simultâneo a única disponível. Assim, os Auxiliares, que desencadearão normalmente uma leitura de tempo anterior, são normalmente excluídos destas estruturas⁴¹ (mas ver (344)). Também a lexicalização do sujeito deixa de ser possível, havendo uma cadeia núcleo-núcleo entre T-Agr matriz e T-Agr subordinado, que aproximará as gerundivas não periféricas de estruturas de controlo, com maior independência todavia (cf. possibilidade de haver sujeitos arbitrários e sujeitos identificados por um experienciador dativo em determinados contextos e nalgumas línguas possibilidade de haver identificação por um agente implícito).

Quanto às participiais, assumimos que são estruturas que carecem de um Operador temporal (são estruturas que dão prioritariamente uma noção de Aspecto), não

⁴⁰ Esta ideia pode ser problemática, no entanto, num modelo de derivação por fases, uma vez que correspondendo CP e vP a fases, T matriz não deveria ter acesso à gerundiva adjunta a VP inserida no vP que foi sujeito a Transferir. Temos de admitir que T matriz tem acesso a material inserido no vP.

⁴¹ São no entanto possíveis auxiliares diferentes de *ter*, que não têm leitura de anterioridade:
i) Só conseguirás melhor qualidade de vida indo viver para o campo.

legitimando Auxiliares, negação e clíticos. Deixo em aberto a questão de saber qual a exacta arquitectura de categorias funcionais destas orações.

4.5.4. Legitimação e identificação dos sujeitos nulos

A natureza específica do sujeito nulo que ocorre em orações gerundivas periféricas e não periféricas e em participiais, assim como a natureza da relação que permite identificar a sua referência não são questões pacíficas.⁴²

Começemos por considerar as adjuntas periféricas com gerúndio ou participio presente.

Por um lado, ocorrem sujeitos nulos nestas estruturas em línguas que não fixam positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo, o que leva a pensar que esta categoria vazia tem propriedades diferentes de *pro*, a categoria vazia típica das línguas de sujeito nulo. Assim, sendo estas orações tradicionalmente classificadas como não finitas, o seu sujeito deveria aproximar-se da categoria vazia que ocorre em orações infinitivas (não flexionadas) - PRO:

(349) a. *Has finished his homework.

b. Having finished his homework, John played with his friends.

(350) a. *A terminé ses devoirs.

b. Ayant terminé ses devoirs, Jean est allé jouer avec ses amis.

Por outro lado, como vimos acima quando referi as propriedades internas destas estruturas, os sujeitos nulos neste contexto não têm todas as propriedades geralmente associadas a PRO.

Como se caracteriza então o sujeito nulo que ocorre nestas construções? A que propriedades obedece?

Considerando dados do italiano, Lonzi 1988 refere que o sujeito nulo destas

⁴² Lonzi 1988 associa aos três diferentes tipos de gerundivas adjuntas no italiano (de predicado, de frase, e de 'posterioridade') três tipos diferentes de controlo: as gerundivas de predicado teriam um controlo de tipo temático (controlo pelo agente); as gerundivas de frase teriam um controlo de tipo argumental/sintáctico (controlo pelo sujeito); as gerundivas de 'posterioridade' teriam um controlo de tipo arbitrário.

estruturas está sujeito a um controlo sintáctico ou estrutural, uma vez que, segundo a autora, só pode ser identificado pelo sujeito da matriz:

- (351) a. [-]_i avendo ormai preso la sua decisione, [-]_i non si lasciò dissuadere dagli argomenti più sottili.
- b. *[-]_i avendo ormai preso la sua decisione, gli argomenti più sottili non valserò a dissuaderlo_i.

Lonzi (1991: 584)

O sujeito nulo de gerundivas periféricas tem sido geralmente analisado como uma categoria vazia pronominal anafórica - PRO - (cf. Reuland 1983; Ribeiro 2002) típica de contextos em que o sujeito não tem Caso atribuído. Na análise clássica da distribuição de PRO, prevê-se que PRO não possa alternar com uma categoria lexical. O que é estranho nas construções gerundivas periféricas - como foi já assinalado por outros autores (e.g. Reuland 1983) - é que PRO alterne com sujeitos lexicalmente realizados.

Este problema pode ser resolvido de duas formas:

- i) ou se mantém a análise do sujeito nulo de gerundivas como PRO e se explica a possibilidade de ocorrerem sujeitos lexicais através de outras propriedades (e.g. estipulação de estruturas diferentes para as construções com e sem sujeito realizado; hipótese de que o sujeito lexical recebe Caso por defeito...);
- ii) ou deixa de considerar-se que o sujeito nulo destas estruturas corresponde a PRO, sendo antes uma categoria vazia de outro tipo.

A primeira solução é adoptada em trabalhos como Reuland 1983, para as orações com *-ing* do inglês, e em Ribeiro 2001, 2002 para as orações gerundivas flexionadas do português dialectal. Reuland 1983, no quadro da Teoria da Regência e da Ligação (Chomsky 1981) defende que PRO pode aparecer nestas estruturas através da aplicação livre da regra de 'Affix Hopping' na Sintaxe, que faria com que PRO não fosse regido. Ribeiro 2002 defende que os sujeitos lexicais nas gerundivas recebem Caso por defeito.

Quanto a mim, existem vários factores que argumentam contra esta hipótese (cf. Lobo 2002b, 2003).

Em primeiro lugar, em português europeu padrão o sujeito nulo das gerundivas periféricas não é obrigatoriamente controlado pelo sujeito da matriz, contrariamente

àquilo que é por vezes referido na literatura, embora essa seja muitas vezes (sobretudo estando a frase descontextualizada) a opção preferencial:

(352) [-] Estando doente, o João ficou em casa.

No entanto, como vimos já, o sujeito nulo de gerundivas periféricas também pode ser um expletivo (cf. (353)), pode ter interpretação arbitrária (cf. (354)), pode ser identificado por um tópico discursivo (cf. (355)), pode ser co-referente com um argumento experienciador (cf. (356)), e marginalmente pode ser co-referente com um DP encaixado numa oração completiva (cf. (357)), o que põe problemas a uma análise da identificação deste sujeito nulo como sendo um controlo de natureza sintáctica:

(353) a. [-] Tendo chovido durante toda a tarde, o jardim estava todo molhado.

b. *O Zé queria ter chovido durante toda a tarde.

(354) [-] Fumando mais de um maço por dia, aumenta o risco de surgimento de cancro do pulmão.

(355) a. [O bebé]_i está com febre há três dias. [-]_i Continuando assim, acho que o devemos levar ao médico.

b. [Eles]_i construíram já duas casas. [-]_{i/??j} Acabando de fazer a terceira, [a mãe]_j poderá ir morar para o pé deles.

(356) [-]_i Estando sozinho em casa, pareceu-lhe_i ouvir um ruído estranho.

(357) a. ??[-]_i Estando com febre, a mãe achou que era melhor [o Zé]_i ficar em casa.

b. ??[-]_i Estando com febre, não me agrada que [o Zé]_i vá à escola.

Estão excluídas a co-referência com o objecto directo e com um objecto preposicionado:

(358) ?? [-]_i Sendo muito nervosa, o Zé tenta não afligir [a mãe]_i.

(359) ?? [-]_i Estando um pouco deprimida, o Zé resolveu falar com [a amiga]_i.

Também em **inglês**, a identificação do sujeito nulo deste tipo de estruturas não é exclusivamente determinada pelo sujeito gramatical da matriz, embora esse seja o caso mais comum (cf. Kortmann 1991, por exemplo):

(360) Walking about, you notice something is different. (Sinclair 1990: 371)

(361) Having married very late, he was only a year short of fifty when I was born.

(Sinclair 1990: 371)

Em inglês, o sujeito nulo da oração adjunta com *-ing* pode ser identificado por um possessivo da matriz, por um tópico discursivo, pode ser expletivo, pode ser arbitrário⁴³:

(362) Looking out for a theme, several crossed his mind. (citado em Kortmann 1991: 43)

(363) Knowing Biggs since he left prep school, there could be no doubt that he was the man the police was looking for. (Kortmann 1991: 44)

(364) Being Christmas, the government offices were closed. (Kortmann 1991: 45)

(365) Being Sunday, all banks were closed. (Kortmann 1991: 8)

(366) Putting it mildly, you have caused us some inconvenience. (Kortmann 1991: 45)

(367) Generally speaking, he didn't like boys. (Zandvoort 1957: 35)

(368) Driving at a speed of 100 m.p.h., it is not easy to read the road signs. (Kortmann 1991: 54)

(369) Having undergone the German academic education, the English university system impressed him a great deal. (Kortmann 1991: 8)

(370) Absolutely speaking, Chinese is not a more difficult language to learn than English. (Kortmann 1991: 8)

Em **francês**, nas orações periféricas com particípio presente, o controlo pelo sujeito da matriz é o caso mais frequente:

(371) [-]_i ayant terminé ses devoirs, Paul_i est allé jouer.

(372) [-]_i ayant fermé la porte, le professeur_i commença la leçon.

Existem, no entanto, outras possibilidades de interpretação do sujeito nulo. De acordo com informantes consultados, o sujeito nulo pode ser controlado por um argumento experienciador da matriz, marginalmente pelo sujeito de uma encaixada:

(373) [-]_i ayant fermé la porte, il lui_i a semblé que tout était en ordre.

⁴³ Os casos em que o sujeito da oração subordinada não tem nenhum antecedente na matriz são designados 'unrelated participles' em Zandvoort 1957: 35.

(374) [-]_i ayant vécu longtemps à la campagne, ces tableaux l'évoquant me_i plaisent beaucoup.

(375) ?[-]_i ayant mangé leur soupe sans protester, Anne_i comprit que les enfants_j devaient être affamés.

Não são possíveis sujeitos identificados pelo objecto, nem sujeitos identificados por tópicos, a não ser em contextos muito particulares:

<controlo por objecto da matriz>

(376) *[-]_i ayant fermé la porte, Marie_j a embrassé Jean_i.

(377) a. [-]_i ayant faim, Gaston_i est allé au restaurant. (Jones 1996: 458)

b. *[-]_i ayant faim, on a envoyé Gaston_i au restaurant (Jones 1996: 458)

<controlo por tópico>

(378) ??/*La maîtresse_i a écrit un exercice sur le tableau. [-]_i Ayant terminé d'expliquer ce qu'il fallait faire, les enfants sont allés jouer.

(379) *[Le dernier élève]_i est entré. [-]_i Ayant fermé la porte, le professeur_j commença la leçon.

(380) ?Connaissant Anne depuis la maternelle, il n'y a pas de doute qu'elle est innocente/il est absolument impensable qu'elle ait commis ce crime.. (Matilde Miguel, c.p.)

Os sujeitos nulos expletivos estão geralmente impedidos de ocorrer nesta construção:

(381) *Ayant terminé de pleuvoir, Paul est allé jouer.

(382) *(**Il*) ayant plu, le sol était complètement mouillé.

(383) *(**Il*) étant clair que Jean ne viendra plus, nous pouvons partir. (Roberge & Vinet 1989: 102)

Exceptuam-se eventualmente algumas expressões cristalizadas e possivelmente algumas orações periféricas/de posterioridade em posição final:

(384) Étant donné que...

(385) Étant convenu que...

(386) Nous pouvons partir, étant bien clair que Pierre nous rejoindra plus tard.

(Matilde Miguel, c.p.)

Estes dados mostram que o sujeito nulo de gerundivas/orações de participio presente periféricas tem propriedades diferentes do sujeito nulo que ocorre em estruturas de controlo obrigatório. Como é sabido (cf. por ex. Raposo 1992), PRO não pode geralmente corresponder a um expletivo, tem de ser controlado por um argumento da frase imediatamente superior, e, quando não existe um controlador para PRO, tem uma interpretação arbitrária, estando restringido a argumentos humanos ou humanizados:

(387) a. O João quer que *pro* chova no fim-de-semana.

b. *O João quer PRO chover no fim-de-semana

(388) a. O João_i disse que o professor_j queria que *pro*_i entregasse o trabalho até sexta.

b. *O João_i disse que o professor_j queria PRO_i entregar o trabalho até sexta.

(389) a. É preciso PRO estudar mais.

b. *É preciso PRO chover mais.

Em segundo lugar, PRO não alterna com sujeitos lexicais. No entanto, o sujeito nulo de gerundivas periféricas pode alternar com sujeitos lexicais:

(390) a. O João quer PRO chegar a horas.

b. *O João quer o Pedro chegar a horas.

(391) a. Tendo [-] chegado atrasado, o Pedro não conseguiu arranjar um bom lugar.

b. Tendo o João chegado atrasado, o Pedro não conseguiu arranjar um bom lugar.

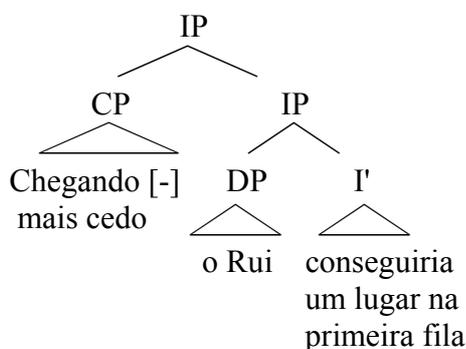
Perante estes dados, é mais plausível pensar que nas gerundivas periféricas (do português e nas orações de participio presente do inglês pelo menos) estamos perante um **controlo de tipo logofórico** (cf. Williams 1994a) ou numa **identificação de tipo pragmático** tal como parece acontecer com os sujeitos nulos de terceira pessoa das frases finitas das línguas de sujeito nulo (cf. Lobo 1994; Davis 2000). Assim, o sujeito nulo das gerundivas periféricas do português parece ter mais afinidades com uma

categoria vazia pronominal não anafórica – *pro* – do que com a categoria vazia que ocorre em estruturas de controlo – PRO.⁴⁴

Assumir que existe controlo estrutural em adjuntas é problemático, tanto teoricamente como empiricamente.

Configuracionalmente, essa hipótese é problemática. Veja-se que, estando sujeito a um controlo de tipo sintático ou estrutural, PRO deveria ser c-comandado pelo seu controlador. No entanto, mesmo admitindo que a adjunção é feita a IP, não é óbvio que o sujeito da matriz c-comande o da encaixada, uma vez que a gerundiva não é dominada por IP, mas apenas por um dos seus segmentos (na definição de Chomsky 1986):

(392)



Empiricamente, essa hipótese é problemática, uma vez que é possível a co-referência entre DP sujeito da subordinada anteposta e sujeito pronominal da matriz em adverbiais finitas e infinitivas. Isto mostra que o sujeito da matriz não c-comanda a subordinada à esquerda. Caso contrário, a frase deveria ser agramatical por violar o princípio C da Teoria da Ligação, que determina que uma expressão referencial é livre:

(393) a. Quando [o João]_i chegou a casa, [-]_i ligou a TV.

b. *[-]_i ligou a TV quando [o João]_i chegou a casa.

Também nas gerundivas, é possível a co-referência entre DP sujeito da gerundiva e o sujeito pronominal da matriz, o que, no caso de se tratar de uma configuração de controlo estrutural, não deveria ser possível:

⁴⁴ Fernández Lagunilla 1987, com base em argumentos semelhantes, conclui também que a categoria vazia na posição de sujeito das adverbiais infinitivas preposicionadas do espanhol é *pro* e não PRO. Também Ambar 1988 propõe que o sujeito das estruturas de controlo é *pro*.

(394) Estando [a Ana]_i muito cansada, [-]_i resolveu deitar-se mais cedo.

(395) Tendo o João_i chegado muito atrasado, *pro*_i resolveu já não ir à aula.

Se o DP sujeito da gerundiva estiver realizado, são possíveis quer a referência disjunta, quer a co-referência. A interpretação é determinada em grande parte por factores de ordem pragmática:

(396) A mãe_j está muito preocupada. Chegando a Ana_i a casa, [-]_j ficará mais tranquila.

(397) Estando o Zé_i doente, [-]_i terá de fazer o exame na segunda chamada.

(398) Tendo o Zé_i chegado atrasado, [-]_i já não arranjou lugar sentado.

Landau 2000 sugere que o controlo em orações adjuntas obedece a propriedades muito diferentes do controlo em estruturas argumentais, algumas das quais não pertencem à gramática da frase.

Também Kortmann 1991 admite que na identificação do sujeito nulo de gerundivas 'absolutas' intervêm factores de natureza pragmática.⁴⁵

Se o sujeito nulo de gerundivas periféricas não é PRO, então de que categoria vazia se trata? Uma hipótese é que se trate de *pro*. No entanto, neste caso, teremos de explicar por que razão línguas como o inglês e o francês admitem *pro* neste contexto, mas não em orações finitas.

Em qualquer dos casos, estamos perante estruturas em que os sujeitos nulos têm propriedades distintas quer de PRO, quer de *pro* típico das línguas de sujeito nulo.

Uma hipótese é pensar, na sequência de outros trabalhos (cf. Borer 1989 e.o.), que

⁴⁵ Para o espanhol, nas gerundivas de frase, Fernández Lagunilla 1999 distingue dois tipos de gerúndios 'adjuntos externos': i) aqueles em que o sujeito nulo pode não ter um antecedente na matriz (concessivos e condicionais); ii) aqueles em que o sujeito nulo é interpretado como co-referente com o sujeito ou objecto indirecto da matriz, correspondendo a co-referência com o sujeito ao caso mais frequente (causais e temporais):

i) Aun cantándoles una nana, los niños no se durmieron.

ii) Dando un buen servicio público de transportes, la gente dejaría el coche.

(Fernández Lagunilla 1999: 3466)

iii) No teniendo el coche arreglado, María se vio obligada a coger el autobús.

iv) *No dándole un buen servicio público, María se ve obligada a coger el autobús.

v) Estando hablando con su madre, Pedro se mareó.

vi) Estando *(su madre) hablándole, Pedro se mareó. (Fernández Lagunilla 1999: 3467)

não existem duas categorias vazias distintas de tipo pronominal, mas apenas uma, qualquer que seja o nome que se lhe dê. As diferentes propriedades dos sujeitos nulos nos diferentes contextos seriam resultado de factores de vária ordem, entre os quais fenómenos lexicais, morfológicos, estruturais e pragmáticos. Assim, a natureza morfológica da oração, a posição estrutural em que ela é projectada, o facto de ser tematicamente seleccionada ou não desempenharão um papel na determinação das propriedades dos sujeitos nos vários contextos.

A hipótese de que o sujeito nulo de gerundivas periféricas corresponde a *pro* ganha mais força quando consideramos dados do português dialectal. Na realidade, em variedades dialectais do português, são possíveis gerundivas com marcas visíveis de concordância. Neste caso, a concordância visível permite identificar não ambigualmente o sujeito nulo.⁴⁶ Assim, enquanto em português europeu padrão (PEP) em que o gerúndio não flexiona, não é permitida a co-referência com o objecto da oração principal, em variedades do português em que o gerúndio apresenta marcas visíveis de concordância (PED), quando o gerúndio tem morfologia visível de segunda pessoa, só a co-referência com o objecto (de segunda pessoa) é permitida:

(399) Em [-] chegando a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PEP [-] = i; *[-] = j)

(400) Em [-] chegando a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PED [-] = j)

O gerúndio flexionado comporta-se assim como o infinitivo flexionado ou como os modos finitos em estruturas como as seguintes:

⁴⁶ Ribeiro 2002 defende que a concordância visível nas gerundivas do português dialectal não é suficiente para legitimar sujeitos nulos e que é necessária a presença obrigatória de sujeitos pronominais (ou plenos) quando não existe co-referência total ou parcial com o sujeito da matriz ou quando o sujeito não está identificado contextualmente, nomeadamente com a segunda pessoa do singular :

i) *Em chegando cedo, arranjo lugar sentado (Ribeiro 2002: 119)

ii) *Embora chegando tarde, arranjo lugar sentado. (Ribeiro 2002: 120)

No entanto, os dados referidos pela autora são inconsistentes, uma vez que noutra secção são dadas as seguintes frases como gramaticais:

iii) Arrumandos o quarto, o Pedro vai falar contigo. (Ribeiro 2002: 66)

iv) Ouço-te em buzinandos uma vez (Ribeiro 2002: 108)

Para além disso, os dados de que disponho, a maioria dos quais foram obtidos espontaneamente, apontam no sentido contrário. Devo a Ana Maria Martins o exemplo do Pico:

v) Mas contandos agora, prontos. (Pico)

vi) Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (Alto Alentejo, in Matias 1974)

vii) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa (Baixo Alentejo, in Delgado 1951)

viii) Mesmo pagando o dinheiro, não há quem queira ir fazer. (Cordial-sin, PAL11)

ix) Porque (...) a azeitona é uma das coisas que, chove agora, e, em estando bom, (...) já se trabalha. (Cordial-sin, AAL30)

(401) Depois de [-] chegares a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PEP [-] = j)

(402) Quando [-] chegares a casa, *pro*_i conto-te_j o que aconteceu. (PEP [-] = j)

Considerando agora o sujeito nulo de gerundivas não periféricas, constatamos que as possibilidades interpretativas são mais restritas do que aquelas que existem em gerundivas periféricas.

Relativamente ao italiano, Lonzi 1988 aponta para um controlo de tipo temático nestas estruturas, uma vez que o sujeito da gerundiva parece ser controlado pelo argumento com papel-temático de agente ou de experienciador, seja ele o sujeito gramatical, o agente da passiva ou um argumento experienciador dativo. No entanto, em português, as frases correspondentes às do italiano parecem-me na maioria dos casos francamente marginais:

(403) a. La macchina è stata fatta ripartire da Paolo spingendola. (Lonzi 1991: 572)

b. ?*O carro foi posto em andamento pelo Paulo empurrando-o.

(404) a. La frase è stata pronunciata da Giovanni sorridendo. (Lonzi 1991: 572)

b. ??A frase foi pronunciada pelo João sorrindo.

(405) a. La decisione era stata presa da Paolo viaggiando negli Stati Uniti. (Lonzi 1991: 572)

b. ??A decisão foi tomada pelo João viajando nos Estados Unidos.

(406) a. Mi è successo sciando. (Lonzi 1991: 573)

b. *Aconteceu-me esquiando./Isso aconteceu-me andando de bicicleta.

(407) a. ??La tua frase mi è dispiaciuta/mi ha preoccupato rilegendola. (Lonzi 1991: 573)

b. *A tua mensagem desagradou-me/preocupou-me relendo-a.

(408) a. L'idea mi è venuta passeggiando.

b. ?Veio-me a ideia passeando.

(409) a. La notizia è stata trasmessa (dalle varie agenzie) tacendo alcuni particolari.

b. ?*A notícia foi transmitida omitindo alguns pormenores.

(410) a. Il materiale è stato recuperato (dai tedeschi) ricorrendo a tecniche sofisticate.

b. O material foi recuperado (pelos alemães) recorrendo a técnicas sofisticadas.

- (411) a. ?Il giovane è stato curato dai medici dell'ospedale locale facendo uso di terapie sperimentali.
 b. ?*O jovem foi curado pelos médicos do hospital local usando terapias experimentais.
- (412) a. ??Paola è stata ascoltata da Giovanna_i [-]_i sbadigliando.
 a'. *Paola è stata ascoltata sbadigliando.
 b. *A Paula foi ouvida pela Joana_i [-]_i bocejando.
- (413) a. ??Giovanni è stato festeggiato da Paolo_i [-]_i rientrando dalle vacanze.
 b. *O João foi aclamado pelo Paulo_i [-]_i voltando de férias

Assim, em português, o controle pelo sujeito matriz é sempre preferido/obrigatório. O controle pelo agente da passiva, quer quando o sujeito da passiva é animado, quer quando não é animado, dá resultados marginais:

- (414) a. Os bandidos_i amarraram a velhota [-]_i usando um arame.
 b. A velhota_j foi amarrada pelos bandidos_i [-]_i?*_i/#_j usando um arame.
- (415) a. O João pôs o carro a andar empurrando-o.
 b. ?*O carro foi posto a andar pelo João_i [-]_i empurrando-o.
- (416) a. O João destruiu a carta queimando-a.
 b. ?*A carta foi destruída pelo João queimando-a.
 a'. O João destruiu a carta queimando-a ou rasgando-a?
 b'. ?*A carta foi destruída pelo João queimando-a ou rasgando-a?
 a".?Foi queimando-a que o João destruiu a carta.
 b".*Foi queimando-a que a carta foi destruída pelo João.

Relativamente ao espanhol, Fernández Lagunilla 1999 diz que as gerundivas de predicado podem não ter o seu controlador/antecedente expresso. Assim, no espanhol, de acordo com a autora, são possíveis sujeitos expletivos e sujeitos arbitrários nestas estruturas. Em português, no entanto, as gerundivas não periféricas com sujeitos expletivos parecem-me marginais. As estruturas clivadas permitem ter a certeza de que estamos perante gerundivas não periféricas:

- (417) a. Esta mañana salí de casa lloviendo. (Fernández Lagunilla 1999: 3448)
 b. ?*Hoje saí de casa chovendo torrencialmente.
 c. *Foi chovendo torrencialmente que o Zé saiu de casa.

(418) a. Lo vino (me) sabe mejor tomándolo en copa. (Fernández Lagunilla 1999: 3448)

b. ?*A cerveja sabe melhor bebendo-a numa caneca.

c. *É bebendo-a numa caneca que a cerveja sabe melhor.

(419) a. La ropa se seca poniéndola al sol. (Fernández Lagunilla 1999: 3462)

b. ?*A roupa seca mais depressa estendendo-a ao sol.

c. *É estendendo-a ao sol que a roupa seca mais depressa.

Veja-se ainda os seguintes contrastes, em que um sujeito expletivo só é legítimo se a gerundiva estiver precedida de uma quebra entoacional, não funcionando portanto como gerundiva de predicado:

(420) a. ?*O João não foi para o trabalho [-]chovendo torrencialmente.

b. O João não foi para o trabalho, || chovendo torrencialmente.

c. *Foi chovendo torrencialmente que o João foi para o trabalho.

(421) a. ?*Os atletas teriam melhores resultados chovendo menos.

b. Os atletas teriam melhores resultados, || chovendo menos...

c. Os atletas teriam melhores resultados treinando mais.

No entanto, são marginalmente admitidas gerundivas em que o sujeito não tem um antecedente exposto na matriz, sendo a sua interpretação genérica ou arbitrária, i.e não específica, como nas seguintes frases:

(422) ??Este museu foi recuperado aproveitando subsídios europeus.

(423) ?Mataram-se milhares de pessoas invocando o nome de Deus.

O controlo pelo objecto está excluído assim como a identificação por um tópico:

(424) A Ana_i abraçou a Teresa_j [-]_{i/*j} chorando muito.

(425) *Esse livro impressionou o João chorando muito.

(426) *O João_i estava com má cara. A mãe_j ficou preocupada [-]_i tremendo muito.

Para além disso, nas gerundivas não periféricas, o sujeito nulo não alterna com um sujeito lexical:

(427) a. O pasteleiro fez o bolo [-] misturando as gemas com as nozes.

b. Foi misturando as gemas com as nozes que o pasteleiro fez o bolo.

(428) a. *O pasteleiro fez o bolo misturando o ajudante as gemas com as nozes.

- b. *Foi misturando o ajudante as gemas com as nozes que o pasteleiro fez o bolo.

Assim, o sujeito nulo de gerundivas não periféricas empiricamente está de certa forma mais próximo da categoria vazia PRO.

Recorde-se que admitimos que estas orações ocupam posições de adjunção a VP. Assim sendo, o sujeito da matriz pode c-comandar o sujeito da gerundiva.

Quanto aos contextos em que existe controlo por um argumento diferente do sujeito (e.g. experienciador, interpretação arbitrária), ter-se-á de admitir que se trata de um processo disponível quando o controlo pelo sujeito não é possível, correspondendo a uma estratégia de último recurso.

As diferenças entre o português e outras línguas quanto à possibilidade de haver sujeitos expletivos ou arbitrários nestas estruturas podem ser atribuídas a propriedades parametrizáveis de identificação de sujeitos nulos. A sua legitimação, essa, estaria sujeita a mecanismos mais gerais.

Quanto aos sujeitos nulos de participiais, existem também diversas posições na literatura: alguns autores identificam-nos como *pro* (e.g. Ambar 1988: 319; Santos 1999: 148); outros identificam-nos como PRO (e.g. Barbosa 2002 para o português), outros admitem as duas opções (cf. Belletti 1990 para o italiano).

Barbosa 2002 identifica o sujeito nulo de participiais como sendo PRO, baseando-se no seguinte contraste:

- (429) a. Lido, o texto soa bem.
b. *Lido, vamo-nos embora.

No entanto, como foi referido acima, existem contextos em que o sujeito nulo da participial não é controlado pelo sujeito da matriz. Volto a repetir aqui alguns exemplos:

(430) Chegada [-]_i a Londres, começou a trovejar. (Eliseu 1988, citado em Santos 1999)

(431) Chegado [-]_i a Lisboa, pareceu-me_i que a cidade tinha perdido o seu encanto.

(432) Chegado [-]_i a casa, disseram-me_i que tinha havido um ataque terrorista nos E.U.A..

Também Belletti (1990: 120) dá exemplos semelhantes para o italiano:

(433) (Maria è venuta in treno e ...)

Scesa dal treno, è cominciato uno sciopero di due giorni.

(434) (I ragazzi sono partiti in ritardo e...)

Arrivati a casa, non c'era più nessuno.

A autora refere ainda a possibilidade de haver sujeitos expletivos quase-argumentais em participiais do italiano, o que seria um argumento a favor do estatuto do sujeito nulo como *pro*:

(435) Piovuto molto a lungo, decidemmo di non partire.

(436) Finito di nevicare, partiremo.

Em Ambar 1988 admite-se que *pro* sujeito da participial é localmente controlado pelo sujeito da matriz, que, segundo a autora, c-comanda *pro*.

Santos (1999: 147) admite que se trata de *pro*, uma vez que existe alternância com um DP pleno, que recebe, segundo a autora, Caso por defeito. A hipótese de se tratar de PRO está excluída pelo facto de este, de acordo com Chomsky & Lasnik 1993, receber Caso nulo, estando em distribuição complementar com DPs plenos. A autora cita Gunnarson 1994, que defende que nestas estruturas *pro* seria legitimado por verificação de Caso e identificado através de co-indexação com um elemento da matriz ou com um elemento do contexto discursivo.

Os dados que discutimos acima (cf. § 4.4.1.) apontam de facto para que o sujeito nulo de participiais também se aproxime mais de *pro* do que de PRO:

- i) existe alternância com um DP pleno
- ii) não há controlo obrigatório, sendo possível a identificação do sujeito nulo não só pelo sujeito gramatical, como também por um objecto ou por um tópico discursivo.

O mesmo parece acontecer em inglês. De acordo com Kortmann 1991, são possíveis sujeitos nulos em participiais não controlados pelo sujeito da matriz:

(437) Arrived there, his first act was to kneel down (Friedrich 1978, citado em Kortmann 1991: 59)

(438) Looked at closely, too, she could see his face was really a rather fine one.

(439) Seen so close, he thought of her as a Greek goddess even more so than before. (Kortmann 1991: 69)

Este sujeito nulo será então identificado através de mecanismos de natureza essencialmente semântica e pragmática (cf. também Kortmann 1991: § 6), possivelmente seguindo uma hierarquia cuja natureza exacta seria necessário estabelecer. A sua legitimação pode eventualmente ser feita através do mesmo mecanismo de verificação de Caso que actua com os DPs plenos, de que tratarei mais à frente.

4.5.5. Legitimação do sujeito lexical - a realização fonética do sujeito de absolutas

As construções chamadas absolutas caracterizam-se por serem orações adjuntas periféricas que têm o sujeito lexicalizado. Quando têm uma natureza verbal, podem ser gerundivas ou participiais.

Antes de descrever as propriedades destas construções e diferenças manifestadas entre línguas, talvez seja útil proceder a algumas observações sobre as formas em *-ing* do inglês e sobre as formas em *-ant* do francês, uma vez que o seu estatuto morfológico está sujeito a alguma controvérsia.

4.5.5.1. As construções do inglês e do francês: o estatuto da forma verbal, distribuição e propriedades morfo-sintácticas

Se considerarmos as construções do francês e do inglês equivalentes às gerundivas do português, verificamos que estas construções, do ponto de vista histórico e morfológico, parecem ter origens distintas das gerundivas. Nas gramáticas francesas e inglesas, a forma verbal que ocorre nestas construções é designada de 'gerúndio' (*gerund*, *gérondif*) em determinados contextos, e de 'particípio presente' (*present participle*, *participe présent*) noutro tipo de contextos. Na realidade, tanto em francês como em inglês, a distribuição sintáctica destas formas e o tipo de contextos em que ocorrem não são absolutamente equivalentes aos do português.

Assim, uma vez que irei referir dados destas línguas, torna-se necessário descrever

os diferentes contextos em que as formas com *-ant* no francês e com *-ing* no inglês podem ocorrer, procurando identificar o estatuto morfo-sintáctico da forma verbal.

4.5.5.1.1. As orações adjuntas com *-ing* do inglês

Não é simples classificar morfologicamente as formas com *-ing* do inglês. De acordo com uma gramática como Zandvoort (1957: cap.2), elas podem corresponder a adjetivos, como em (440) e (441); a nomes, como em (442) e (443); a preposições ou conjunções (cf. Zandvoort 1957: 35), como em (444) e (445);

(440) an amusing story

(441) a charming hostess

(442) this building

(443) a human being

(444) He asked me concerning (=about) my health

(445) I think we shall win, providing (that) John is well enough to play.

Podem ainda funcionar como '**nomes verbais**', normalmente designados *gerunds*, uma vez que têm a distribuição de categorias nominais, e podem ter propriedades associadas a nomes (e.g. ser precedidas de artigo, pronome possessivo ou demonstrativo, nome no genitivo, ou adjetivo, e ser seguidas de complemento introduzido por *of*, cf. (446)-(448):

(446) His handling of the situation was masterly. (Zandvoort 1957: 25)

(447) He was waked by an insistent tapping on his door. (Zandvoort 1957: 25)

(448) Parliament objected to the Government(s) being given a free hand.
(Zandvoort 1957: 30)

mas também propriedades associadas a verbos (e.g. ser modificadas por advérbio ou expressão adverbial, introduzir um objecto directo, ter sujeito próprio, ocorrer com auxiliar e ocorrer na passiva, cf. (449)-(453)):

(449) It was a difficult business lowering the long boats into the tossing sea.
(Zandvoort 1957: 25)

(450) I don't like everybody leaving home for a fortnight on end. (Zandvoort

1957: 30)

(451) I object to being treated like a child. (Zandvoort 1957: 25)

(452) She enjoyed hearing him talk. (Zandvoort 1957: 26)

(453) Without saying good-bye, he took his hat and walked out of the house.

(Zandvoort 1957: 26)

Assim, as orações com *V-ing*, que nestes contextos são tradicionalmente designadas *gerunds*, podem aparecer em posições argumentais, equivalentes aos contextos de orações infinitivas do português (cf. Johnson 1988; Milsark 1988; Reuland 1983) - i.e. como complementos oracionais subcategorizados por determinados verbos (cf. (454) e (455)), como sujeitos oracionais (cf. (456) e (457)), como complemento de preposições (cf. (458)):

(454) a. I prefer [going to the beach].

b. *Prefiro indo à praia.

b'. Prefiro ir à praia.

(455) a. John enjoyed [writing the book]. (Milsark 1988: 612)

b. *O João apreciou escrevendo o livro.

b'. O João apreciou escrever o livro.

(456) a. [Writing the book] consumed much of George's time. (Milsark 1988: 612)

b. *Escrevendo o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.

b'. Escrever o livro consumiu a maior parte do tempo do Jorge.

(457) a. I consider [being unhappy] to be unpleasant. (cf. Johnson 1988: 585)

b. *Eu considero ser desagradável [sendo infeliz]

b'. Eu considero ser desagradável [ser infeliz].

(458) a. Without saying good-bye, he took his hat and walked out of the house.

(Zandvoort 1957: 26)

b. *Sem dizendo adeus, ele pegou no chapéu e saiu de casa.

b'. Sem dizer adeus, ...

Finalmente as formas em *-ing* podem funcionar como 'adjectivos verbais', normalmente designados *present participles*, que ocorrem:

- na construção progressiva:

(459) a. The ships were sailing out of the harbour. (Zandvoort 1957: 36)

b. Os navios estavam saindo do porto.

- em função atributiva, como adjunto a um DP:

(460) a. As a child he had once been rescued with great difficulty from a burning house. (Zandvoort 1957: 32)

b. Em criança tinha sido uma vez salvo a custo de uma casa ardendo.

- como predicativo do objecto complemento de verbos perceptivos e de alguns outros verbos ('accusative with present participle') (cf. Zandvoort 1957: 32):

(461) a. I saw [*(the wind) rustling the leaves]. (Johnson 1988: 593)

b. Eu vi o vento sacudindo as folhas.

(462) a. I heard [*(the rain) striking the roof]. (Johnson 1988: 593)

b. Eu ouvi a chuva batendo no telhado.

(463) She heard him coming downstairs

(464) He felt his heart beating wildly.

(465) I saw him walking across the road.

(466) Take care he does not catch you napping.

- em orações adverbiais (como adjuntos livres ou em construções absolutas, podendo ter um sujeito expreso) com interpretação de tempo, causa, ou conformidade ou em orações quase-coordenadas:

(467) a. *Arriving at the station*, he found his train gone. (Zandvoort 1957: 34)

b. Chegando à estação, viu que o comboio já tinha partido.

(468) a. *Not knowing what to do*, she applied to me for advice. (Zandvoort 1957: 34)

b. Não sabendo o que fazer, ela veio pedir-me conselho.

(469) a. *The match having been cancelled*, the supporters of our team were most disappointed. (Kortmann 1991: 11)

b. Tendo o jogo sido cancelado, os apoiantes da nossa equipa ficaram desapontados.

(470) Elaine's winkling at Roddy was fruitless, *he being a confirmed bachelor*. (Reuland 1983: 1)

(471) *Being a sailor*, John sometimes smokes a pipe. (Kortmann 1991: 28)

(472) *Lying on the beach*, John sometimes smokes a pipe. (Kortmann 1991: 28)

(473) Young men by the dozen came up, *asking her to dance*. (Zandvoort 1957: 35)

Assim, tradicionalmente faz-se uma distinção entre formas em *-ing* que ocorrem em posições argumentais, designadas *gerunds*, e formas em *-ing* que ocorrem basicamente em posições de adjunção ou em contextos predicativos, tradicionalmente designadas *present participles* (cf. Zandvoort 1957: cap.2).

De acordo com a classificação tradicional, as formas do inglês terminadas em *-ing* parecem ser morfologicamente ambíguas. Repare-se que os usos como *present participle* equivalem basicamente aos contextos de gerúndio do português, ao passo que os usos como *gerund* são em português traduzidos por infinitivas.

No entanto, em textos teóricos recentes que analisam algumas destas construções, a distinção entre *gerund* e *present participle* deixa de ser feita, distinguindo-se as propriedades das diversas construções e não as formas verbais em si.

Assim, Reuland 1983 trata algumas construções com *-ing* a que chama construções 'NP-*ing*', que distingue da construção 'possessive-*ing*'. Sob a designação "construção 'NP-*ing*'" engloba a chamada 'construção nominativa absolutiva' e a construção 'Accusative-*ing*'. A sua análise considera portanto formas em *-ing* que tradicionalmente são consideradas *gerunds* (cf. 'Accusative-*ing* construction') e também *present participles* (cf. 'nominative absolute construction').

Também Johnson 1988 considera várias construções em que ocorrem formas em *-ing*, chamando a todas *clausal gerunds*, quando de acordo com a tradição gramatical inglesa teríamos nuns casos *gerunds* e noutros *present participles* (e.g. nos casos em que a oração é complemento de um verbo perceptivo).

No entanto, comparando o inglês com o português, verificamos que a forma verbal em *-ing* nem sempre corresponde ao gerúndio português: há contextos em que parecem funcionar de forma semelhante, e contextos em que as formas em *-ing* se aproximam antes do infinitivo português.

Historicamente, o comportamento 'ambíguo' das formas em *-ing* e a sua classificação tradicional ora como *gerunds*, ora como *present participles* é explicável. De facto, de acordo com Wrenn (1949: 143) e Williams (1975: 265), as formas em *-ing* do inglês moderno provêm umas de formas nominais, outras de formas de participio presente, com terminações distintas no inglês antigo. Assim, em inglês antigo existiam participios presentes, terminados em *-ende*, que evoluíram no inglês médio nas regiões

do Centro e Sul para *-inde* ou *-ing(e)* e nas regiões do Norte para *-and(e)*. Simultaneamente co-existia uma forma verbal nominal terminada em *-ing* (com origem na forma flexionada *-inga*), que no inglês médio terá assumido a forma *-inge*. As formas *-inde* e *-inge* a certa altura, pela sua proximidade fonológica e por partilharem alguns contextos gramaticais próximos, ter-se-ão fundido ambas em *-inge*, sendo no inglês moderno já realizadas como *-ing*.

A intersecção de formas morfológicamente distintas numa mesma forma *-ing* explicará assim o estatuto morfológicamente ambíguo das actuais formas em *-ing* do inglês.

4.5.5.1.2. As orações com *gérondif* e *participe présent* do francês

Também o francês levanta questões particulares no que diz respeito às gerundivas, uma vez que, nesta língua, o gerúndio do português, do italiano e do espanhol corresponde a duas construções diferentes - o chamado *gérondif* - *en* + V-*ant* - e o *participe présent* - em que *en* não ocorre - que as gramáticas francesas distinguem claramente.⁴⁷

Contudo, embora a distinção entre *gérondif* e *participe présent* esteja descrita nas gramáticas do francês, historicamente, há razões para pensar que estas duas formas nem sempre foram distinguíveis de uma forma inequívoca. É sabido que alguns dos usos contemporâneos do *gérondif* e *participe présent* foram determinados artificialmente pela Academia Francesa no final do s. XVII.

Estas formas parecem, pois, ter-se interseccionado em dado momento da história da língua. Embora a origem de uma e de outra forma continue sujeita a alguma controvérsia (cf. Campos 1980), autores como Bonnard & Régnier 1991 e Grévisse 1993 derivam as formas do *participe présent* francês do participio presente latino de natureza adjectival com terminação no acusativo em *-ante*⁴⁸ (> *-ant*). As formas do *gérondif* teriam origem no gerúndio latino com terminação no ablativo em *-ando*⁴⁹ (> *-ant*). Participio presente e gerúndio tinham empregos distintos no latim.

Também nas gramáticas francesas são atribuídas funções diferentes a cada forma.

⁴⁷ Alguns autores (cf. Jones 1996), contudo, tratam quer a construção com V-*ant* quer a construção com *en* V-*ant* como 'gerundive constructions'.

⁴⁸ E ainda *-ente* e *-inte* que não sobreviveram.

⁴⁹ E ainda *-endo* e *-iando*, tendo-se a desinência *-ant* imposto a todas as formas.

O *gérondif*, formado por <en + V-ant>, é definido pelas gramáticas francesas como uma forma que tem um funcionamento adverbial:

"Le gérondif représente toujours une circonstance accompagnant le verbe sur lequel il s'appuie. Il fonctionne comme *un adverbe* ou *un complément de circonstance*"

Chevalier *et al.* (1964: 374)

Este não pode ocorrer com sujeitos lexicais. A sua distribuição corresponde basicamente à do gerúndio de predicado (ou não periférico) quer anteposto, quer posposto:

(474) On s'accoutume à bien parler en lisant ceux qui ont bien écrit (Voltaire, in Chevalier *et al.* 1964: 374)

(475) C'est en forgeant qu'on devient forgeron. (id.: 375)

(476) Si Goethe avait cédé [à Bettina]... il n'aurait pas contaminé son peuple en le persuadant qu'une injustice est préférable à un désordre (Eluard, *ibid.*)

(477) J'attendrai mon train en lisant le journal. (Chevalier *et al.* 1964: 375)

(478) En travaillant ce soir, je pourrai aller demain au spectacle. (*ibid.*)

O *participe présent*, que não tem o introdutor *en*, corresponde apenas a *V-ant*. É definido nas gramáticas como uma forma verbal que tem um comportamento adjectival, à excepção dos empregos como absoluto. A sua distribuição recobre assim os casos das gerundivas periféricas do português e ainda os usos predicativos do gerúndio. Em fases mais recuadas do francês, esta forma terá manifestado concordância em género e número:

(479) La Veuve d'Hector pleurante à vos genoux. (Racine, in Grévisse 1993: 1308)

(480) Donner la chasse aux gens/Portans bastons et mendians (La Fontaine, in Grévisse 1993: 1308)

Nos usos ditos 'absolutos', pode ocorrer com sujeitos lexicais plenos:

(481) Et bientôt, Paris disparaissant, il poussa un gros soupir. (Flaubert, in Chevalier *et al.* 1964: 375)

(482) César ayant fait cette déclaration, Cicéron a quitté le Sénat. (Rouveret 1987: 313)

(483) Jean ayant déjà parlé, Marie se sentait plus à l'aise. (Roberge & Vinet 1989: 96)

Encontram-se ainda alguns exemplos em que há concordância com o sujeito:

(484) Toute(s) affaire(s) cessante(s)

(485) Tous empêchements cessants

(486) Il n'en bougera plus, moi vivante. (exemplos de Grévisse 1993: 1311)

Nos **usos predicativos**, a oração predica sobre o objecto, sobre outro constituente, e pode também predicar sobre o sujeito da matriz:

(487) Je le revois activant d'un air pensif le soufflet (Duhamel, in Chevalier *et al.* 1964: 374)

(488) Dans la rue de Bourgogne il dépassa ses camarades regagnant leurs cantonnements. (Aragon, in Chevalier *et al.* 1964: 375)

(489) Il pérorait [...] se prenant pour le nombril du monde, pontifiant (Cendrars, *ibid.*)

(490) Un boucher coupant, tranchant, élaguant, façonnant, ficelant vaut un danseur, un mime (Colette, *ibid.*)

(491) Jean a vu Marie; (*en) [-]_i sortant de chez elle.

(492) Paul a vu Marie travaillant dans son bureau. (Jones 1996: 437)

(493) J'ai vu Gaston_i [-]_i sortant du restaurant. (Jones 1996: 458)

Semanticamente, as construções com *gérondif* e com *participe présent* também se distinguem, uma vez que as construções periféricas com *participe présent* têm normalmente um valor causal, ao passo que a construção com *gérondif* tem um valor de modo ou de tempo simultâneo. A partícula *en* parece condicionar a interpretação de tempo simultâneo.

(494) Pierre_i a vu un renard en [-]_i traversant la forêt. (Jones 1996: 457) <tempo simultâneo>

(495) Le voleur_i a été arrêté (par la police_j) en [-]_i_j sortant de l'immeuble. (Jones 1996: 457) <tempo simultâneo>

- (496) Les voleurs_i sont entrés en [-]_i cassant une vitre. <modo>
 (497) [-] étant très fragiles, ces verres ne se mettent pas dans le lave-vaisselle.
 (Jones 1996: 458) <causa>
 (498) [-] ayant fini son travail, Jules s'est couché. (Jones 1996: 458) <tempo
 anterior/causa>

Se a oração for introduzida por *tout en* pode ter um valor concessivo (cf. Jones 1996: 457):

- (499) Tout en étant malade, Jules est allé au travail. (Jones 1996: 458)

Também as orações com *gérondif* apresentam restrições à interpretação do sujeito nulo. É possível a identificação pelo sujeito, mas não a identificação pelo objecto:

- (500) Les voleurs_i sont entrés en [-]_i cassant une vitre.
 (501) Ils ont tué les étudiants en hurlant. (Kayne 1977: 207)
 (502) *Le choc a tué les étudiants en hurlant. (Kayne 1977: 208)
 (503) J'_i ai dessiné Paul_j en [-]_{i/*j} mangeant une pomme.
 (504) Pierre_i a vu un renard en [-]_i traversant la forêt. (Jones 1996: 457)
 (505) Le verre_i s'est cassé en [-]_i tombant par terre. (Jones 1996: 457)
 (506) *Luc a cassé le verre_i en [-]_i tombant par terre. (Jones 1996: 457)
 (507) *Ce film a amusé Pierre_i en [-]_i le regardant. (Jones 1996: 457)

Estão excluídos também sujeitos identificados por um tópico e sujeitos nulos expletivos:

- (508) *Marie_i est arrivée en retard. En [-]_i ouvrant la porte, le professeur_j l'a
 grondée.
 (509) *Je suis sortie en [-]_{expl} pleuvant

Para além da identificação pelo sujeito, também parece ser possível a identificação por um argumento experienciador que não seja acusativo e sujeitos com interpretação arbitrária:

- (510) a. En [-]_i sortant de l'école, il m'_i a semblé voir Paul.
 b. Il m'_i a semblé voir Paul en [-]_i sortant de l'école.
 (511) En [-]_{arb} fumant trois paquets de cigarettes par jour, le risque de cancer
 augmente.

Jones 1996 observa que é possível a identificação por um agente explícito ou implícito em construções médias e passivas como as seguintes:

(512) La porte a été ouverte en la poussant. (Jones 1996: 107)

(513) a. La porte du château s'ouvrait en disant les paroles magiques. (Jones 1996: 117)

b. La porte du château s'ouvrait en grinçant. (Jones 1996: 118)

c. ??La porte du château enchanté s'est ouverte en disant les paroles magiques. (Jones 1996: 118)

d. La porte du château s'est ouverte en grinçant.

(514) a. Le poulet se cuit en le tournant fréquemment.

b. *Le poulet cuit en le tournant fréquemment. (Jones 1996: 118)

(515) Le verre a été cassé (par Luc_i) en [-]_i faisant la vaisselle. (Jones 1996: 457)

(516) Ce vin se boit en mangeant. (Jones 1996: 457)

(517) Le voleur_i a été arrêté (par la police_j) en [-]_{ij} sortant de l'immeuble. (Jones 1996: 457)

Nas orações com *gérondif* introduzidas por *tout en*, no entanto, nem é possível a identificação pelo objecto nem pelo agente da passiva:

(518) a. Tout en étant malade, Jules est allé au travail. (Jones 1996: 458)

b. *Tout en [-]_i étant malade, on a envoyé Jules_i au travail. (Jones 1996: 458)

c. Tout en étant malade, Jules a été envoyé au travail. (Jones 1996: 458)

d. *Tout en [-]_i prenant du soin, le verre a été cassé (par Luc_i). (Jones 1996: 458)

Curiosamente, o comportamento das orações com *gérondif* e com *participe présent* no francês parece apoiar a tipologia sintáctica proposta para o português, em particular a distinção feita entre gerundivas adjuntas não periféricas e gerundivas predicativas orientadas para o sujeito, uma vez que em francês elas correspondem a construções diferentes.

Kayne (1977: 127) observa também restrições ao tipo de predicado que ocorre nas construções predicativas com *participe présent*. Recorde-se as restrições observadas para as gerundivas predicativas do português em 4.1.2.

- (519) a. Je l'ai vu courant à toute vitesse.
 b. Elle l'a rencontré sortant du cinéma.
 c. Elle est là pleurant comme une Madeleine.
- (520) a. *Je l'ai vu étant petit.
 b. *Elle l'a rencontré ne l'aimant pas.
 c. *Elle est là étant grosse.

Apesar de as gramáticas francesas atribuírem um estatuto diferente às construções de *gérondif* e de *participe présent*, verificamos que cada uma delas, pelas propriedades que manifesta, equivale a um tipo de construção gerundiva de línguas como o português.

4.5.5.2. Legitimação do sujeito lexical em absolutas

Em gerundivas periféricas e em participiais são possíveis sujeitos plenos na construção chamada 'absoluta' (seja ela de natureza participial ou gerundiva) tanto nas línguas românicas que temos estado a considerar, como em inglês:

<gerúndio/particípio presente>

- (521) a. Ces verres étant très fragiles, il ne faut pas les mettre dans le lave-vaisselle. (Jones 1996: 458)
 b. Jules étant malade, nous avons dû finir le travail nous-mêmes. (Jones 1996: 458)
 c. Le train n'étant pas encore arrivé, Gaston est allé prendre un café. (Jones 1996: 458)
- (522) The match having been cancelled, the supporters of our team were most disappointed. (Kortmann 1991: 11)
- (523) Tendo o João saído, a Maria entrou.
- (524) a. Avendogli Giovanni dato una mano, Paolo è riuscito a far ripartire la macchina. (Lonzi 1991: 572)
 b. Pur avendomi tu aiutato, non sono andata lontano. (Lonzi 1991: 572)
 c. Spingendola Giovanni, la macchina forse ripartirebbe. (Lonzi 1991: 572)
- (525) Abriendo yo la puerta, se produjo el apagón. (citado em Hernanz & Suárez 1999: 2542)

<particípio passado>

(526) Son travail terminé, il est sorti. (Grévisse 1993: 1312)

(527) Dinner finished, we left for the opera. (Kortmann 1991: 10)

(528) Chegada a Maria, o João suspirou de alívio.

(529) Arrivata Maria, Gianni tirò un sospiro di sollievo. (Belletti 1990: 89)

(530) a. Llegados los bomberos, se procedió a la extinción del incendio.
(Mendikoetxea 1999: 1606)

b. Dicho esto, concluyó la sesión. (Hernanz & Suñer 1999: 2541)

- Como são legitimados esses sujeitos? De que forma verificam Caso?
- Por que razão não são admitidos sujeitos plenos em gerundivas não periféricas?

Se olharmos para as diferentes línguas, verificamos que a forma como o sujeito lexical é realizado não é sempre igual.

Em gerundivas periféricas, o português europeu padrão (cf. (531)), o italiano (cf. (532)) e o espanhol (cf.(533)), assim como o português dialectal (cf. (534)) admitem quer sujeitos DPs plenos, quer sujeitos pronominais que assumem a forma nominativa. Todas as formas de pronome, de qualquer pessoa gramatical, são possíveis:

(531) Estando eu/tu/ele/ela/nós/vocês/eles/elas na primeira fila, será fácil ver o quadro.

(532) Pur avendolo io/tu/lui/lei/noi/voi/loro aiutato, Gianni non è andato lontano.

(533) Faltando yo/tu/el/usted/nosotros/vosotros/, la fiesta resultaría aburrida.

(534) a. Estando eu...

b. Estandos tu

c. Estando ele/ela

d. Estândomos nós

e. Estandem vocês/eles/elas

Apesar de apresentarem o mesmo padrão de ordem de palavras, francês e inglês distinguem-se quanto à possibilidade de ocorrer um sujeito pronominal com Caso nominativo - só em inglês são gramaticais as formas pronominais nominativas:

- (535) Roddy tried to avoid Elaine, he being a confirmed bachelor. (Reuland 1983)
- (536) a. John having closed the door, the meeting started.
 b. I/you/he/she/we/they having closed the door, ...
- (537) a. Jean ayant fermé la porte, la réunion commença.
 b. *Je/tu/il/elle/nous/vous/ils/elles ayant fermé la porte, ...
- (538) a. Jean ayant terminé ses devoirs, Anne est allée le visiter.
 b. *Il ayant terminé ses devoirs,...
- (539) a. Jean étant arrivé en retard, le professeur l'a grondé.
 b. *J'/tu/il étant arrivé en retard,...

Note-se, no entanto, que as frases com sujeitos pronominais nominativos são sentidas como arcaicas pelos falantes ingleses. A realização do sujeito sob a forma de um pronome é extremamente rara e acontece apenas em registos muito formais ou em textos mais antigos (cf. Kortmann 1991):

- (540) I not being he, the question you ask is foolish. (citado em Kortmann 1991: 12)
- (541) Off they went, she remaining behind. (cit. Kortmann 1991:12)
- (542) Their patron, St Anthony, was the Egyptian hermit, he having been held to foster the growth of herbs in the desert. (cit. em Kortmann 1991: 100)

No francês, embora não possam ocorrer sujeitos pronominais clíticos, são permitidos sujeitos pronominais fortes, desde que o contexto legitime o uso destas formas.⁵⁰

- (543) (Le professeur attendait Pierre et Marie.) Lui étant arrivé en retard, le professeur l'a grondé.
- (544) Jean et Marie travaillaient ensemble, mais lui ayant toujours terminé bien avant elle, on décida de les séparer.
- (545) Marie avait deux amis étranges. Ils étaient aussi silencieux l'un que l'autre.
Ni elle ni lui n'ayant jamais ouvert la bouche, notre groupe en conclut qu'ils étaient ou muets ou idiots.
- (546) Je pense que, eux aidant, tu pourras résoudre ce problème.

⁵⁰ Agradeço a Matilde Miguel (c.p.), a quem devo muitos dos dados do francês, ter-me alertado para esta possibilidade e ter-me fornecido estes exemplos, assim como a preciosa ajuda que me deu com os dados do francês.

Ainda assim, parece haver restrições de pessoa - os pronomes de 3ª pessoa são mais aceitáveis do que os pronomes de 1ª e 2ª pessoa:

- (547) a. (Le professeur attendait Pierre et Marie.) Lui étant arrivé en retard, le professeur l'a grondé.
b. (Le professeur nous attendait.) ??Moi étant arrivé en retard, le professeur m'a grondé.
c. (Le professeur nous attendait.) ??Toi étant arrivé en retard, le professeur t'a grondé.

Francês e inglês distinguem-se ainda quanto à possibilidade de ocorrerem sujeitos expletivos - só em inglês podem ocorrer sujeitos expletivos:

- (548) a. It having snowed all day, I decided to stay home.
b. *Having snowed all day, I decided to stay home.

(Chomsky 1981: 327)

Embora com verbos meteorológicos a realização fonética do expletivo pareça ser obrigatória, noutros contextos, o expletivo nulo é possível. Kortmann 1991 refere o seguinte exemplo em que o expletivo não tem realização fonética:

- (549) Being Christmas, the government offices were closed. (in Kortmann 1991: 45)

Em francês, estão geralmente excluídos os sujeitos expletivos, quer nulos, quer pronominais:

- (550) *(Il) ayant plu, Marie est restée chez elle.

Só nalgumas expressões feitas aparecem geralmente sujeitos nulos expletivos:

- (551) Étant donné qu'il est déjà tard,...

A impossibilidade de ocorrerem sujeitos pronominais expletivos pode ser explicada se houver uma restrição generalizada à ocorrência de sujeitos clíticos nestas estruturas, o que parece verificar-se:

- (552) *Je/tu/il ayant fermé la porte, ...

Note-se que a mesma restrição parece verificar-se em participiais, como notou Santos (1999: 76):

(553) Jean vaincu,...

(554) ???Lui vaincu,...

(555) *Il vaincu,...

Podemos sintetizar o comportamento das várias línguas quanto às possibilidades de lexicalização de sujeitos em gerundivas periféricas através do seguinte quadro:

Tipos de sujeito nas gerundivas absolutas das várias línguas

	Su DP	Su pron. Nom.	Su pron. forte	Su expl. pron.
port. padrão	√	√	=	*
italiano	√	√	=	*
espanhol	√	√	=	*
port. dialectal	√	√	=	?
francês	√	*	√	*
inglês	√	√	?/√	√

Como são legitimados os sujeitos lexicais em gerundivas?

Sendo as gerundivas orações consideradas não finitas, a possibilidade de um sujeito ser lexicalizado é um fenómeno estranho na gramática. A situação mais comum corresponde àquela em que orações não finitas não legitimam sujeitos com matriz fonética. As orações gerundivas, no entanto, representam um caso particular: nem se comportam como as infinitivas não flexionadas, nem se comportam como as finitas. Estão numa situação intermédia.

Poderia pensar-se que os sujeitos que surgem em gerundivas são de alguma forma legitimados 'por defeito'. É esta a posição defendida em Eliseu 1988 e Santos 1999 relativamente às participiais e em Ribeiro 2002 relativamente às gerundivas flexionadas.

A pertinência da existência da noção de Caso por defeito na Gramática Universal tem sido defendida por vários autores. Schütze 2001, em particular, combinando hipóteses do Programa Minimalista (cf. Chomsky 1995) e da Morfologia Distribuída (cf. Halle & Marantz 1993), desenvolve um sistema em que o Caso por defeito é atribuído na componente pós-sintáctica a um DP que não tenha Caso morfológico e que

tenha sido legitimado independentemente na sintaxe.

Há, no entanto, vários factores que me levam a considerar que os sujeitos de gerundivas absolutas não têm Caso por defeito.

Em primeiro lugar, nas situações típicas de Caso por defeito, não há alternância com um sujeito nulo. Ora, nas gerundivas, podemos ter DPs ou pronomes nulos na posição de sujeito:

- (556) a. Estando [-] doente, a Ana ficou em casa.
b. Estando o Zé/ele doente, a Ana ficou em casa.

Em segundo lugar, em inglês, os pronomes que ocorrem como sujeito de gerundivas absolutas não têm as características dos pronomes que têm Caso por defeito nessa língua. Conforme descrito por Schütze 2001, a forma por defeito do inglês corresponde à forma do acusativo: *me/you/him/her/us/them*. É verdade que, nalguns casos, pode haver alternância com uma forma de nominativo. No entanto, nunca encontramos em situações de Caso por defeito pronomes neutros ou expletivos nem encontramos apenas formas nominativas (o que acontece no inglês standard):

- (557) - Who wants to try this game?
a. Me/*I.
b. Me/*I neither.
c. I/*Me do. (Schütze 2001: 211)

- (558) - What fell?
- This/*It.

(559) You and him/*he look lovely.

(560) *You and it look lovely.

Ora, nas gerundivas absolutas do inglês 'conservador', ocorrem quer sujeitos pronominais nominativos, quer sujeitos pronominais expletivos, o que não parece ser compatível com uma análise destes elementos como formas que recebem Caso por defeito:

(561) Roddy tried to avoid Elaine, he being a confirmed bachelor. (Reuland 1983)

(562) I not being he, the question you ask is foolish. (in Kortmann 1991: 12)

(563) Off they went, she remaining behind. (in Kortmann 1991: 12)

- (564) Their patron, St Anthony, was the Egyptian hermit, he having been held to foster the growth of herbs in the desert. (Kortmann 1991:100)
- (565) Neither could he suspect that he had missed his way, it being so broad and plain. (citado em Kortmann 1991: 100)
- (566) It having snowed all day, I decided to stay home. (Chomsky 1981: 327)
- (567) There being no taxis we had to walk. (Kortmann 1991: 25)
- (568) And, it being extremely cold,..., he thought it would make an agreeable change if he were to go inside where it was warm. (Kortmann 1991: 192)
- (569) He came up with a gem today about two words in one of his languages, one which began with [k] on a high tone, one which began with [k] on a low tone, it being a basic point of phonetic theory that the [k] can't be distinguished tonally. (citado em Kortmann 1991: 193)

No entanto, Kortmann (1991: 12) refere que em usos não standard do inglês, o pronome pode assumir a forma acusativa:

- (570) But you see, him being here, in the room - I had to be careful.
- (571) As we strode along, I doing my best to keep pace with him, and him reading aloud from some political economist or other, he would drag out a handful of nuts and munch them. (cf. Kortmann 1991: 12)

Também Bouchard (1984: 188), citando os seguintes exemplos, refere que há alternância entre a forma acusativa e a forma nominativa do pronome sujeito da oração absoluta, sendo, segundo ele, a forma acusativa a preferida:

- (572) Him having left, Mary felt sad.
- (573) Mary hates John, he being a bachelor.

O facto de haver alternância entre nominativo e acusativo sugere que a construção está a sofrer um processo de reanálise nomeadamente quanto ao processo de verificação de Caso do sujeito gramatical destas construções.

Para além disso, como Schütze 2001 refere, a atribuição de Caso por defeito não pode ser encarada como uma estratégia para 'salvar' DPs em último recurso. Se assim fosse, esperar-se-ia que esse mecanismo actuasse em todos os contextos em que um DP

não pode receber/verificar Caso (ou nos contextos de Caso Nulo na proposta de Chomsky & Lasnik 1993), o que não acontece. Veja-se que em estruturas de controlo típicas, PRO não pode alternar com DPs lexicais.

Assim, em alternativa à hipótese da atribuição de Caso por defeito ao sujeito lexical de gerundivas periféricas, podemos avançar a hipótese de que este recebe efectivamente Caso nominativo na variedade do inglês standard mais conservadora. Trata-se, no entanto, de um processo de legitimação mais fraco do que aquele que acontece em orações finitas.

Podemos assim colocar a hipótese de que os diferentes tipos de expressões nominais - DPs plenos, pronomes fortes, pronomes fracos, pronomes clíticos e pronomes nulos (tal como estabelece a tipologia de Cardinaletti & Starke 1999) - obedecem a diferentes condições de legitimação (cf. também Ambar 1996 para a ideia de que DPs e pronomes têm requisitos de legitimação diferentes).

Cardinaletti & Starke 1999 propõem que os pronomes se podem classificar em três categorias - pronomes fortes, pronomes fracos e pronomes clíticos - com diferentes propriedades fonológicas, sintácticas e semânticas.⁵¹

Os pronomes clíticos seriam os mais defectivos de todos os pronomes lexicais (cf. também Rouveret 1997), precisando de deslocar-se para um núcleo com o qual estabelecem uma relação local que lhes permite recuperar traços em falta.

Rouveret 1997 resume várias abordagens que fazem uso de uma hierarquia na deficiência estrutural das formas pronominais. Numa das hipóteses (cf. Corver et Delfitto 1993), os clíticos não estão especificados quanto ao traço [humano]. De acordo com Uriagereka 1995, os clíticos não codificam traços de pessoa. Na análise de Cardinaletti & Starke 1994, os clíticos têm uma estrutura interna mais defectiva (IP).

As restrições manifestadas à realização dos sujeitos lexicais nas várias línguas apoiam a ideia de que os pronomes clíticos são os pronomes lexicais mais defectivos. Em orações com participio presente, a defectividade dos clíticos manifesta-se pela impossibilidade de termos clíticos sujeito nestas estruturas em francês.

⁵¹ Ver Zribi-Hertz 2000 e Zribi-Hertz & Mbolatianavalona 1999 para uma crítica a vários aspectos da proposta de Cardinaletti & Starke 1999.

No entanto, clíticos objecto são perfeitamente possíveis, tanto em francês como nas restantes línguas românicas⁵²:

(574) Jean ne l'ayant pas vue, Marie...

(575) Tendo-nos convidado para a festa,...

(576) a. Paolo ha fatto ripartire la macchina spingendola. (Lonzi 1991: 571)

b. Avendogli Giovanni dato una mano, Paolo è riuscito a far ripartire la macchina. (Lonzi 1991: 572)

(577) a. Aproximandose el verano, Luis se vestía de blanco. (Fernández Lagunilla 1999: 3468)

b. Aun cantádoles una nana, los niños no se durmieron. (Fernández Lagunilla 1999: 3466)

c. La ropa se seca poniéndola al sol. (Fernández Lagunilla 1999: 3462)

Assim, os pronomes clíticos sujeito parecem ter um estatuto especial, uma vez que só estes estão excluídos das orações com participio presente.

O estatuto dos clíticos sujeito em francês é uma questão controversa. De acordo com Zribi-Hertz 1994 e Jakubowicz & Rigaut 1997, co-existem pelo menos duas variedades do francês: o Francês Moderno Standard, em que o clítico sujeito é um verdadeiro sujeito; e o Francês Avançado, em que o pronome clítico tem o estatuto de um morfema flexional de concordância, sendo uma lexicalização do núcleo funcional AgrS.⁵³

Se os clíticos sujeito do francês tiverem de ser legitimados por um nó Agr forte ou, em alternativa, se forem eles próprios a manifestação dessa categoria, pode explicar-se a restrição à ocorrência de clíticos nas estruturas participiais do francês.

A hierarquia de deficiência nas formas pronominais manifesta-se também em diferenças entre pronomes e DPs plenos em português. Os pronomes fracos parecem ser mais defectivos do que os DPs plenos. Nas gerundivas do português, essa defectividade manifesta-se na necessidade de haver adjacência entre o V (ou Aux) em posição inicial

⁵² Repare-se que, em português tal como em espanhol na ausência de elementos proclisadores, os clíticos ocorrem em ênclise nas gerundivas.

⁵³ Agradeço a Anne Zribi-Hertz ter-me enviado alguns artigos relativos a esta questão, assim como as referências bibliográficas que me sugeriu.

e o sujeito pronominal invertido, sendo o requisito de adjacência mais fraco quando o sujeito é um DP pleno:

- (578) a. ?Estando ainda o João com febre, resolvi ficar em casa.
b. *Estando ainda ele com febre, resolvi ficar em casa.
- (579) a. ?Sendo ainda a Ana muito nova, o médico aconselhou-a a ter esperança.
b. Sendo a Ana ainda muito nova,...
- (580) a. *Sendo ainda eu muito nova, o médico aconselhou-me a ter esperança
b. Sendo eu ainda muito nova,...

Assim, um pronome parece ter de estabelecer uma relação mais estreita com o V no gerúndio do que os DPs plenos.

Estes dados sugerem que os sujeitos de gerundivas não recebem Caso por defeito, mas sim Caso nominativo. Resta saber de que forma é que Caso é verificado nestas estruturas.

Relativamente às participiais, o problema é mais complicado. Nestas estruturas, a realização fonética do sujeito pode corresponder a um DP pleno, mas a realização como pronome obedece a um certo número de restrições.

Em português, como vimos acima, os sujeitos pronominais não são totalmente aceitáveis, estando mais restritos do que em gerundivas. Como observa Ambar 1996, são piores sujeitos pronominais de segunda pessoa e sujeitos pronominais com verbos transitivos⁵⁴:

- (581) a. Chegada a Ana, começámos a reunião.
b. ??Chegada eu/ela, ...
c. ?*Chegada tu, ...
d. ??Chegados nós, ...
- (582) a. Convidada a Ana, o Pedro deu os telefonemas por terminados.
b. ?*Convidada eu/ela, ...
c. *Convidada tu, ...
d. ?*Convidados nós, ...

⁵⁴ Cf. nota 30 deste capítulo.

Em italiano, o sujeito pronominal das participiais manifesta Caso acusativo com verbos transitivos e Caso nominativo com verbos inacusativos (cf. Belletti 1981, 1990; Ambar 1988, 1996; Santos 1999; e.o.):

- (583) a. Conosciuta me, ...
b. *Conosciuta io, ...
(584) a. *Arrivata me, ...
b. Arrivata io, ... (cf. Belletti 1990)

Em francês, os sujeitos pronominais clíticos estão excluídos destas estruturas:

- (585) a. Une fois les enfants venus/habillés, nous partions.
b. *Une fois ils venus/habillés, ...

A construção participial do inglês raramente funciona como absoluta, tendo normalmente um sujeito nulo:

- (586) Worn out by hunger and fatigue the fugitives at last reached the coast.
(587) Arrived at the station, he found his train gone. (exs. de Zandvoort 1957: 52)

Na literatura são referidos alguns exemplos com sujeitos lexicais, mas nenhum deles contém um sujeito que seja um pronome pessoal:

- (588) Dinner finished, we left for the opera. (Kortmann 1991: 10)
(589) Joan was burnt without a hand lifted on her own side to save her. (Jespersen 1954, citado em Kortmann 1991: 11)
(590) All things considered, it is not such a bad bargain. (Zandvoort 1957: 53)
(591) This done, he locked his door and went to bed. (Zandvoort 1957: 53)
(592) That done, he put on his woollen scarf and went out. (Sinclair 1990: 372)
(593) This said, I left. (Barbosa 1995: 72)

Na realidade, a ocorrência de sujeitos pronominais (quer nominativos, quer acusativos) em participiais absolutas do inglês é agramatical, contrastando com aquilo que acontece nas orações com participio presente:

- (594) a. The town destroyed, they celebrated their victory.
b. *It destroyed, ...

- (595) a. Everybody invited, John ordered ten bottles of champagne for the party.
 b. *They invited, ...
 c. *Them invited, ...
- (596) a. Dinner finished, we left for the opera.
 b. *It finished,...
- (597) a. All things considered, it is not such a bad bargain. (Zandvoort 1957: 53)
 b. *They considered, ...
 c. *Them considered,...

Assim, nas línguas que referi a legitimação do sujeito é mais fraca em orações com participio passado do que em orações gerundivas e de participio presente, o que mais uma vez sugere que as primeiras são mais defectivas.

Como dar conta então das diversas possibilidades de legitimação do sujeito lexical em adjuntas gerundivas e participiais?

Admitamos que as diferentes classes de expressões nominais e pronominais têm diferentes especificações morfológicas, i.e. diferentes traços-phi (pronomes têm traços de Caso mais fortes do que DPs e precisam de legitimação mais forte; clíticos sujeito só são legitimados num núcleo Agr 'forte'). Admitamos ainda que T de gerundivas/orações de participio presente, sendo defectivo, só pode legitimar plenamente DPs, e que só pode legitimar pronomes se estabelecer uma relação local apropriada com o pronome, i.e. se não intervier material lexical entre eles, e se for ele próprio legitimado por X^o adequado, que pode corresponder ao OpT em C. Podemos então explicar os dados observados.

Em gerundivas periféricas, o OpT em C encontra-se 'livre', possibilitando a atribuição de Caso por T e a legitimação de sujeitos DPs e pronominais.

Em gerundivas de predicado, OpT e V-T-Agr em C está 'ligado' por T-Agr matriz e legitimação do sujeito é bloqueada.

Nas orações participiais, em que não há OpT em C, os sujeitos pronominais serão marginais: T defectivo não estabelece relação apropriada com um elemento temporal que valide os seus traços. É no entanto suficiente para legitimar DPs plenos.

Quanto às orações de participio presente, em que admitimos não haver um OpT forte, embora possam ocorrer pronomes no inglês, estes encontram-se mais limitados,

podendo haver variação entre a forma nominativa e acusativa do pronome. Para além disso, os pronomes parecem ser melhores com verbos auxiliares do que com verbos plenos.

Embora a referência disjunta corresponda à situação mais frequente quando o sujeito da gerundiva está lexicalizado, também é possível que exista co-referência. Isso é possível pelo menos em português, em italiano, em francês, e em inglês, ainda que neste último caso as frases sejam consideradas desusadas:

(598) Estando a Ana_i muito cansada, [-]_i resolveu deitar-se cedo. <português>

(599) ?Essendo Gianni_i stanco, [-]_i è andato via. (Lonzi 1988: 66) <italiano>

(600) Jean_i ayant terminé ses devoirs, il_i est allé jouer. (ok, M. Miguel, c.p., mas 'arcaico' segundo Grévisse) <francês>

(601) a. Our guest at last arriving, he was called upon to sing. (Scheurweghs 1969, citado em Kortmann 1991: 101) <inglês>

b. The whole building being of wood, it seemed to carry every sound, like a drum. (Visser 1972, citado em Kortmann 1991: 101)

A possibilidade de haver co-referência entre o sujeito lexical da gerundiva e o sujeito pronominal da matriz mostra que este último não c-comanda a gerundiva. Caso contrário, deveríamos ter uma violação do Princípio C da T. da Ligação. Estes dados confirmam a ideia de que não há controlo estrutural nestas construções.

- Existirá alguma relação entre lexicalização do sujeito e ordem de palavras em absolutas?

Belletti (1990: 96) relaciona a ordem V-Su em orações participiais com a atribuição de Caso ao sujeito da participial. Assumindo que Agr atribui Caso Nominativo quando se junta a T (por movimento núcleo-núcleo) e admitindo que as participiais não têm uma especificação temporal completa, não projectando T, Caso nominativo em princípio não poderia ser atribuído ao sujeito em especificador de Agr. Só será possível atribuição de Caso nominativo na configuração V-Su, que corresponde a uma estrutura em que V subiu para C, onde se encontra um elemento X^o de natureza temporal capaz de atribuir Caso nominativo (cf. também Rizzi 1982 para as gerundivas do italiano e Raposo 1987 para as infinitivas do português).

Brito 1984, considerando apenas os dados do português, também coloca a hipótese de que é a subida de V para C em gerundivas que legitima o sujeito lexical. Como vimos, segundo a autora, as diferentes possibilidades de relações temporais que se verificam em gerundivas com *em* e gerundivas sem *em* sugerem que existe um Tempo independente em C:

(602) a. Em ele vindo ao Porto, falamos/falaremos nisso.

b. *Em ele vindo ao Porto, falámos nisso.

(cf. exemplos de Brito 1984: 431-2)

A favor de um valor temporal específico para o conector *em*, veja-se ainda os seguintes contrastes:

(603) a. Em eu tendo dezoito anos, saio de casa.

b. *Em eu tendo dezoito anos, saí de casa.

(604) a. Tendo eu dezoito anos, sairei de casa.

b. Tendo eu dezoito anos, saí de casa.

Esse T em C, segundo Brito 1984, seria o responsável pela inversão Su-V manifestada nas gerundivas sem conector do português e pela atribuição de Caso ao sujeito, na linha de propostas de outros autores (e.g. Stowell 1982; Raposo 1987).

A hipótese de Brito 1984, assim como as de Rizzi 1982, Belletti 1990, são interessantes. Levantam, no entanto, algumas questões quando olhamos para dados de outras línguas, a primeira das quais é colocada também em Barbosa 2002:

- como são legitimados os sujeitos lexicais no francês e no inglês, em que não há inversão?
- como são legitimados os sujeitos lexicais em variedades dialectais do português em que pode não haver inversão?

Procurarei responder a estas questões na próxima secção e verificar se existe ou não uma relação entre inversão Su-V e legitimação do sujeito em gerundivas.

4.5.6. Uma análise comparativa das orações adjuntas periféricas com gerúndio/particípio presente e particípio passado - questões de ordem de palavras

Vários autores têm observado que existem diferenças entre línguas nas orações ditas absolutas (i.e. orações gerundivas, orações com particípio presente e orações com particípio passado em que o sujeito se encontra foneticamente realizado): Ambar 1988, Barbosa 1995, 2002, Santos 1999; e.o.

Vimos já que em português padrão existe inversão sujeito-verbo (ou sujeito-auxiliar) obrigatória nas gerundivas periféricas:

- (605) a. Tendo o Zé vivido sempre na cidade, os pais nunca lhe mostraram os animais do campo.
b. *O Zé tendo vivido sempre na cidade, os pais nunca lhe mostraram os animais do campo.

Também em italiano e em espanhol existe inversão obrigatória nas gerundivas (cf. Rizzi 1982; Lonzi 1991; Fernández Lagunilla 1999), embora Lonzi (1988, 1991) refira que, nas gerundivas que ela classifica como 'arbitrárias' (e que correspondem basicamente às gerundivas de posterioridade), a inversão é facultativa:

<italiano>

- (606) a. Spingendola Giovanni, la macchina forse ripartirebbe.
b. *Giovanni spingendola, ...
(607) a. Pur avendomi tu aiutato, non sono andata lontano.
b. *Pur tu avendomi aiutato, ...
(608) a. Avendogli Giovanni dato una mano, Paolo è riuscito a far ripartire la macchina.
b. *Giovanni avendogli dato una mano, ...

(exemplos a. de Lonzi 1991: 572)

<espanhol>

- (609) a. Estando María regando las plantas, sucedió el accidente.
b. *María estando regando las plantas, ...
(610) a. Estando Pedro cenando en su casa, le sobrevino el infarto a Luis.
b. *Pedro estando cenando en su casa, ...

(exs. a. de Fernández Lagunilla 1999: 3466)

(611) a. Faltando Juan, la fiesta resultaría aburrida.

b. *Juan faltando,...

(612) a. Estudiando yo tercero, murió mi padre.

b. *Yo estudiando tercero,...

(exs. a. de Fernández Lagunilla 1999: 3467)

O mesmo acontece com orações absolutas com o particípio passado nestas três línguas:

(613) a. Destruída a cidade, os romanos celebraram a vitória.

b. *A cidade destruída,...

(614) a. Dicho esto, concluyó la sesión. (Hernanz & Suñer 1999: 2541)

b. *Esto dicho,...

(615) a. Arrivata sua moglie, Gianni cambiò atteggiamento. (Papi 1991: 599)

b. *Sua moglie arrivata,...

Assim, em línguas como o português, o italiano e o espanhol, o sujeito ocorre em posição pós-verbal (ou pós-Auxiliar) nas orações absolutas.

Em francês e em inglês, pelo contrário, a inversão não é permitida; o sujeito ocorre antes do verbo quer em absolutas com particípio presente, quer em absolutas com particípio passado:

<particípio presente>

(616) a. Jean étant sorti, Marie est entrée.

b. *Étant Jean sorti, Marie est entrée.

c. *Étant sorti Jean,...

(617) a. John having left, Mary came in.

b. *Having John left, Mary came in.

c. *Having left John,...

<participio pasado>

- (618) a. La ville détruite, les romains célébrèrent leur victoire.
b. *Détruite la ville, ...
- (619) a. Dinner finished, we left for the opera. (Kortmann 1991: 11)
b. *Finished dinner, ...

Contudo, se a oração for introduzida por uma expressão adverbial ou por outro conector a possibilidade de haver ordem Su-V está descrita para o português e para o italiano (cf. Ambar 1988, Santos 1999, Papi 1991)⁵⁵:

- (620) a. (Appena) Arrivata sua moglie, Gianni cambiò atteggiamento. (Papi 1991: 599)
b. *(Appena) sua moglie arrivata, Gianni cambiò atteggiamento. (Papi 1991: 600)
- (621) Una volta Maria arrivata, non ci fu più modo di remediare la gaffe. (Papi 1991: 600)

Veja-se, também, que Grévisse (1993: 356) refere vários exemplos em que existe inversão sujeito-verbo nas absolutas do francês, sobretudo com o participio pasado:

- (622) Eteinte la chaleur du combat, le coeur de Sélim avait répondu à l'invocation
(Kessel, in Grévisse 1993: 356)
- (623) Ces chiffres sont à rabattre, tenu compte de l'entrecroisement des sangs.
(Yourcenar, in Grévisse 1993: 356)
- (624) Exclus les parents et les élèves, on peut passer aux choses sérieuses (B. Frappat, in Grévisse 1993: 356)
- (625) Advenant le décès de l'un des deux (Ac. 1932, in Grévisse 1993: 356)

A inversão parece favorecer a perda de concordância:

- (626) Vu sa charge énorme, la voiture marchait très lentement (Gautier, in Grévisse 1993: 359)
- (627) Étant donné les circonstances (Duhamel, in Grévisse 1993: 360)

⁵⁵ Encontra-se também ordens alternativas relativamente a uma expressão feita (cf. Papi 1991: 600):

- i) Cìo detto, ...
ii) Detto cìo, ...

Em **variedades dialectais do português europeu** (cf. Cordial-sin) em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância, a inversão parece não ser obrigatória. Também é permitida a posição pré-verbal mesmo na ausência de conector.⁵⁶ Encontram-se os dois padrões de ordens de palavras em gerundivas: Su-V e V-Su.⁵⁷

<português europeu dialectal>

(628) Um caminho sendo ruim diz: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho". (Cordial-sin, AAL94)

(629) Enfim, os homens lá vão ainda porque não têm tractores e, então, hoje a coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem, vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa. (Cordial-sin, AAL36)

(630) Tu querendos, podemos namorar às escondidas (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(631) Calandes-te tu também eu me calo (Colos, in Guerreiro 1968)

(632) E depois, morreu a mãe. Morrendo a mãe, ficaram os dois, um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava a casa [AB|da, {pp} do] da mãe. (Cordial-sin, AAL54)

(633) E chamava-lhe ele {pp} tomateiras! Sendo ele criado aqui, {pp} talvez aí, {pp} [AB|vá lá] vá lá, /a/ uns quinhentos metros da distância [AB|da ca-, d-] da casa do tio. (Cordial-sin, PAL5)

(634) Enquanto os outros {pp} ouvem as coisas, {pp} ou vêem, {pp} (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL 5)

⁵⁶ Nestas gerundivas os sujeitos podem ser DPs plenos ou pronominais com Caso nominativo.

⁵⁷ Também está descrita a opcionalidade entre a ordem Su-V e V-Su em gerundivas no português do Brasil (PB) (cf. Campos 1980: 49):

i) "Demais isso mostra que o homem pouco sabe de português porque o verbo estando já no condicional eu não poderia empregar o condicionalíssimo "si"..." (citado in Campos 1980: 49, subl. meu)

ii) "Concordava mesmo que de vez em quando, êle não estando em casa, evidentemente, voltasse a recebê-las, como na véspera, para um chãzinho." (ibid., subl. meu)

iii) "A vida de Abraão pode parecer fantástica, mas tendo sua história sido escrita visivelmente pelo Espírito Santo, devemos respeitá-la." (id: 55, subl. meu)

Não vou considerar aqui os dados do PB, uma vez que estes envolvem questões que não posso aqui tratar.

Quanto ao participio passado, não se encontram facilmente participiais absolutas nos dados do PED. Trata-se de facto de uma construção bastante literária, pouco comum em registos orais. Encontram-se sim participiais introduzidas por *depois de*, que, como vimos acima, podem aproximar-se de construções predicativas:

(635) Depois de a farinha mexida, está toda passada, depois, ia-se dando a punhada, para coiso.(Cordial-sin, PAL30)

(636) Antes do pão (...), ardeu, transbraseou-se, depois varreu-se o forno. Depois de varrido, é que se põe o pão dentro do forno.(Cordial-sin, PAL31)

Em **estádios antigos do português**, pode encontrar-se quer a ordem V-Su, quer a ordem Su-V em gerundivas, como exemplificado de seguida em textos dos s. 13 e 14 (CIPM). Note-se que as diferentes ordens são possíveis quer com sujeitos plenos, quer com sujeitos pronominais:

(637) "& elos tenendo e auendo este Castello eu pusi meus preytos & myas co~uene~zas" (CIPM, 1260, CA03, F 43vB)

(638) "e o preito e a carta estando sempre i~seu reuor permaecente" (CIPM, 1283, HGP027)

(639) "& o dito abbade don Henrique estando presente na dita curтина, o dito Pedro Periz filou vun nabo con suas uerssas ..." (CIPM, 1283, HGP101)

(640) "pela ventuyra algu~u~ entrasse en orde~ ssen outorgame~to de ssa molher e ele seendo eno moesteyro quisesse ella entrar en moesteyro en rreligio~podeo fazer" (CIPM, s.14, PP)

(641) "Mays se o preyto seendo mouudo se presentassem clerigo este atal..." (CIPM, s.14, PP)

(642) "el no~ cri'j'a, que el aparelado era de rreuogar o agrauame~to assy commo deryto fosse, mostrando elles esse agrauamento;" (CIPM, 1290, HGP106)

(643) "E esto todo deue se'e'er en tenpo destes home'~e's (e) destas molhores e nõ mays comp(ri)ndo eles o seu deryto;" (CIPM, 1295, CHP026)

(644) "dize~do o d(i)cto Affon(so) gil q(ue) a mey'adade das d(i)ctas Casas er[a~] do d(i)cto Mon(steiro)" (CIPM, 1289, CHP022)

(645) "e sse o fezesse~ contra seu deffendime~to auendoos elle ante rrogados e deffendudo que o no~ffezessem" (CIPM, s.14, PP)

(646) " e con melhor entença~ todauia seendo o clerigo que presentassem bo~o~." (CIPM, s.14, PP)

No século 13, existem contextos em que podemos encontrar em variação livre gerúndio e participio presente. Assim, estão em variação as formas *fazente* e *fazendo*, *jazente* e *jazendo*, *reinante* e *reinando*, *temente* e *temendo*, *tenente* e *tenendo*. O desaparecimento progressivo das orações adverbiais com participio presente e a sua substituição sistemática pela forma gerundiva mereceria um estudo sistemático, que está fora do âmbito deste trabalho. Aqui, ilustro apenas esse fenómeno:

(647) "...como nos Joha~ Martins & Migel Martins & Mayor Martins, hermaos, fazendo por nos & por nossa herma'a' Maria Martins por que a todo tempo outorgamos..." (CIPM, 1282, HGP007)

(648) "muler q(ue) fuy de Froya Suariz, fazente por si & por toda a uoz deste seu marido et fazente por sa filla..." (CIPM, 1262, HGP002)

(649) "Regnante en Leon & i~Galliza & in Castella rey do~Afonso,..."(CIPM, 1257, HGP020)

(650) "Rena~do Rey do~Affonso en Leo~& en Castella co~ todos seus rreynos, ..." (CIPM, 1281, HGP055)

(651) "Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, teme~te o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de..."(CIPM, 1214, TL)

(652) "...eu Lopo Rrodriguez de Nozedo ffaço iazendo na prigon de Deus & teme~do dia de meu pasame~to, co~ todo meu ente~deme~to & ma memoria coreyta..." (CIPM, 1290, HGP058)

Nas participiais do PA tanto são possíveis a ordem V-Su como a ordem Su-V⁵⁸:

(653) e mha corte sabuda a u(er)dade deste feyto e vistas as cartas da hu~a p(ar)te

⁵⁸ Contudo, a ordem V-Su é sem dúvida a mais frequente e possivelmente a ordem menos marcada, sendo plausivelmente a ordem Su-V de certa forma latinizante. Veja-se que também Suñer (2002: §29.2.5) refere que no catalão do s. XIV em que co-existem as ordens Su-V e V-Su em participiais, a ordem V-Su parece corresponder já à ordem não marcada. A ordem Su-V, segundo a autora, encontra-se sobretudo com sujeitos pronominais, sintacticamente mais leves, e com sujeitos que contêm quantificadores universais, ao passo que a ordem V-Su não apresenta este tipo de restrições.

- e da out(ra) vyo por dereyto e Juygou os davand(i)c(t)os coutos e herdam(en)tos... (CIPM, 1274, CA21, F127vB)
- (654) E eu ouuido este Juyzo louueyo... ... (CIPM, 1274, CA21, F127vB)
- (655) E sabuda a u(er)dade nos de suso dictos Alcayde e Juyzes e tabalio~ p(er) ma~dado do Concelho. fezem(os) esta carta se'e'lar do se'e'lo d'euora. (CIPM, 1273, CA19, F126rB)
- (656) E eu auudo co~selo cu~ aq(ue)les q(ue) entendi q(ue) me dereytam(en)te co~selaria~ meti hy migo Steua~ anes meu Cha~celer (CIPM, 1270, CA10, F98vA)
- (657) [E], feito esto, disseronlhe os estrangeiros que no~ avyam viandas. (CIPM, s.14, CGE, F280d)
- (658) [E] el rey do~ Denis, visto o recado do Papa, mandou dizer aos reys todo o que lhe ma~dara dizer (...). (CIPM, s.14, CGE, F203r)
- (659) E acabado este (con)iuero deue diz(er) o b(is)po esta oraço~ como rroga a De(us) (...). (CIPM, 1350ca, PP, 33c)
- (660) Acabado todo esto, tornou-se o conde pera as Esturas. (CIPM, s.14, CGE, F149c)
- (661) E, acabado esto, rey Abdella mandou lavrar muy ben o castello de Loxa. (CIPM, s.14, CGE, F107b)
- (662) & viudas las cartas & leudas y oydas las razones & sabuda a uerdade p(er)... (CIPM, HGP)
- (663) Ysto acabado, çessou a guerra e foro~feytas firmes pazes. (CIPM, s14, CAXP, F244v)
- (664) E, esto acabado, morreu; e foy enterrado e~no moesteiro de San Salvador, o que elle fezera em Leon pera sua filha dona Elvira. (CIPM, s.14, CGE, F116a)
- (665) & a ca(r)ta uista e p(er)leuda, o d(i)cto joyz foy au d(i)cto logar (...). (CIPM, HGP)

Temos assim as seguintes possibilidades de **ordem de palavras em orações absolutas de gerúndio/particípio presente sem conectores** nos vários sistemas linguísticos:

	V-Su	Su-V
port. padrão	√	*
italiano	√	*
espanhol	√	*
port. dial.	√	√
port. ant.	√	√
francês	*/?	√
inglês	*	√

Em orações absolutas com **particípio passado** sem conectores, a ordem de palavras é a seguinte:

	V-Su	Su-V
port. padrão	√	*
italiano	√	*
espanhol	√	*
port. ant.	√	√
francês	*/?	√
inglês	*	√

- Como explicar os diferentes padrões de ordem de palavras?
- Que posição ocupam o verbo e o sujeito nas várias línguas?
- Corresponderão as ordens V-Su e Su-V em gerundivas e participiais a um mesmo fenómeno ou trata-se de fenómenos diferentes em cada uma das construções?
- Se ordem V-Su corresponder a subida do V, o que a desencadeia?
- Como explicar línguas em que existe aparentemente opcionalidade, num modelo em que a opcionalidade está excluída?

Estes contrastes receberam várias interpretações e várias explicações teóricas.

Segundo Ambar (1988/1992: 322), cujo trabalho se situa no quadro teórico de Chomsky 1986, a ordem V-Su em gerundivas do português é desencadeada pela subida de V para C de forma a que T [-forte] da gerundiva tenha acesso a regência por T matriz. Quando C está preenchido por *em*, *em* rege T, não havendo subida do V. A autora não refere no entanto o porquê da ausência de inversão noutras línguas, descrevendo apenas contrastes na ordem de palavras entre o português e o francês na primeira parte do trabalho (cf. Ambar 1988/1992: 121).

Quanto às participiais do português, Ambar (1988/1992: 319-21) propõe que T

matriz rege o núcleo C de CP participial, que segundo a autora se encontra adjunto a IP matriz. A ordem V-Su é explicada pela necessidade de Agr da participial [+ anaf] ser regido por T. Sendo T da participial fraco, terá de subir para C de onde, regido por T matriz, pode reger Agr. Só em C é que T subordinado tem acesso à regência por T matriz. Em alternativa, um operador aspectual em especificador de C legitima T e a inversão pode não ocorrer.

Barbosa 2002 propõe uma explicação diferente. Na sequência de Roberts 1994, a autora relaciona a posição pré ou pós-verbal do sujeito nas orações absolutas com o facto de a língua admitir ou não sujeitos nulos: as línguas de sujeito nulo teriam inversão, ao passo que as línguas de sujeito não nulo não teriam inversão. Nas palavras da autora, "o que determina a exclusividade do padrão V-S é a ausência dos traços de concordância verbal, isto é, a ausência de especificação dos traços de concordância de Pessoa" (Barbosa 2002: 56).

Para Barbosa 2002, a ordem V-Su em gerundivas não corresponde a uma estrutura em que V/Aux subiu para C, mas sim a uma estrutura em que o sujeito se encontra numa posição baixa. De acordo com Barbosa, nas orações absolutas e nas orações infinitivas das línguas de sujeito não nulo, o sujeito está numa posição mais alta do que aquela que ocupa nas línguas de sujeito nulo.

Relativamente às gerundivas, Barbosa refere que a possibilidade de haver marginalmente extracção de *ne* nas gerundivas do italiano - o que só parece ser possível de uma posição pós-verbal - pode servir de argumento em favor de uma posição mais baixa para o sujeito nas gerundivas do que aquela que é ocupada pelos sujeitos pré-verbais em contextos finitos:

(666) a. *[Molti -] ne sono stati distrutti.

b. ???Essendone [molti -] stati distrutti dagli attachi precedenti, potremmo tornare a casa. (Barbosa 2002: 60)

Belletti 1990 refere que com o participio passato as frases com extracção de *ne* são agramaticais:

(667) a. Appena partite tre lettere di invito, la riunione fu rinviata.

b. *? Appena partitene [tre -], ...

Contudo, Santos (1999: 54) refere que sem *appena* a frase é gramatical:

(668) Partitene tre, la riunione fu rinviata.

Os dados com extracção de *ne* em italiano, segundo Barbosa 2002, quererão dizer que nesta língua os sujeitos se encontram numa posição pós-verbal baixa em gerundivas e participiais.

Para as participiais, Barbosa 2002 defende, tal como Santos 1999, que a posição ocupada por Adv's de VP nestas estruturas é um argumento a favor da hipótese de que o sujeito está numa posição baixa. O V estaria numa projecção de Aspecto e o sujeito permaneceria na sua posição básica.

Contudo, relativamente às gerundivas do português, a autora não apresenta argumentos convincentes a favor de uma posição baixa para o sujeito. De facto, no português, a posição de Adv's de VP em gerundivas mostra que o V e o sujeito estão numa posição mais alta do que em participiais (cf. também Santos 1999):

(669) a. *O João completamente resolveu o problema.

b. O João resolveu completamente o problema.

(670) a. Completamente resolvido o problema, o João ficou mais aliviado.

b. Resolvido completamente o problema,...

(671) a. *Completamente resolvendo o problema, o João será promovido.

b. Resolvendo completamente o problema, ...

c. *Completamente resolvendo o João o problema,...

d. Resolvendo o João completamente o problema,...

Segundo a autora, o facto de os sujeitos ocuparem posições baixas nas absolutas das línguas de sujeito nulo está directamente relacionado com a impossibilidade de haver Deslocação à Esquerda Clítica em contextos em que não há traços de pessoa. De facto, a autora defende a hipótese de que os sujeitos pré-verbais das línguas de sujeito nulo estão deslocados, ocupando uma posição-A'. No contexto de orações não finitas, *pro* referencial não seria legitimado, o que explicaria a impossibilidade de haver ordem Su-V nas absolutas das línguas de sujeito nulo.

Contudo, se é verdade que existe uma correlação entre concordância e posição do sujeito, esperar-se-ia até certo ponto uma correlação entre ausência de marcas de concordância e ordem Su-V, como acontece nas línguas de sujeito não nulo. Se são os traços de concordância os responsáveis pela legitimação de *pro* referencial, esperar-se-ia que as línguas de sujeito nulo em contextos de ausência de concordância tivessem um

comportamento típico das línguas de sujeito não nulo, havendo subida do sujeito para especificador da flexão. Em vez disso, a autora diz que a ausência de concordância vai impedir a legitimação de *pro* referencial, tendo o sujeito lexical de permanecer *in situ*, à direita do V.

Esta hipótese prediz que só sejam gramaticais orações gerundivas e participiais com sujeitos nulos [- referenciais], uma vez que, nesta análise, a Flexão das gerundivas não legitima [*pro* referencial]. Não é isso que acontece, no entanto.

Note-se que, para a autora, os sujeitos nulos de absolutas estão sujeitos a uma relação de controlo, tendo um comportamento semelhante a PRO. A favor desta hipótese, a autora refere o seguinte exemplo:

(672) *cv essendo così simpatica, Gianni è contento.

A autora defende ainda que os sujeitos pré-verbais nas absolutas do francês e do inglês ocupam posições mais altas do que os sujeitos das línguas de sujeito nulo. A favor disso, Barbosa 2002 refere dados da distribuição de advérbios de VP nas diferentes línguas. Tal como em Santos 1999, isso serve-lhe de argumento para dizer que o sujeito das línguas de sujeito não nulo é atraído para a posição de especificador de Asp, contrariamente àquilo que acontece nas línguas de sujeito nulo:

(673) The boat completely sunk, only tiny liferafts were visible.

(674) Une fois l'affaire complètement oubliée, Jean est retourné à la politique.

(675) Completamente esquecido o assunto, o João regressou à política.

(676) Una vez definitivamente resuelto el problema,... (exemplos de Barbosa 2002: 62)

Contudo, esses contrastes só são válidos para as participiais. Relativamente às gerundivas, a posição dos AdvS é diferente, como aliás já observámos:

(677) Tendo o João resolvido definitivamente o problema,...

Isto sugere que o Aux e o sujeito ocupam posições mais altas nas gerundivas.

A impossibilidade de termos a ordem Su-V nas gerundivas das línguas de sujeito nulo, segundo a autora, estaria também relacionada com a impossibilidade de haver movimento-Qu em absolutas.

Estas observações merecem-me vários comentários.

Em primeiro lugar, como já observei atrás, contrariamente àquilo que é pressuposto em vários trabalhos, as restrições ao movimento-Qu não são exclusivas de absolutas. Estas restrições verificam-se relativamente a todas as subordinadas adverbiais. No entanto, nas adverbiais finitas e infinitivas temos a ordem Su-V:

(678) *Que livro quando o João deu ao Paulo, o Pedro ficou admirado?

(679) *A quem porque o Zé deu um estalo, a Ana ficou indignada?

Em segundo lugar, como já foi mostrado, não é verdade que os sujeitos nulos de absolutas estejam sempre sujeitos a controlo pelo sujeito da matriz. Na realidade, como foi descrito acima, por um lado, são possíveis sujeitos nulos sem antecedente exposto na matriz, desde que exista um contexto linguístico e pragmático adequado; por outro lado, são possíveis sujeitos nulos expletivos, o que não é característico de estruturas de controlo, veja-se a agramaticalidade de (682) a (684):

(680) a. [O bebé]_i está com febre há três dias. [-]_i Continuando assim, acho que o devemos levar ao médico.

b. [Eles]_i construíram já duas casas. [-]_{i/?j} Acabando de fazer a terceira, [a mãe]_j poderá ir morar para o pé deles.

(681) [-] sendo já muito tarde, o João resolveu ir deitar-se.

(682) *O João queria [-] estar a chover.

(683) *[-] estar a chover é desagradável.

(684) *Não me convence [-] ser preciso estar tanto tempo à espera.

A hipótese avançada por Barbosa (2001, 2002) confronta-se ainda com outros problemas de ordem empírica. Na realidade, a situação interlinguística parece ser mais complexa do que aquela que Barbosa descreve, uma vez que tanto no português dialectal como em napolitano antigo, que são línguas de sujeito nulo, a posição pré-verbal é possível. Nestas variedades, contudo, a flexão em gerundivas pode ter marcas visíveis de concordância. Na perspectiva de Barbosa, poderia então pensar-se que se trata de um contexto semelhante ao de uma oração finita, legitimando *pro* referencial.

No entanto, como vimos acima, também em português antigo (PA) encontramos quer a ordem Su-V, quer a ordem V-Su. Ora, em PA, língua de sujeito nulo, não há concordância visível nas gerundivas, pelo que a possibilidade de se tratar de orações de

tipo 'finito' está excluída.

Também a análise de Barbosa prediz que em francês antigo, língua de sujeito nulo, só a ordem V-Su seja possível, quer em absolutas com *-ant* quer em participiais. Barbosa 2002 (citando Roberts 1994) diz que a ordem V-Su existia em orações com *-ant* no francês antigo:

(685) Ayant ce bon homme fait tout son possible...(in Roberts 1994: 233)

Resta saber se essa ordem era obrigatória ou opcional. Nas orações de participio passado, no entanto, a ordem V-Su não era certamente obrigatória, uma vez que nos seguintes exemplos a participial manifesta a ordem Su-V:

(686) Tel duel et tel priere faite,

Par grand ire a l'espee traite (in Bonnard & Régnier 1991: 175)

(687) Espees tretes, les escuz avant mis,

Ja mosterront qu'ils ne sont pas amis (in Bonnard & Régnier 1991: 175)

Um outro possível contra exemplo à hipótese de Barbosa vem das orações gerundivas introduzidas por *em*. Nestas orações, a ordem Su-V é possível e aparentemente a forma do gerúndio é a mesma que nas orações sem conector. Barbosa (2002) afirma que os seguintes contrastes mostram que as orações gerundivas com *em* não têm a mesma estrutura de base que as gerundivas sem conector:

(688) a. (Em) não aparecendo ninguém, terás de fechar a loja.

b. */?Em ninguém aparecendo, terás de fechar a loja.

(689) a. (Em) aparecendo só o Carlos, não podemos reunir.

b. *Em só o Carlos aparecendo, não podemos reunir.

(exemplos de Barbosa 2002)

O facto de se verificarem restrições semelhantes em estruturas que são analisáveis como orações pequenas, leva a autora a colocar a hipótese de que as gerundivas com *em* também são orações pequenas:

(690) */?Com ninguém prestando atenção, não posso falar.

(691) *Com só a Maria prestando atenção, o que podemos fazer?

(exemplos de Barbosa 2002)

No entanto, se olharmos para aquilo que acontece em orações adverbiais finitas, verificamos que existem restrições semelhantes às que a autora refere para as gerundivas. Isto acontece de uma forma mais clara nas adverbiais com *quando* e futuro do conjuntivo, exactamente aquelas que estão semanticamente mais próximas das gerundivas com *em*. Assim, a hipótese de as gerundivas com *em* corresponderem a orações pequenas revela-se problemática, uma vez que, no caso das finitas, esta hipótese não é plausível:

(692) a. */?Quando ninguém aparecer, podes fechar a loja.

b. Quando não aparecer ninguém, podes fechar a loja.

(693) a. ??Quando só o Carlos aparecer, não podemos reunir.

b. Quando aparecer só o Carlos, não podemos reunir.

(694) a. ??Se só o Carlos aparecer, não podemos reunir.

b. Se aparecer só o Carlos, não podemos reunir.

(695) a. ?Como só o João estava presente, não dei aula.

b. Como estava presente só o João, não dei aula.

Assim, a correlação entre a ordem de palavras em absolutas e o Parâmetro do Sujeito Nulo feita por Barbosa (1995, 2002) apresenta alguns problemas, não podendo ser estabelecida de uma forma imediata.

Para além disso, apesar de tanto o francês como o inglês não desencadearem inversão sujeito-verbo em absolutas, é sabido que a posição do V nas duas línguas é diferente.

Conforme está descrito na literatura (cf. Pollock 1989: 408; Jones 1996: 350), a posição do V é diferente em francês e em inglês. Nas orações absolutas do inglês, o V fica numa posição relativamente baixa. Se observarmos a posição da negação relativamente quer a verbos auxiliares, quer a verbos plenos, verificamos que a negação nestas estruturas precede sempre qualquer forma flexionada do verbo, contrariamente àquilo que acontece nas orações finitas:

(696) a. He paused, not wishing to boast. (Sinclair 1990: 372)

b. *He not wishes to boast.

c. He doesn't wish to boast.

(697) a. He failed to recognize her at first, not having seen her for fifteen years or

so. (ibid.)

b. *He not has seen her for fifteen years.

c. He hasn't seen her for fifteen years.

(698) a. He began hitting them with his stick, their reply not having come as quickly as he wanted. (ibid.)

b. *Their reply not has come as quickly as he wanted.

c. Their reply hasn't come as quickly as he wanted.

(699) Not liking this sort of film, I will not watch it. (Jones 1996: 350)

(700) Not having seen this film, I cannot talk about it. (Jones 1996: 350)

No francês, pelo contrário, a posição da negação nas absolutas é exactamente igual à das orações finitas:

(701) a. Jean n'a pas encore mangé.

b. Jean n'ayant pas encore mangé, je lui ai préparé une omelette.

c. *Jean ne pas ayant mangé,...

(702) a. Jean ne court pas très vite.

b. Jean ne courant pas très vite, Paul l'a attrapé.

c. *Jean ne pas courant très vite,...

(703) N'aimant pas ce genre de film, je ne le regarderai pas. (Jones 1996: 350)

(704) N'ayant pas vu ce film, je ne peux pas en parler. (Jones 1996: 350)

Isto sugere que nas absolutas com *participe présent* do francês o V sobe para I tal como nas frase finitas, contrariamente àquilo que acontece facultativamente nas infinitivas, em que *pas* pode preceder a forma flexionada. Em inglês, pelo contrário, V não sobe:

(705) a. Ne pas être heureux est une condition pour écrire des romans. (Pollock 1989: 373)

b. N'être pas heureux est une condition pour écrire des romans.(ibid.)

(706) a. Ne pas posséder de voiture en banlieu rend la vie difficile. (id: 374)

b. *Ne posséder pas de voiture en banlieu rend la vie difficile. (ibid.)

Para a hipótese de Barbosa 2002 também são problemáticos dados do português antigo. O PA era uma língua de sujeito nulo:

(707) E por este amor q(ue) a mj~ a Ordim d'avis faz. p(ro)meto a'a'mala. e a

q(ue)rer ssa prol. (CIPM, 1278, CA31, F160vA)

Assim sendo, na análise de Barbosa, o sujeito deveria ocorrer em posição pós-verbal em orações não finitas. No entanto, em PA, como já foi referido, podemos encontrar quer a ordem Su-V, quer a ordem V-Su em gerundivas:

(708) "& elos tenendo e auendo este Castello eu pusi meus preytos & myas co~uene~zas" (CIPM, 1260, CA03, F 43vB)

(709) "el no~ cri'j'a, que el aparellado era de rreuogar o agrauame~to assy commo deryto fosse, mostrando elles esse agrauamento;" (CIPM, 1290, HGP106)

Se a ordem relativa de V e do sujeito nestas orações não for atribuída ao parâmetro do sujeito nulo e ao facto de *pro* referencial só ser legitimado em contextos finitos nas LsSuN, como explicar as diferentes ordens de palavras nas várias línguas?

Considere-se então a seguinte hipótese:

Hipótese:

- A categoria funcional C que encabeça gerundivas em línguas como o português europeu padrão, o italiano, ou o espanhol tem traços verbais/predicativos não interpretáveis fortes, i.e. tem traços-T que têm de ser verificados na sintaxe antes de *spell-out*

Esta hipótese poderia explicar o facto de nestas línguas ser desencadeada subida do V (inversão sujeito-verbo) em gerundivas.

No entanto, como muitos autores têm observado, dar conta de diferenças de ordem entre línguas através da estipulação de traços fortes ou fracos em determinadas categorias funcionais acaba por ser um mecanismo meramente descritivo se não lhe estiverem associadas outras propriedades sintácticas ou morfológicas que motivem a existência desses traços.

Existirão algumas propriedades morfológicas e sintácticas que distingam as orações absolutas com participio presente do francês e do inglês das gerundivas do português, espanhol e italiano?

Na realidade, as orações 'nominativas absolutivas' do inglês, apresentam maiores restrições do ponto de vista semântico e menor independência temporal relativamente à matriz do que as gerundivas absolutas do português. A observação de que as orações absolutas do inglês estão muito mais restritas semanticamente do que outros adjuntos é aliás feita em Kortmann (1991: 134). Também Barbosa 1995 nota restrições nas absolutas do inglês.

Veja-se que as seguintes orações gerundivas do português com sentido condicional não têm uma contrapartida não preposicionada gramatical em inglês (cf. Kortmann 1991: 157-160):

- (710) a. Chegando o comboio um pouco mais tarde, já não conseguiremos/
consequiríamos apanhar a ligação.
b. *The train arriving later, we won't be able to make our connection.
b'. If the train arrives later,...

Barbosa 1995 observa também a inexistência de gerundivas absolutas com sentido condicional em italiano, francês e inglês:

- (711) Jugando Juan al bridge, la partida se alargará. (Barbosa 1995)
(712) Faltando Juan, la fiesta resultaría aburrida. (Fernández Lagunilla 1999)

No entanto, de acordo com os dados de que disponho, isso só parece ser verdade para o francês e o inglês. Em italiano, estão registadas gerundivas absolutas equivalentes às que Barbosa dá para o espanhol e para o português:

- (713) Spingendola Giovanni, la macchina forse ripartirebbe. (Lonzi 1991)
(714) Vincendo un altro giocatore, il capogioco lascia il suo posto. (Lonzi 1988)

As frases correspondentes do francês e do inglês são agramaticais⁵⁹:

- (715) a. *John pushing the car, it would certainly restart.
b. *Jean poussant la voiture, elle repartirait certainement.

⁵⁹ Segundo informantes por mim consultados, se em inglês a frase for precedida de *with* ou *without* torna-se possível:

- i) With John pushing the car, it would certainly restart.
ii) Without John being there, the party would be boring.
Trata-se aqui, no entanto, de uma construção diferente.

(716) a. *John not being there, the party would be boring.

b. *Jean n'étant pas là, la fête serait gâtée.

Assim, não há efectivamente equivalência absoluta do ponto de vista interpretativo e funcional entre orações absolutas não preposicionadas com *V-ing* e *V-ant* e orações gerundivas do português, do espanhol e do italiano. As orações absolutas do inglês e do francês estão mais limitadas. Repare-se que são exactamente estas línguas as que não permitem inversão sujeito-verbo e as que têm formas verbais classificáveis como 'participios presentes' e não como gerúndios. Pode pensar-se assim que estas formas verbais têm um estatuto morfológico distinto, o que tem consequências na ordem de palavras e nos valores semânticos permitidos na construção absoluta.

A existência de um traço-V ou de um traço-T em C nas gerundivas de línguas como o português, o italiano e o espanhol vs. inexistência desse traço em inglês e francês estaria assim relacionada com o diferente estatuto morfológico (e diferente origem histórica) da forma verbal, com a existência de maiores restrições temporais e interpretativas nas absolutas com participio presente do francês e do inglês, e com as maiores restrições à legitimação de sujeitos pronominais no francês e no inglês.

As gerundivas do português, do italiano e do espanhol, com algumas pequenas diferenças, partilham o mesmo tipo de propriedades: manifestam um vasto leque de valores semânticos, exigem inversão sujeito-verbo, legitimam sujeitos nominativos.

Resta explicar a aparente opcionalidade entre ordem Su-V e ordem V-Su no português dialectal e no PA.

O carácter não obrigatório da subida de V para C em variedades dialectais do português pode explicar-se pela natureza fraca de traços em C nestes sistemas, que só terão de ser verificados em FL. As diferentes ordens de palavras nestes sistemas poderiam ter assim uma motivação de natureza discursiva. Quando C está lexicalizado, a inversão só será possível com Vs de tipo inacusativo ou predicativo. Quando C está foneticamente vazio, com verbos transitivos a ordem V-Su corresponde a uma subida de V para C estando o sujeito focalizado contrastivamente. A ordem V-Su com verbos inacusativos poderá corresponder também a uma estrutura em que o sujeito se mantém na sua posição de base. As ordens Su-V corresponderão a estruturas em que V não subiu para C, não estando o sujeito focalizado.

Repare-se que em inglês e francês a ordem V-Su não pode corresponder a uma estrutura em que o sujeito permanece *in situ*. Nestas línguas, o sujeito tem obrigatoriamente de subir para Especificador da Flexão:

(717) Chegou o João.

(718) *Arrived John.

(719) *Est arrivé Jean.

Nos dados de que disponho, há alguns indícios a favor da hipótese de que no PED a ordem V-Su em gerundivas sem conectores está associada a uma estratégia de focalização do sujeito. No dois primeiros exemplos que se seguem, o sujeito não é aparentemente focalizado e encontra-se em posição pré-verbal; nos dois exemplos seguintes, o sujeito parece ser focalizado contrastivamente, e encontra-se em posição pós-verbal:

(720) Tu querendos, podemos namorar às escondidas. (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(721) Qualquer descuido, os animais soltandem-se... (Santa Justa, *ALEPG*)

(722) Calandes-te tu também eu me calo. (Colos, in Guerreiro 1968)

(723) Apanhandem eles as favas, está tudo feito. (Colos, in Guerreiro 1968)

Seriam necessários mais dados devidamente contextualizados para confirmar a hipótese de que a ordem de palavras nas gerundivas do PED está ligada a condições de carácter informacional.

Quanto ao PA uma explicação semelhante não parece fazer sentido, uma vez que (pelo menos por enquanto) não há registo de presença de concordância nas gerundivas nesta época (cf. Martins 1999).

Como explicar então a variação de ordem de palavras nas gerundivas do PA? Recorde-se que nos textos antigos se encontra nas absolutas variação entre formas de gerúndio e formas de participio presente. Uma hipótese é pensar que a intersecção entre as duas formas, morfológicamente distintas, está na origem desta questão.

Se, como no inglês e no francês, as construções com participio presente (morfológicamente mais próximo de um adjectivo) não tinham traços-T fortes em C, a

oscilação entre as duas ordens pode talvez explicar-se por uma fase de transição em que o estatuto funcional da gerundiva não estava ainda completamente fixado. Serão precisos mais estudos nesta área para comprovar esta hipótese.

Assim, na minha análise, as ordens de palavras em gerundivas e orações de participio presente não se devem tanto à presença ou não de traços de concordância nestas estruturas, ou a uma relação com o Parâmetro do Sujeito Nulo, mas antes a diferentes especificações morfológicas da categoria C para diferentes formas morfológicas.

Em estruturas com formas verbais de natureza 'adjectival' não existiria operador T em C e, por conseguinte, não se verificaria subida obrigatória de V para C. Nestas estruturas de tipo 'adjectival' caberiam as orações de participio presente, que, em estádios mais antigos, manifestavam concordância de género e número, e também as orações participiais, que ainda hoje manifestam concordância de género e número. Assim, a especificação morfológica de participiais (com participio presente ou passado) é diferente da especificação morfológica de gerundivas, traduzindo-se essa diferença em diferentes propriedades da estrutura funcional de cada um dos tipos de orações.

Assim, de acordo com esta proposta, embora pareça existir uma relação na ordem de palavras entre os vários tipos de absolutas nas várias línguas, na realidade a ordem de palavras em participiais teria uma motivação independente daquela que opera nas gerundivas.

A ordem em absolutas com participio passado, de acordo com esta hipótese, deverá passar por uma explicação diferente daquela que foi proposta para as gerundivas. Sendo estas estruturas também de certa forma 'adjectivais', o que se correlaciona com a ausência de Op T em C e com a morfologia de concordância em género e número manifestada nestas formas verbais, a inversão nestas estruturas não deve ser vista como uma subida de V para C de forma a verificar traços morfológicos da categoria C. Assim, a ordem Su-V ou V-Su em participiais corresponderá antes à subida ou permanência *in situ* do sujeito gramatical, como propõem Santos 1999 e Barbosa 2002. A subida do sujeito dar-se-ia por razões de ordem predominantemente discursiva. O facto de com operadores aspectuais como *uma vez* a ordem Su-V ser preferida decorrerá do estatuto informacional condicionado por este elemento adverbial, que favorece uma leitura do sujeito como elemento conhecido:

- (724) a. Uma vez as contas feitas,...
- b. Feitas as contas,...

Repare-se que a anteposição de elementos sentidos como informação nova dá origem a frases anómalas:

- (725) a. Recebidos apenas três resumos, a organização decidiu alargar o prazo.
- b. ??Uma vez apenas três resumos recebidos, ...
- (726) a. Convidadas algumas pessoas ilustres, a festa será um sucesso.
- b. ??Uma vez algumas pessoas ilustres convidadas, ...
- c. Uma vez convidadas algumas pessoas ilustres, ...
- (727) a. Aberta uma saída, os prisioneiros conseguiram fugir.
- b. ??Uma vez uma saída aberta, ...
- c. Uma vez aberta uma saída, ...

Se a ordem em gerundivas e participiais tiver motivações diferentes, compreende-se melhor a assimetria verificada entre gerundivas e participiais quanto à legitimação de formas pronominais. Só nas gerundivas são os sujeitos pronominais plenamente legítimos. Em participiais, sendo T defectivo e não havendo nenhum Op T que torne T mais 'forte', os sujeitos pronominais serão marginais.

A hipótese de Barbosa 2002 prediz que, em línguas de sujeito nulo, o padrão seja sempre V-Su em contextos não finitos, e que, em contextos em que a flexão tenha traços de concordância, o padrão seja sempre o das frases finitas das línguas de sujeito nulo.

O português europeu dialectal tem gerundivas com traços de concordância. Vejamos que evidência nos trazem esses dados para as diferentes hipóteses.

Que papel tem a presença visível de traços de concordância?

Existirão diferenças entre as gerundivas flexionadas do português europeu dialectal e as gerundivas não flexionadas do português padrão?

4.6. O papel das categorias funcionais T e Agr: evidência das gerundivas flexionadas do português europeu dialectal⁶⁰

4.6.1. O gerúndio flexionado (GF): caracterização morfológica; alguns apontamentos sobre a geografia e a história do GF

Como é sabido, em português e em galego, tal como noutras variedades românicas antigas e contemporâneas, existem formas verbais tradicionalmente classificadas como não finitas com desinências de pessoa/número - o chamado infinitivo flexionado. Em variedades dialectais do galego e do português europeu, encontram-se também desinências de pessoa/número no gerúndio (cf. Baptista 1967, Braga 1971, Carreiro 1948, Cruz 1969, Delgado 1951, Delgado 1970, Guerreiro 1968, Martins 1954, Matias 1974, Mota 1997, Palma 1967, Paulino 1959, Ratinho 1959, Rezende 1961, Vilhena 1965, para o português, e ALGa, Carballo Calero 1975, Longa 1993, 1994, para o galego). Este fenómeno foi descrito também para o napolitano antigo, que para além de infinitivos e gerúndios tinha ainda formas participiais com desinências de pessoa/número (cf. Loporcaro 1986, Vincent 1996, 1998).⁶¹

Dialectalmente, o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância, de acordo com o seguinte esquema:

<tema verbal + desinência de gerúndio *-nd(o)* + flexão pessoa/número>

Apresentam-se de seguida os paradigmas de conjugação dos gerúndios nos dialectos portugueses, no galego, e no napolitano antigo, de forma a permitir observar

⁶⁰ Partes desta secção foram objecto de comunicações ou apresentações, algumas delas publicadas em Actas: Lobo 2001b, Lobo no prelo, a. Agradeço todos os comentários que me foram feitos, que contribuíram para rever alguns dos aspectos aqui tratados.

⁶¹ Os dados dialectais usados neste trabalho provêm de monografias dialectais, na maioria não publicadas, e de excertos de fala espontânea de material gravado pelo Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - CLUL (ALEPG, Cruz 1987), que estão integrados num pequeno corpus de dados dialectais (projecto *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica - Cordial-sin* - financiado pela FCT: PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275). Os excertos seleccionados foram transcritos ortograficamente, e estão disponíveis numa versão conservadora - que preserva as características do discurso oral - e numa versão normalizada - de que foram retiradas hesitações, falas incompletas... Está também disponível uma versão etiquetada morfológicamente, com recurso a um etiquetador automático desenvolvido para o projecto Tycho-Brahe da Universidade de Campinas, que foi corrigida manualmente. Está prevista ainda a anotação sintáctica dos textos, de acordo com uma versão modificada do sistema usado pelo Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English (PPCME2) da Universidade da Pensilvânia e pelo projecto Tycho-Brahe.

os contrastes existentes:

a. paradigma de conjugação mais completo nos dialectos portugueses

(eu) vindo+Ø	(nós) vindo+mos
(tu) vindo+s	(vós) vind(o)+eis
(ele) vindo+Ø	(eles) vind(o)+em

(Póvoa de Atalaia, Beira Baixa, cf. Martins 1954)

b. paradigma do galego

(eu) vindo+Ø	(nós) vindo+mos
(ti) vindo+Ø	(vós) vindo+des
(el) vindo+Ø	(eles) vindo+Ø

(cf. Carballo 1975: 498 e Longa 1993: 4)

c. paradigma do napolitano antigo

essendo+Ø (io)	essendo+mo (noi)
essendo+Ø (tu)	#essendo+vo (voi) ⁶²
essendo+Ø (lui)	essendo+no (loro) (a partir de Loporcaro 1986)

Apesar de a distribuição geográfica do gerúndio flexionado (GF) na área do galego-português ainda não ter sido investigada sistematicamente, há registos de que o GF existe em Begonte (Lugo), Rianxo (Coruña), Torneiros (Pontevedra) para o galego (ALGa, mapa 32), em várias regiões de Portugal (continental e insular) - Beira Alta (Ervedosa do Douro, Quadrazais), Beira Baixa (Póvoa de Atalaia), Alto Alentejo (Nisa, Alpalhão, Castelo de Vide, Sapeira, Escusa, Arronches, Campo Maior, Elvas, Alandroal, Lavre, Cabeço de Vide), Ribatejo (Santa Justa, Alcochete), Baixo Alentejo (Beja, Baleizão, Corte Cobres, Ervidel, Colos/Fornalhas), Algarve (Lagos, Porches, Alte, Olhão, Monte Gordo, Odeleite), Madeira (Canhas, Câmara de Lobos), Açores (Pico) -, e nos dialectos fronteiriços de Cedillo (Cáceres) e Olivença (Badajoz).

Nos textos do Cordial-sin transcritos até à presente data, encontraram-se gerúndios flexionados nas seguintes localidades: várias localidades do Alto Alentejo (Castelo de Vide, Sapeira, Alpalhão, Nisa) - AAL, em Cabeço de Vide (Alto Alentejo) - CBV, em Porches e Alte (Algarve) - PAL, em Lavre (Alto Alentejo) - LVR, e em Alcochete (Ribatejo) - ALC.

⁶² O sinal cardinal (#) significa aqui que esta forma não está atestada.

Nos textos do Cordial-sin, não foram encontrados gerúndios flexionados em Vila Praia de Âncora (Minho) - VPA; Castro Laboreiro (Minho) - CTL; Perafita (Trás-os-Montes) - PFT; Outeiro (Trás-os-Montes) - OUT; Figueiró da Serra (Beira Alta) - FIG; num conjunto de várias localidades do Minho (Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria) - MIN; Serpa (Baixo Alentejo) - SRP; Alvor (Algarve) - ALV; Monsanto (Beira Baixa) - MST; Porto Santo - PST; Fajãzinha (Flores, Açores) - FLF; e Ponta Garça (São Miguel, Açores) - MIG. Em Câmara de Lobos (Madeira) - CLC, há um exemplo duvidoso de gerúndio flexionado num contexto pouco habitual:

(728) As leis que está se (passando) /passandem\ no mundo, as coisas vai enfraquecendo tudo. (Cordial-sin, CLC02)

Não o vou considerar aqui, assim como a todos os outros casos de audição duvidosa.

Historicamente, as semelhanças morfológicas entre infinitivos flexionados e gerúndios flexionados parecem suportar uma teoria unificada para o surgimento de desinências de pessoa/número nas formas não finitas das línguas românicas.

Assim, vários autores têm sugerido que gerúndio flexionado e infinitivo flexionado têm uma mesma origem: ambas seriam formas geradas espontaneamente através da junção de marcas de concordância às formas não finitas do infinitivo e do gerúndio. Se, no caso do gerúndio, não há dúvida de que essa é a única origem possível, no caso do infinitivo, outras hipóteses têm sido avançadas (cf. referências em Martins 1999).

Embora a tese da origem comum às duas formas seja à partida mais atractiva, há diversos factores que apontam para a hipótese de Martins 1999 de que os infinitivos flexionados e os gerúndios flexionados surgiram em circunstâncias distintas. De acordo com Martins 1999 (ver também Mota 1997), os gerúndios flexionados corresponderiam a uma formação espontânea recente, ao passo que os infinitivos flexionados do português derivariam do imperfeito do conjuntivo latino (ver também Wireback 1994):

"It should be noted however that the inflected gerund has not been attested in Old Portuguese and Old Galician. Thus the inflected gerund appears to be a modern development in the relevant dialects."

(Martins 1999: nota 2).

Como afirma Martins, os gerúndios flexionados não foram atestados no português antigo, ao passo que os infinitivos flexionados são frequentes nos textos antigos.⁶³ Para além disso, contrariamente aos infinitivos flexionados, que apresentam um padrão regular de flexão em todas as regiões na segunda pessoa do singular e na primeira, segunda⁶⁴ e terceira pessoas do plural, a flexão visível no gerúndio não está atestada em toda a parte uniformemente para a totalidade das pessoas⁶⁵. Curiosamente, a única forma de segunda pessoa do plural que está registada parece mostrar que os gerúndios flexionados surgiram muito depois dos infinitivos flexionados. Se infinitivos flexionados (IFs) e gerúndios flexionados (GFs) tivessem sido contemporâneos, ou mesmo se os GFs tivessem surgido antes do século XV, é difícil explicar como a forma **víndodes* pôde dar origem a *víndeis*⁶⁶ depois da queda do *-d-* nos paradigmas verbais, datada dessa época. Veja-se as diferenças entre os paradigmas do português e do galego para a segunda pessoa do plural. Por conseguinte, o gerúndio flexionado parece corresponder a um fenómeno relativamente recente, formado através da junção análogica dos actuais morfemas de P/N à base do gerúndio. Para além disso, a distribuição geográfica de GFs, mais representados nos dialectos portugueses centro-meridionais (cf. Cintra 1971, Ferreira *et al.* 1996 para esta classificação), parece apoiar esta ideia, uma vez que estes dialectos são conhecidos por apresentarem traços mais inovadores do que os dialectos setentrionais. Finalmente, a distribuição geográfica homogénea dos IFs, presentes em toda a área do galego-português, contrasta com o padrão de distribuição geográfico irregular do GF. De facto, tanto quanto eu saiba, não existem dialectos do português que não tenham IFs. O IF é usado em toda a parte

⁶³ Pode argumentar-se, naturalmente, que a ausência de gerúndios flexionados em fontes antigas se deve a factores sociolinguísticos. Os gerúndios flexionados poderiam ter sido considerados 'populares' e por essa razão não estariam atestados em textos escritos. Contudo, coloca-se então a questão de saber por que razão haveria uma diferença social entre infinitivos flexionados e gerúndios flexionados se ambos têm a mesma motivação subjacente. Pode também argumentar-se que os gerúndios flexionados surgiram mais tarde e ficaram restritos a áreas rurais, estando assim ausentes dos textos escritos. Contudo, em napolitano antigo, em que as desinências de pessoa/número se estendem a todas as formas não finitas, não parece haver um intervalo cronológico significativo entre o aparecimento de infinitivos flexionados e gerúndios flexionados.

⁶⁴ Nos dialectos meridionais, tal como em português standard, a forma morfológica de 2ª pessoa do plural (e.g. *vós chegastes*) é raramente usada, tendo sido substituída pela forma morfológica de 3ª pessoa do plural: (*vocês chegaram*).

⁶⁵ Estes dados, contudo, não foram obtidos de uma forma sistemática. Em muitos casos, a ausência de flexão numa pessoa particular pode ser um facto accidental. De facto, as segundas pessoas do singular são difíceis de obter no contexto de uma entrevista, uma vez que em português o emprego destas formas corresponde a um tratamento familiar.

⁶⁶ Mantenho a transcrição fonética dada em Martins 1954: 221.

produtivamente em orações adjuntas e em orações sujeito. O GF, contudo, tem uma distribuição geográfica irregular: são raras as referências à sua existência nos dialectos setentrionais, ao passo que no centro (principalmente nas regiões fronteiriças) e no sul o GF parece ser relativamente comum em falantes de meios rurais.

4.6.2. Gerúndio flexionado vs. gerúndio não flexionado: contextos

- Como explicar o surgimento da flexão no gerúndio nos dialectos portugueses?
- Que papel desempenha a flexão do gerúndio flexionado?
- Que diferenças existem relativamente ao português europeu padrão? Será que o facto de o gerúndio ter flexão visível altera o seu comportamento sintáctico?
- Em que contextos surge o gerúndio flexionado?

O surgimento de marcas visíveis de concordância no gerúndio não é um fenómeno estranho se considerarmos as possibilidades oferecidas pela Gramática Universal. Se admitirmos que a estrutura da frase contém nós funcionais como T e Agr, os GFs podem ser encarados como formas em que Agr tem uma realização morfológica visível.

A realização visível de Agr no gerúndio pode ter sido favorecida por vários factores: a existência prévia de uma forma não finita flexionada (o infinitivo flexionado); a presença de sujeitos pronominais com caso nominativo nas orações gerundivas; a possibilidade de desfazer ambiguidades quanto à referência do sujeito nulo da oração gerundiva.

- Haverá, contudo, diferenças gramaticais significativas entre Agr nulo e Agr lexical?
- Que papel desempenha Agr lexical nestes dialectos?
- E, se pensarmos numa perspectiva mais geral, que diferença existe entre morfemas nulos e morfemas morfológicamente realizados na Gramática Universal?

Vincent 1998 afirma que em napolitano antigo os GFs eram opcionais:

"(10) li casali intravano adimandadono pane
[the inhabitants of] the outlying villages came in [to the city]
demanding-AGR bread (Cronaca di tumulti 1585; cited in Bruni (ed.)
Vol II, pp. 650ff.)

(11) Li Troyani ... abattevano non sparagnando a la vita loro
The Trojans were cutting down [the Greeks] having no regard for
their own lives (LDT, 71.33)

This pair illustrates very clearly the fact that, even in contexts
where it is possible, the actual occurrence of the personal inflection on
gerunds is optional just as it is on infinitives [...].)

(Vincent 1998:140, sublinhado meu)

Será que o GF é opcional nos dialectos portugueses?

Apesar de os dados de que disponho não serem muito numerosos, a análise da frequência de GFs vs. gerúndios não flexionados (GNFs) nos contextos em que a forma flexionada pode ocorrer parecem apontar para que o uso da forma flexionada em orações adjuntas seja a forma preferida, praticamente obrigatória. Investigação futura e alargamento do corpus serão necessários para confirmar esta hipótese. Por enquanto, teremos de nos contentar com os dados disponíveis, apresentados no seguinte quadro:

Frequência de gerúndios flexionados (GF) e gerúndios não flexionados (GNF) no Cordial-sin (Porches e Alte (Algarve); Alto Alentejo; Lavre; Cabeço de Vide; Alcochete):

	1 sg	2 sg		3 sg	3 pl		Total		
	Ø	GNF	GF	Ø	GNF	GF	Ø	GNF	GF
Complexos verbais	11 (tot) 0 (ALC) 6 (PAL) 1 (CBV) 2 (LVR) 2 (AAL)	0 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	0 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	84 (tot) 6 (ALC) 25 (PAL) 26 (CBV) 13 (LVR) 14 (AAL)	20 (tot) 2 (ALC) 11 (PAL) 2 (CBV) 4 (LVR) 1 (AAL)	1 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 1 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	95	20	1
Orações adjuntas (tot.)	3 (tot) 0 (ALC) 2 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 1 (AAL)	0 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	1 (tot) 0 (ALC) 0 (PAL) 1 (CBV) 0 (LVR) 0 (AAL)	60 (tot) 5 (ALC) 9 (PAL) 9 (CBV) 20 (LVR) 17 (AAL)	3 (tot)⁶⁷ 0 (ALC) 1 (PAL) 0 (CBV) 0 (LVR) 2 (AAL)	16 (tot) 1 (ALC) 5 (PAL) 3 (CBV) 3 (LVR) 4 (AAL)	63	3⁶⁸	17
sem conector	2 (PAL)			3 (ALC) 2 (PAL) 2 (CBV) 10 (LVR) 8 (AAL)		1 (ALC) 2 (PAL) 1 (AAL) 1 (LVR)			
<i>em</i>			1 (CBV)	2 (ALC) 3 (PAL) 3 (CBV) 7 (LVR) 9 (AAL)	1 (PAL) 2 (AAL)	3 (PAL) 1 (CBV) 3 (AAL) 1 (LVR)			
<i>em bem</i>				2 (CBV) 1 (LVR)		2 (CBV)			
<i>quando</i>				3 (PAL) 1 (LVR)		1 (LVR)			
<i>como</i>	1 (AAL)								
<i>mesmo</i>				1 (PAL) 1 (CBV)					
<i>bem</i>				1 (LVR)					
<i>só</i>				1 (CBV)					
Outros contextos	3 (tot) 3 (CBV)	0	0	4 (tot) 2 (CBV) 2 (AAL)	0	4 (tot) 2 (PAL) 2 (AAL)	7	0	4
Total	17	0	1	148	23	21	165	23	22
		1			44		210		

⁶⁷ Duas destas ocorrências (os dois gerúndios não flexionados de AAL) correspondem a faltas de concordância do verbo predicativo *ser* com o DP pós-verbal (3pl). Este fenómeno também se verifica em orações finitas, como se pode ver através dos seguintes exemplos:

- (i) Tal é os barrancos que estão aqui neste caminho. (Cordial-sin, AAL94)
- (ii) Assim é qu'er'às nossas brincadêras todas (Baptista 1967: 145)
- (iii) Mas ist'er'às cósas d'intrude! (Baptista 1967: 145).

Assim, os números apresentados no quadro poderiam ser revistos se considerarmos que se trata de casos de concordância de 3ª p.sg., ficando 1 GNF vs. 17 GF em orações adjuntas e 65 formas com flexão nula.

⁶⁸ Ver nota anterior.

Como se pode ver no quadro acima, parece haver uma preferência clara pela forma flexionada nas orações adjuntas, o que contrasta com a quase total ausência de formas flexionadas em complexos verbais. Infelizmente, o maior número de ocorrências corresponde a formas de terceira pessoa do singular, que não têm um morfema de concordância visível.

Vincent 1998, com base em evidência do napolitano antigo afirma que a presença de marcas visíveis de concordância no gerúndio não implica nenhuma alteração no seu comportamento sintáctico. Nesta perspectiva, o facto de um morfema de Agr ser ou não morfologicamente realizado seria irrelevante para a sintaxe:

"This leads to the at first sight rather paradoxical conclusion that in the case of the gerund at least, the availability of a system of person inflections does not affect the grammatical distribution of the construction at all. [...]. On this view we would expect that adding a person/number inflection to a verb form would indeed change its syntactic distribution. While this may indeed be the case as far as the inflected infinitive is concerned, it seems from our evidence not to be so for the inflected gerund, a conclusion which is consistent with the traditional view that such endings are 'agreements'"

(Vincent 1998: 146, sublinhado meu)

Será que as marcas visíveis de Agr no gerúndio não têm quaisquer consequências sintácticas no português dialectal?

Que distribuição sintáctica tem o gerúndio flexionado?

Como era esperável, tal como acontece em napolitano antigo, o GF (quase) nunca surge, nos dados de que disponho, em **complexos verbais**:

(729) Ah, mas eles, eles que se vão governando lá com a inteligência deles

(Cordial-sin, PAL5)

(730) os paus é que (...) iam arrastando aquilo.(Cordial-sin, AAL50)

A ausência (quase) total de GFs em complexos verbais não surpreende, uma vez que se trata de orações com uma predicação só. O verbo aspectual e o gerúndio formam um predicado verbal complexo. Por conseguinte, há uma única oração e um único nó Agr (cf. Gonçalves 1992). Note-se que os infinitivos flexionados (IFs) também não ocorrem geralmente neste contexto:

(731) Eles estão a fazer(*em) barulho.

No corpus do Cordial-sin, há uma única ocorrência de GF em complexos verbais⁶⁹:

(732) Estão me chamandem. (Cordial-sin, CBV39)

Dialectalmente, o GF surge ainda em **orações gerundivas independentes de tipo exclamativo**, o que não surpreende, uma vez que o IF pode surgir nesse mesmo contexto em PEP:

(733) Deixa que o teu pai logo te diz! Molhandes aí a cabeça toda, moço dum raio! (Guerreiro 1968)

(734) A copiaries no exame! Nunca pensei!

O contexto mais frequente, no entanto, é sem dúvida o das **orações adjuntas**, quer com conectores, quer sem conectores:

(735) Se for um macho, é um borrego, e se for fêmea, é uma borrega. Só têm esse nome enquanto são novas; passandem (...) já a parir, (...) já não é borrega, já é ovelha. (Cordial-sin, ALC26)

(736) Em eles tendem a outra, já não querem aquela. (Cordial-sin, LVR05)

(737) Dizem que depois, vindem as águas novas, aparecem uns carochinhos. (Cordial-sin, LVR33)

(738) Eles têm duas instalações. (...) Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. (Cordial-sin, AAL24)

(739) Em falandem no Albino carpinteiro das carroças, pronto, (...) toda a gente

⁶⁹ Existe ainda o exemplo do Pico, de audição duvidosa, referido acima. A existência de concordância neste contexto leva a pensar que o verbo *estar* pode subcategorizar para alguns falantes um domínio oracional que não é tão defectivo quanto isso, tendo pelo menos a categoria Agr.

- (...) vai ter com ele, é assim. (Cordial-sin, AAL51)
- (740) Digo eu assim: "Em o querendem levar, podem-no levar." (Cordial-sin, CBV39)
- (741) Digo assim: "Pronto! Em tu querendos!" (Cordial-sin, CBV41)
- (742) E (...) em bem lhe partindem a casa, eles morrem. (Cordial-sin, CBV72)
- (743) Mas não sei que raio de ferrão tem o bicho que em bem elas aparecendem, os animais, aquilo é o cabo dos trabalhos. (Cordial-sin, CBV71)
- (744) De maneira que eu não sei. Ora eu, andandem na escola, se é que o professor (...) com quem eles estudaram, se é que ensinou aquilo assim, pois não tenho dúvida que é um professor inteligente. (Cordial-sin, PAL19)
- (745) Em vendem a pessoa assim ou com uma idade (...) ou mal ou qualquer coisa, uns têm consciência, outros não têm. (Cordial-sin, PAL07)
- (746) Que eles em escangalhandem, (...) em escangalhandem isto, e depois (chamem) (chamam) para a gente ir levantar o que eles deitaram abaixo. Cordial-sin, PAL17)
- (747) Tu querendos, podemos namorar às escondidas. (Monte Gordo, in Ratinho 1959)
- (748) Calandes-te tu também eu me calo. (Colos, in Guerreiro 1968)
- (749) Apanhandem eles as favas, (es)tá tudo feito (Colos, in Guerreiro 1968)
- (750) Em sendem muitos, já se lhe chama uma vara. (Cordial-sin, AAL86)
- (751) Sendem dois, são dois feixes, sendem quatro, são quatro feixes. (Odeleite, in Cruz 1969)
- (752) Não saíndomos de casa, morrâmos à fome. (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-9)
- (753) Não sei como tanto devâmos, ganhândomos tanto dinheiro! (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-9)
- (754) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Baixo Alentejo, in Delgado 1951)
- (755) Em estândomos com ele, lhe pediremos contas (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-9)
- (756) Em querendos ir, vamos. (Cedillo, in Vilhena 1965)
- (757) Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (Alto Alentejo, in Matias 1974)
- (758) Quando sentindim outros animais, espantam-se. (Odeleite, in Cruz 1969)
- (759) Estândemos nós sentados... (Quadrazais, in Braga 1971)

- (760) Em a gente acabândemos, brademos. (Arronches, in Paulino 1959)
- (761) Não sei se o meu marido sabe de enxertos. Não sei. Só falandem com ele é que sabem (Guilhermina, Lavre, Ana Maria Martins, c.p.)
- (762) E, às vezes, anda aquele rebanho junto, (...) e, depois, às vezes, vão dormir pensandem (...) que são todas fêmeas e há (...) algum macho ali no meio! (Cordial-sin, PAL13)

Outros contextos menos claros em que surge o GF são os seguintes:

- (763) E então, nessa altura, vieram dois rapazes fazendem parte, rapazes novos, e eu e mais um outro é que éramos os velhos (...)... (Cordial-sin, PAL17)
- (764) Enquanto os outros ouvem as coisas, ou vêem, (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL5)
- (765) Isto os arrendamentos, já se sabe, que não há como as coisas estandem nas mãos dos donos, está a compreender. (Cordial-sin, AAL29)

(763) pode corresponder a uma gerundiva inserida num DP; (764) a uma gerundiva quase-coordenada; (765) a uma estrutura comparativa em que a gerundiva funciona como uma oração pequena.

Assim, como sugerem Guéron & Hoekstra 1995, Agr parece marcar uma predicação, e poderá surgir sempre que se estabelece uma relação de predicação. O GF surge em contextos oracionais, quer orações plenas, quer orações reduzidas. Raramente surge em complexos verbais, em que plausivelmente temos um único domínio oracional.

Há, no entanto, vários aspectos em que o português europeu dialectal (PED) e o português europeu padrão (PEP) se distinguem no que diz respeito à distribuição sintáctica dos gerúndios.

Como foi já referido, enquanto no PEP as gerundivas não são normalmente introduzidas por conectores, no PED não são raros os casos em que a gerundiva é introduzida por conectores. Esses conectores podem corresponder à partícula *em* (ou

ainda *em bem* ou *ende*) ou ser conectores que tipicamente ocorrem apenas em contextos de orações finitas, tais como *quando*, *onde*, *se* condicional, e *como* causal:

(766) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Delgado 1951)

(767) Depois, é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)

(768) Ende eles abalandem (Colos, in Guerreiro 1968)

(769) ...aquilo, se o homem não arrebrandando... (Palma 1967)

(770) E depois, nós éramos quatro irmãos e{fp} ficámos só com minha mãe e eu, como sendo o mais velho, (...) é que fui sempre o mais escravo. (Cordial-sin, AAL35)

(771) Quando sentindim outros animais, espantam-se (Cruz 1969)

(772) Que elas quando começadem a aparecer... (Cordial-sin, LVR33)

(773) Onde estando a menina está alegria (Carreiro 1948)

Estes dados sugerem que o facto de a flexão ter marcas morfológicas visíveis a aproxima mais das orações finitas. Existe, pois, uma estreita relação entre o domínio flexional de IP e o domínio funcional mais alto CP.

Ainda, nos dados do Cordial-sin, o GF surgiu uma vez num contexto em que tipicamente ocorreria um infinitivo flexionado no PEP:

(774) Isto os arrendamentos, já se sabe que não há como as coisas estandem nas mãos dos donos, está a compreender. (Cordial-sin, AAL29)

Que existe alguma 'promiscuidade' entre gerúndio flexionado e infinitivo flexionado mostram-nos alguns dados de localidades do Algarve, em que uma forma aparentemente de infinitivo (flexionado) surge em contextos semelhantes aos do gerúndio (flexionado), i.e. em orações adjuntas introduzidas por *quando* e por *se*, conectores que tipicamente introduzem domínios finitos:

(775) Quando (ser) /sendo\ apagado com terra, é uma categoria de carvão. Quando ser água, ali já não presta. (Cordial-sin, PAL36)

(776) Se o patrão que a enforrou ser bom, perceber bem do que está a fazer, pois ficou o madeiro tal e qual (a) um carvão. (Cordial-sin, PAL36)

(777) E depois, quando estar tudo na maior grandeza, olhe que há-de vir tudo para

baixo. (Cordial-sin, PAL13)

(778) Vão batendo, vão batendo, vão batendo, e depois quando estar muito em brasa, depois (...) há uma vara, fazem uma vara até da urze – uma vara, (chamam) /chamam-lhe\ uma vara, (até) /que é\ quase de varejar, de se varejar alfarrobas ou azeitonas ou uma coisa qualquer, ou amêndoas, isso não conta, ou figos, uma coisa qualquer. (Cordial-sin, PAL36)

(779) Depois, essa vara, quando aquilo estar aí (...) bem batido, joga-se para ali umas pás de terra e, depois, vai-se desmanchando, pouco a pouco. (Cordial-sin, PAL36)

(780) INF2 Deixa um maço, deixa um ouvido, deixa uma boca para dar fogo e deixa (...) conforme (o que está) debaixo da terra.

INF1 Sim. Dois ou três ouvidos se fizerem falta, (...) conforme (a madeira que está lá) debaixo da terra. (cordial-sin, PAL36)

Neste caso, no entanto, pode pensar-se que se trata de formas regularizadas do futuro do conjuntivo, à semelhança do que acontece no processo de aquisição da linguagem, em que há frequentemente troca de futuro do conjuntivo por infinitivo flexionado:

(781) Quando eu ir à escola, ... (M: 2;7) [em vez de *for*]

(782) Se eu estar em pé, não caio. (M: 2;9) [em vez de *estiver*]

(783) Não. Só se me dar um bilhete. (M: 2;9) [em vez de *der*]

(784) Mãe, quando eu ser grande tenho que comer espinafres. (M: 2;11) [em vez de *for*]

(785) Quando nós sabermos uma loja, quando nós nos lembrarmos de uma loja, compramos. (M: 3;2) [em vez de *soubermos*]

e vice-versa:

(786) Temos de pedir à avó para trazer os três porquinhos cá para casa. (M: 2;9) [em vez de *trazer*]

(787) Pai, antes de puseres isto, estava aqui algum papel? (F: 4;11) [em vez de *pôres*]

No entanto, um contexto como o de (775) não é facilmente substituível por um futuro do conjuntivo; aproxima-se mais de um contexto em que no PEP ocorreria o

presente do indicativo:

- (788) a. ??Quando for apagado com terra, é uma categoria de carvão; quando for (com) água, já não presta.
b. Quando é apagado com terra, é uma categoria de carvão; quando é (com) água, já não presta.

Além disso, o mesmo informante que usa o infinitivo flexionado (*fazerem*) numa oração condicional usa o futuro do conjuntivo (*fizer*) no seguinte contexto:

- (789) "Ele que pegue o pão e ponha em cima da pá que eu vou à lenha quando é que fizer falta". (Cordial-sin, PAL31)

Isto parece indicar que o informante domina as duas formas, sendo o infinitivo flexionado e o futuro do conjuntivo usados em diferentes contextos, com valores semânticos diferentes.

Para saber até que ponto se trata de uma regularização morfológica do futuro do conjuntivo ou de um alargamento dos contextos de ocorrência do infinitivo flexionado seria necessário um estudo mais alargado que está fora do âmbito deste trabalho. Parece-me, no entanto, que são dados que vale a pena explorar.

Resumindo:

- i) a flexão visível no gerúndio surge em contextos em que existe um domínio de predicação;
- ii) a forma flexionada é francamente preferida à forma não flexionada nestes contextos;
- iii) a flexão visível parece favorecer o surgimento de conectores que tipicamente introduzem domínios finitos.

4.6.3. Ordem de palavras em gerundivas do PED

Um outro aspecto em que gerundivas do PEP e do PED se distinguem consiste na aparente opcionalidade de haver inversão sujeito-verbo em PED vs. obrigatoriedade de inversão no PEP:

- (790) Um caminho sendo ruim diz: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho". (Cordial-sin, AAL94)

(791) Enfim, os homens lá vão ainda porque não têm tractores e, então, hoje a coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem, vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa. (Cordial-sin, AAL36)

Nestas variedades, em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância e em que a inversão sujeito-verbo não é obrigatória, parece haver uma correlação entre presença de conector e ordem de palavras. Podem encontrar-se os seguintes padrões de ordem de palavras em gerundivas:

- a) conector Su-V
- b) conector V-Su
- c) \emptyset Su-V
- d) \emptyset V-Su

No entanto, a frequência de cada padrão não é igual: a ordem Su-V é a ordem predominante em orações com conector, enquanto a ordem V-Su é a ordem maioritária em orações sem conector:

(792)

Ordem de palavras e conectores nos vários tipos de orações gerundivas em variedades dialectais com gerúndio flexionado (Cordial-sin e monografias)

	Su-V	V-Su
com conector	29	9
<i>em/ende/em bem</i>	24	6
<i>quando/onde</i>	4	3
<i>se</i>	1	0
sem conector	6	19

Para além disso, o padrão b) só se encontra com Vs inacusativos e predicativos, ao passo que o padrão d) pode encontrar-se também com verbos transitivos.

Todos os exemplos de ordem V-Su em orações com conector são de verbos inacusativos e predicativos:

(793) Onde estando a menina está alegria (Nisa, in Carreiro 1948)

(794) Quando vindo a Primavera... (Baleizão, in Delgado 1970)

(795) Em vindo meu irmão, almoçamos. (Cedillo, in Vilhena 1965)

- (796) Em lhe faltando a casa, morrem. (Cordial-sin, CBV72)
- (797) Em bem me não agradando a fatia, venho-me embora. (Cordial-sin, CBV15)
- (798) Hoje, em chegando a gente pouco depois do sol posto, pregam com elas dentro (...) - lá nas cancelas. (Cordial-sin, LVR11)
- (799) E bem só se vêem em chegando o tempo das águas novas. (Cordial-sin, LVR33)
- (800) Quando chegando o tempo das batatas, arranjo um taleguinho de batata - um saco de batatas - vou dar aí a todas essas velhas que aí estão... (Cordial-sin, LVR24)
- (801) Olhe, em chegando o tempo das pinhas, vou às pinhas, dou um saco ou dois de pinhas às mulheres para elas acenderem o lume em todo o ano. (Cordial-sin, LVR24)

Nos exemplos com ordem V-Su em orações sem conector, há verbos cujo sujeito gramatical é um argumento externo e verbos cujo sujeito gramatical não é um argumento externo (inacusativos e predicativos):

- (802) E então, diziam: "Ah, mas"... Dizendo eu: "E quem trouxe essas sementes para aqui"? Dizem outros: "Ah, (...) foram os ratos, trouxeram as sementes". (Cordial-sin, PAL2)
- (803) Enquanto os outros (...) ouvem as coisas, (...) ou vêem, (...) (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL 5)
- (804) Calandes-te tu também eu me calo (Colos, in Guerreiro 1968)
- (805) Falândemos nós disso (Colos, in Guerreiro 1968)
- (806) Apanhandem eles as favas, está tudo feito (Colos, in Guerreiro 1968)
- (807) Não me dava ser preso,/Sendos tu o caçareiro;/Desses teus braços cadeia/Do teu peito jardineiro. (Fornalhas, Vale de Santiago, in Delgado 1951)
- (808) Eu não queria ser camélia,/Sendos tu amor-perfeito;/ Só queria ser saudade/No jardim desse teu peito. (Colos, Odemira, in Delgado 1951)
- (809) E depois, morreu a mãe. Morrendo a mãe, ficaram os dois, um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava a casa (...) da mãe. (Cordial-sin, AAL54)
- (810) E chamava-lhe ele (...) tomateiras! Sendo ele criado aqui, (...) talvez aí,

- (...) (...) vá lá, (a) uns quinhentos metros da distância (...) da casa do tio.
(Cordial-sin, PAL5)
- (811) E eu no fim, quando foi aos dois anos, eu digo assim para o rapaz que estava a gramar o linho - que era o que ia por conta do tal mestre Antoliano -, eu digo assim: "Ó Antolino, eu gostava que tu me fizesses a mim - estândomos a gente a falar - o que vocês costumam a fazer aos gaiatos, bater-lhe com as maniotas na mão" (Cordial-sin, CBV41)
- (812) Só fazendo-lhe ele assim (...) para sair. (Cordial-sin, CBV48)
- (813) Dizem que depois, vindem as águas novas, aparecem uns carochinhos.
(Cordial-sin, LVR33)
- (814) Durante o Verão, andavam na respiga, que era a comer as respigas do coiso, andavam na relva e chegando o tempo da boleta, começavam a comer boleta, engordavam. (Cordial-sin, LVR19)
- (815) Depois é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)
- (816) Chegando o tempo do feijão-verde - tenho sempre, semeio; a horta é grande e eu semeio cá pelas minhas mãos, faço o trabalho pelas mihas mãos, depois vou. (Cordial-sin, LVR24)
- (817) Então como é que sêndemos a gente casados só há três meses já temos aqui um catraio (Arronches, in Paulino 1959)
- (818) estândemos nós santados (Quadrazais, in Braga 1971)
- (819) indemos nós na ruê... (Quadrazais, in Braga 1971)
- (820) Caminheta da carreia/ Que atravessas Portugal,/ Nã m'emporta qu'ames outra/Sendos tu pra mim leal. (Fornalhas, Vale de Santiago, in Delgado 1951)

Estes contrastes fortalecem a hipótese de que a presença de *em* impede a subida do V para uma posição mais alta do que a do sujeito gramatical.

Pelo contrário, a ordem Su-V em orações sem conector pode encontrar-se com verbos de várias classes:

- (821) Um caminho sendo ruim diz: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho". (Cordial-sin, AAL94)
- (822) Enfim, os homens lá vão ainda porque não têm tractores e, então, hoje a

coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem, vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa. (Cordial-sin, AAL36)

(823) Tu querendos, podemos namorar às escondidas (Monte Gordo, in Ratinho 1959)

(824) Qualquer descuido, os animais soltandem-se... (Santa Justa, ALEPG)

(825) "Mas eu não te estou a dizer para tu a dares, pá! Ela é tua filha sempre. É só dar uma liberdade a ela. Ela está aonde quiser. Se quiser estar na minha casa, está na minha casa; e se não quiser estar na minha casa, quer ir para a tua, vai para a tua". Mas eu sempre lembrando-me que ela que nunca queria ir para casa do pai, porque, é claro, era um homem sozinho. (Cordial-sin, CBV28)⁷⁰

(826) E o Ansur, para acabar com os tonéis - que o gajo tinha lá tonéis pequeninos que eu cabia lá de pé dentro deles -, mandou fazer mas foi casas. Tonéis em cimento. Eh pá! Eu não sabendo, mas daqueles novos! (Cordial-sin, CBV32)

O mesmo acontece com a ordem Su-V em orações com conector:

(827) ...aquilo, se o homem não arrebrandando... (Olhão, in Palma 1967)

(828) Quando ele estando demais, já cheira a azedo. (Cordial-sin, PAL30)

(829) às vezes, quando um estando assim muito mal... (Odeleite, Cruz 1969)

(830) Quando a ovelha rasando o dente é badana. (Colos, in Guerreiro 1968)

(831) Quando tu vendos (Colos, in Guerreiro 1968)

(832) E depois, (...) em um começando (...)(...) com aquela palavra, todos vão empregar aquela palavra aonde é que não faz sentido, aonde é que não tem lugar. (Cordial-sin, PAL16)

(833) (Em) me (ele) indo ali à forja, já eu digo logo já eu digo logo o que é...(Cordial-sin, PAL36)

(834) Não sei como o senhor fala. Agora em o senhor falando, pode ser que eu lhe saiba responder. (Cordial-sin, AAL53)

(835) "É já." O gajo para mim: "É já". Digo assim: "Pronto! Em tu querendos!" (Cordial-sin, CBV41)

⁷⁰ Este exemplo pode corresponder a uma gerundiva 'independente' e não a uma adjunta.

- (836) Em a perna entrando ali, pronto, já dali não abala. (Cordial-sin, CBV48)
- (837) Em o carneiro passando, as ovelhas passavam também. (Cordial-sin, CBV50)
- (838) Mas não sei que raio de ferrão tem o bicho que em bem elas aparecem, os animais, aquilo é o cabo dos trabalhos. (Cordial-sin, CBV71)
- (839) Em eles tendem (a) outra, já não querem aquela. (Cordial-sin, LVR05)
- (840) Em ele não saindo, está apagado. (Cordial-sin, LVR07)
- (841) Depois, é claro, em bem o lume ganhando lá para dentro, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. (Cordial-sin, LVR07)
- (842) Em a gente acabândemos, brademos (Arronches, Paulino 1959)
- (843) Em tu vindo, te coçarei (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29)
- (844) Em eles te chamando, não faltes. (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29)
- (845) Em ele chegando, to direi (Ervedosa do Douro, in Azevedo 1928-29)
- (846) Em tu indos a Vila Real (Odeleite, in Cruz 1969)
- (847) Ende tu falandes (Colos, in Guerreiro 1968)
- (848) Ende nós vëndemos (Colos, in Guerreiro 1968)
- (849) Ende eles abalandem (Colos, in Guerreiro 1968)
- (850) Ende eu chegando (Colos, in Guerreiro 1968)
- (851) Em tu comendos (Algarve, in Nunes 1902)
- (852) Em tu estandos (Algarve, in Nunes 1902)
- (853) S'ê te aquerditasse, amor,/Beijava-te a própria terra;/Minha amada, em tu morrendos,/Levas palmito e capela. (Ervidel, in Delgado 1951)
- (854) Em tu querendos (Cedillo, in Vilhena 1965)
- (855) Em tu vindos (Beira Baixa, in Martins 1954)

Assim, as diferenças de ordem de palavras em gerundivas sem conectores do PED estarão possivelmente ligadas a outros factores, nomeadamente a questões de ordem discursiva, i.e. o estatuto informacional do sujeito.

Estes dados do PED são importantes, uma vez que parecem pôr em causa a hipótese de Barbosa 2001 de que a inversão sujeito-verbo em absolutas está relacionada com a possibilidade de a língua ter sujeitos nulos. Ora, o PED tem sujeitos nulos e pode não ter inversão sujeito-verbo em absolutas.

Note-se que a ausência de inversão em gerundivas é referida também para o italiano antigo, que também tinha sujeitos nulos. Assim, a inversão nestas estruturas não deverá estar directamente relacionada com o facto de a língua poder ou não ter sujeitos nulos. A explicação para a ordem de palavras nas gerundivas das várias línguas terá de ter uma causa diferente.

Se a ausência de inversão estiver relacionada com o facto de as gerundivas terem concordância visível, de acordo com a hipótese de Barbosa 1995, esperar-se-ia que nos contextos de Agr visível surgisse a ordem de palavras semelhante à das frases finitas, uma vez que, neste caso, *pro* referencial seria legitimado. No entanto, não é claro que assim seja.

Mota (1997: 342) coloca a hipótese de haver uma relação entre a flexão no gerúndio e a ocorrência de sujeitos pronominais em posição pré-verbal. Os sujeitos DPs ocorreriam preferencialmente em posição pós-verbal, segundo a autora.

Vejamos de que forma é que o tipo de sujeito se relaciona com ordem de palavras e com o facto de surgirem marcas de concordância visíveis, considerando os dados do Cordial-sin e de monografias dialectais⁷¹:

⁷¹ Estes dados são para ser tomados apenas como indicadores de padrões, uma vez que os dados das monografias são apenas exemplificativos, estão normalmente descontextualizados e não constituem propriamente um *corpus*. Também os dados do Cordial-sin, embora sejam desse ponto de vista mais fiáveis - estão contextualizados - não obedecem a todos os critérios a que um *corpus* obedece normalmente: os trechos nem sempre são homogéneos e a sua selecção não foi feita aleatoriamente.

Ordem de palavras, tipos de sujeitos e tipo de oração gerundiva

		Su-V		V-Su	
		Su DP ⁷²	Su pron ⁷³	Su DP ⁷⁴	Su pron ⁷⁵
c/ conector	GF	0	15	0	0
	GNF	0	2	0	0
	Ø	6	6	8	1
	total	6	23	8	1
s/ conector	GF	1	2	1	12
	GNF	0	0	0	0
	Ø	1	2	4	2
	total	2	4	5	14

Do quadro acima conclui-se que, embora haja mais sujeitos pronominais pré-verbais do que DPs pré-verbais, o facto de o sujeito ser pronominal ou lexical não é dos factores mais determinantes para a ordem de palavras. De facto em orações em que a concordância está morfologicamente realizada, temos 17 sujeitos pronominais pré-verbais vs. 12 sujeitos pronominais pós-verbais, o que não me parece ser uma diferença significativa.

Se não considerarmos a presença/ausência de conector nem a presença de marcas visíveis de concordância, ficamos com 27 sujeitos pronominais pré-verbais vs. 15 sujeitos pronominais pós-verbais; e 8 sujeitos DPs pré-verbais vs. 13 sujeitos DPs pós-verbais. Se considerarmos, no entanto, a presença/ausência de conector, a diferença torna-se mais significativa: 29 sujeitos pré-verbais com conectores vs. 6 sujeitos pré-verbais sem conectores; 9 sujeitos pós-verbais com conectores vs. 19 sujeitos pós-verbais sem conectores, sendo todos os sujeitos pós-verbais com verbos inacusativos ou predicativos. Se olharmos para os sujeitos pronominais apenas, verificamos que em orações com conectores existem 23 sujeitos pré-verbais vs. 14 sujeitos pós-verbais em orações sem conectores. Para os sujeitos DPs, a diferença é de 6 sujeitos pré-verbais em orações com conectores vs. 5 sujeitos pós-verbais em orações sem conectores.

⁷² Dos seis sujeitos DPs em orações com conectores, três são com verbos inacusativos e predicativos; três com verbos transitivos ou inergativos. Nas orações sem conectores, um dos DPs sujeito é com um V predicativo, outro com um verbo plausivelmente inergativo (*soltar-se*).

⁷³ Os sujeitos pronominais pré-verbais em orações com conectores são 13 com verbos inacusativos e predicativos e 10 com verbos transitivos ou inergativos. Os sujeitos pronominais pré-verbais em orações sem conectores são todos com verbos transitivos ou inergativos.

⁷⁴ Todos eles são com verbos inacusativos ou predicativos.

⁷⁵ O sujeito pronominal pós-verbal em orações com conectores é com um V inacusativo; os sujeitos pronominais pós-verbais em orações sem conectores são 8 com Vs inacusativos e predicativos e 6 com Vs transitivos e inergativos.

Consideremos agora a variável classe verbal (ver quadro abaixo):

Ordem de palavras, tipos de sujeitos e classe verbal

		Su-V			V-Su		
		Su DP	Su pron	tot	Su DP	Su pron	tot
V trans./ iner.	c/ conector	3	10	13	0	0	0
	s/ conector	1	4	5	0	6	6
V inac. /pred.	c/ conector	3	13	16	8	1	9
	s/ conector	1	0	1	5	8	13

Verificamos que os sujeitos pós-verbais são mais frequentes com verbos inacusativos e predicativos, não havendo nenhum sujeito pós-verbal de um V transitivo numa oração com conector. Quanto aos sujeitos pré-verbais, há praticamente uma equivalência numérica entre sujeitos de Vs transitivos/inergativos e sujeitos de Vs inacusativos /predicativos. Temos assim 22 sujeitos pós-verbais com Vs inacusativos/predicativos vs. 6 sujeitos pós-verbais de Vs transitivos/inergativos, e 17 sujeitos pré-verbais com Vs inacusativos/predicativos vs. 18 sujeitos pré-verbais de Vs transitivos/inergativos.

Pode pensar-se que a opcionalidade de inversão Su-V no PED se relaciona com o estatuto de C nesta variedade. Os casos de inversão seriam assim desencadeados por factores de tipo discursivo e não teriam uma explicação puramente gramatical. As frases com inversão envolvem ou verbos predicativos e inacusativos, em que é possível pensar que o sujeito está na sua posição de base, ou eventualmente situações de foco contrastivo:

(856) E depois, morreu a mãe. Morrendo a mãe, ficaram os dois, um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava a casa [AB|da, {pp} do] da mãe.
(Cordial-sin, AAL54)

(857) Calandes-te tu também eu me calo (Colos, in Guerreiro 1968)

(858) E então, diziam: "Ah, mas"... Dizendo eu: "E quem trouxe essas sementes para aqui"? Dizem outros: "Ah, {fp} foram os ratos, trouxeram as sementes". (Cordial-sin, PAL2)

(859) Enquanto os outros (...) ouvem as coisas, (...) ou vêm, (...) (...) e de si mesmo não têm inteligência, muitas vezes, para descobrir qualquer coisa – julgandem-se eles inteligentes! – e eu, como sei descobrir qualquer coisa e não sei ler, pois sou bruto, sou parvo. (Cordial-sin, PAL 5)

(860) Falândemos nós disso (Colos, in Guerreiro 1968)

(861) Apanhandem eles as favas, está tudo feito (Colos, in Guerreiro 1968)

(862) Só fazendo-lhe ele assim (...) para sair. (Cordial-sin, CBV48)

Os exemplos com verbos que não pertencem à classe dos inacusativos e predicativos são, no entanto, escassos. Seriam necessários mais dados para confirmar esta hipótese.

Assim, na determinação da posição do sujeito relativamente ao verbo, parecem entrar pelo menos os seguintes factores:

- i) presença/ausência de conector: a presença de conector favorece a ordem Su-V
- ii) classe verbal: com verbos inacusativos e predicativos é mais frequente a ordem V-Su
- iii) factores discursivos: o estatuto informacional do sujeito gramatical

4.6.4. O papel da flexão no gerúndio; o papel das categorias T e Agr

Que papel desempenha a morfologia visível de Agr?

Em que é que um morfema visível e um morfema nulo se distinguem?

Um dos aspectos em que Agr visível parece desempenhar um papel consiste na identificação do sujeito nulo da gerundiva. De facto, PEP e PED distinguem-se quanto às possibilidades de identificação de sujeitos nulos em gerundivas. Existem vários exemplos nos dados de que disponho que apontam para a possibilidade de haver sujeito nulo na gerundiva em contextos em que ele não seria possível no português padrão. Trata-se de contextos em que o gerúndio tem marcas morfológicas visíveis de concordância e em que não existe co-referência com o sujeito da matriz:

(863) Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (Alto Alentejo, in Matias 1974)

(864) [-]_{i/*j} Arrumandos o quarto, o Pedro_j vai falar contigo_i. (Ribeiro 2002: 66)

Ora, as gerundivas não flexionadas correspondentes do PEP, pelo menos na minha variedade, não admitem a co-referência com o objecto:

(865) Em [-]_{i/j} comendo a sopa, [-]_j dou-te_i o bolo.

(866) [-]_{i/j} Arrumando o quarto, o Pedro_j vai falar contigo_i.

Julgo que este é exactamente um dos contextos em que PEP e PED se distinguem, e isto porque as desinências de 2ª pessoa permitem recuperar não ambigualmente o conteúdo referencial do sujeito nulo, o que não acontece no PEP. Teríamos assim no PED uma situação semelhante àquela que acontece no PEP em frases finitas, em que existe um contraste entre 3ª pessoa e 1ª e 2ª pessoas quanto à identificação de sujeitos nulos (cf. Lobo 1994). Assim, no PEP, a frase equivalente a (863) com identificação pelo objecto é agramatical, a não ser que se trate de um objecto de 3ª pessoa, em que o contexto permitirá optar por uma ou outra leitura:

(867) Em [-]_{i/?*} comendo a sopa, *pro*_i dou-te_j o bolo.

(868) Em [-]_{i/j} comendo a sopa, *pro*_i dou-lhe_j o bolo.

A frase (867), em PEP, seria substituída por uma temporal conjuncional:

(869) a. Quando comeres a sopa, dou-te o bolo.

b. Depois de comeres a sopa,...

O PED contrasta assim com o PEP quando estão presentes marcas morfológicas de concordância:

(870) PED - (mulher_i a falar com marido_j ao telefone):

Hoje, estou muito cansada. Em [-]_{i/*j} chegandos a casa, [-]_i vou-me deitar.⁷⁶

(871) PEP - (mulher_i a falar com marido_j ao telefone):

a. Hoje, estou muito cansada. Em [-]_{i/*j} chegando a casa, [-]_i vou-me deitar.

b. Hoje, estou muito cansada. Quando [-]_{i/*j} chegares a casa, [-]_i vou-me deitar.

⁷⁶ De acordo com Ribeiro 2002, sem a realização do pronome a frase é agramatical. Teríamos de ter: 'Em tu chegandos a casa,...'. De acordo com falantes que consultei, a frase sem o pronome é gramatical.

De facto, no PED, as gerundivas periféricas, tal como no PEP, não são estruturas de controlo obrigatório. Os sujeitos nulos das gerundivas periféricas não são obrigatoriamente controlados, não tendo as propriedades atribuídas ao sujeito das estruturas de controlo obrigatório - PRO. Veja-se que, contrariamente àquilo que acontece em estruturas de controlo obrigatório, o sujeito nulo das gerundivas do português (quer padrão, quer dialectal) pode ser expletivo, pode ser identificado pragmaticamente, e pode alternar com um sujeito foneticamente realizado:

(872) a. *Quero [-] chover.

b. [-] chovendo desta maneira, os campos ficarão alagados.

(873) a. *Os meninos_i vinham cheios de fome. Mas [-]_i comer bolachas antes do jantar, a mãe_j não queria.

b. Os meninos_i vinham cheios de fome. [-]_i tendo comido bolachas antes do jantar, a mãe_j zangou-se.

(874) a. O Rui quer [-] ganhar.

a'. *O Rui quer o Zé ganhar.

b. Chegando [-] a casa, o Rui põe a mesa.

b'. Chegando a mãe a casa, o Rui põe a mesa.

Ainda, nas orações gerundivas periféricas, ao contrário do que acontece em estruturas de controlo obrigatório, é possível a ocorrência do clítico indefinido *se*:

(875) a. *A câmara quer [destruir-se estas barracas].

b. A câmara quer [que se destrua estas barracas].

(876) [Destruindo-se estas barracas], a zona ficará valorizada.

Assim, os sujeitos nulos das gerundivas periféricas do português parecem antes corresponder a *pro*. Tal como acontece com o sujeito nulo típico de uma frase finita no PEP, a referência do sujeito nulo de uma gerundiva periférica no PED parece ser em grande medida determinada contextualmente.⁷⁷

Assim, nos exemplos abaixo, o antecedente do sujeito nulo da gerundiva pode ser o sujeito matriz, o objecto matriz, um tópico, um referente previamente introduzido, ou pode ser pragmaticamente identificado. O sujeito nulo pode também ser expletivo ou ter

⁷⁷ Para uma posição diferente, ver Ribeiro 2001 e 2002.

referência arbitrária:

- (877) Não saíndomos de casa, morrâmos à fome. (Azevedo 1928-9)
- (878) Em sendem crescidos, levo-os a Lisboa. (Delgado 1951)
- (879) O pão, quando estando lêvedo, (...) a massa é mais leve. (Cordial-sin, PAL30)
- (880) Eles têm duas instalações. (...) Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. Fica já ali a garagem, fica casa para tudo, não é. (Cordial-sin, AAL24)
- (881) Em querendos ir, vamos. (Vilhena 1965)
- (882) Porque (...) a azeitona é uma das coisas que, chove agora, e, em estando bom, (...) já se trabalha. (Cordial-sin, AAL30)
- (883) Mesmo pagando o dinheiro, {pp} não há quem queira ir fazer. (Cordial-sin, PAL11)

Curiosamente, nos dados do português dialectal existem gerúndios flexionados quer em gerundivas periféricas, quer em orações gerundivas que parecem corresponder a adjuntas não periféricas ou a gerundivas predicativas, e em que em PEP são impossíveis sujeitos lexicais:

- (884) E, às vezes, anda aquele rebanho junto, (...) e, depois, às vezes, {fp} vão dormir pensandem (...) que são todas fêmeas e há (...) algum macho ali no meio! (Cordial-sin, PAL 13)
- (885) Não sei se o meu marido sabe de enxertos. Não sei. Só falandem com o meu marido é que sabem. (Guilhermina, Lavre, 4.4.02, Ana Maria Martins, c.p.)
- (886) Vi-te saltandos à corda. (Ribeiro 2002: 75)
- (887) Entraste na sala pulandos de alegria (Ribeiro 2002: 75)
- (888) Passaste no exame copiandos pelo colega do lado (Ribeiro 2002: 75)
- (889) Cantas a música estendendos o chapéu (Ribeiro 2002: 81)
- (890) Vão para o intervalo correndem muito depressa (Ribeiro 2002: 84)

Como vimos, em PEP, estas gerundivas distinguem-se das gerundivas periféricas por não admitirem sujeitos lexicais, por não poderem ter sujeitos expletivos nem

sujeitos identificados por tópicos. Ainda, nas gerundivas adjuntas não periféricas do PEP, a ocorrência do clítico indefinido *se* dá origem a frases marginais:

- (891) a. ?*Só se conseguirá resolver o problema convocando-se eleições gerais.
b. Convocando-se eleições gerais, conseguiu-se acalmar o clima do país.

Mendikoetxea 1999 refere contrastes semelhantes para o espanhol.

Assim, as gerundivas não periféricas, essas sim, têm comportamentos próximos das estruturas de controlo obrigatório.

Resta saber como se comportam as gerundivas adjuntas não periféricas (e predicativas) no PED quanto à possibilidade de realização de sujeito lexical neste contexto, e quanto à possibilidade de ocorrerem sujeitos expletivos.

Se em PED a realização do sujeito neste contexto também for agramatical, isso parece indicar que T e Agr desempenham funções diferentes (como tem sido defendido por vários autores). A realização fonética de Agr será independente da realização fonética do sujeito.

A esta mesma conclusão chega Ledgeway 2000 com base em dados de dialectos do italiano (cf. também Haidou & Sitaridou 2001). Nem Agr é responsável pela legitimação do sujeito, nem os sujeitos lexicais surgem apenas em contextos com Agr. De facto, nestes dialectos, existem contextos com Agr realizado que não permitem sujeitos lexicais. Trata-se de contextos de controlo obrigatório em infinitivas.

Assim parece ser T, quando suficientemente forte, o responsável pela atribuição de Caso.

Será necessário contudo obter mais dados de gerundivas não periféricas com informantes do PED para confirmar estas hipóteses.

A ideia de que não é Agr a única entidade responsável pela atribuição de Caso é apoiada por vários dados. Por um lado, existem línguas em que são possíveis infinitivas não flexionadas com sujeitos lexicais: trata-se das chamadas construções de infinitivo pessoal que existem no espanhol, em variedades do italiano... Por outro lado, existem estruturas em que Agr é morfologicamente realizado e que não admitem sujeitos lexicais. Isso acontece, de acordo com Ledgeway 2000, em alguns dialectos do italiano que têm infinitivas flexionadas. Quando a infinitiva flexionada surge num contexto de controlo obrigatório, o sujeito lexical não é possível.

No caso do infinitivo pessoal, aquilo que Ledgeway observa é que a construção está restringida a contextos de não subcategorização, i.e. a orações sujeito e a orações adverbiais, que são sempre contextos de controlo não obrigatório, em que é possível a referência disjunta do sujeito da matriz.

Assim, como afirma Ledgeway 2000, a possibilidade de lexicalizar o sujeito em gerundivas e infinitivas não está relacionada com a presença visível de Agr nessas estruturas: existem sujeitos lexicais em gerundivas não flexionadas do português e de outras línguas, em infinitivas não flexionadas do espanhol e do italiano; não parecem existir sujeitos lexicais em gerundivas flexionadas integradas não preposicionadas e em infinitivas flexionadas subcategorizadas de dialectos italianos. A possibilidade de lexicalizar o sujeito é antes condicionada pela relação que a estrutura estabelece com a oração matriz, ou seja pelo facto de se tratar de uma estrutura de controlo não obrigatório.

4.6.5. Conclusões

Resumindo, quanto ao papel de Agr morfologicamente visível, chegámos à conclusão de que:

- i) a flexão de concordância desempenha um papel na identificação do conteúdo da categoria vazia;
- ii) não é a flexão de concordância por si só que legitima Caso nominativo;
- iii) a flexão de concordância visível parece aproximar a oração gerundiva das frases finitas.

Quanto ao sujeito nulo de orações gerundivas flexionadas, vimos que há razões para considerar que se trata de uma categoria vazia típica dos contextos de sujeito nulo, sujeita a mecanismos de identificação semelhantes aos que operam em orações finitas (i.e. identificação por concordância ou identificação pragmática/discursiva).

Quanto à ordem de palavras em gerundivas do PED, vimos que interferem factores como:

- i) a presença de um conector;

- ii) a classe verbal (verbos predicativos e inacusativos vs. verbos transitivos e intransitivos);
- iii) factores de ordem discursiva.

Quanto à eventual opcionalidade de realizar o morfema de concordância, os dados que analisámos apontam para que a presença de concordância é largamente preferida em orações adjuntas, e em orações quase-coordenadas, ao passo que a concordância é praticamente inexistente em complexos verbais. É evidente que o próprio estatuto sociolinguístico das variedades que estamos a considerar dificulta uma análise objectiva desta questão. Veja-se que se trata de variedades linguísticas que se distanciam da norma, estigmatizadas, sendo a concordância no gerúndio objecto de correcção explícita na aprendizagem escolar. É portanto natural que haja uma tendência para substituir a forma flexionada pela forma não flexionada, podendo a hesitação provocada pela influência da norma ficar 'mascarada' de 'opcionalidade'.

Algumas destas hipóteses necessitam, como é óbvio, de um estudo mais aprofundado que contemple um maior número de dados, devidamente contextualizados. Espero poder prosseguir esta investigação futuramente.

5. Conclusão

Neste trabalho, centrado prioritariamente no PE, procurou-se estudar alguns aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais, considerando, entre outras, as seguintes questões:

- a) que estruturas cabem na designação de orações subordinadas adverbiais?
- b) que propriedades têm?
- c) existem diferentes tipos sintácticos de orações adverbiais?
- d) qual o seu estatuto?
- e) que posição estrutural ocupam?
- f) que papel desempenham os conectores de adverbiais finitas e infinitivas?
- g) por que não são as gerundivas e participiais introduzidas por conectores?
- h) as propriedades internas manifestadas por gerundivas e participiais estão relacionadas com a posição estrutural que ocupam?

Depois de definir os objectivos do trabalho e depois de o enquadrar teoricamente no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua última versão (cap.1.), procurei, numa primeira parte (cap.2), responder às duas primeiras questões, tentando caracterizar as estruturas sintácticas que cabem na classificação de subordinadas adverbiais. Distingui assim um subconjunto de estruturas que se distingue das estruturas coordenadas por, em PE, manifestar tipicamente a próclise no caso das orações finitas, por admitir a coordenação. Dentro das estruturas subordinadas, as adverbiais foram caracterizadas enquanto grupo por admitirem a anteposição, não admitirem a extracção, não serem semanticamente seleccionadas (podendo na maioria dos casos ser omitidas sem que isso provoque agramaticalidade). Afastei assim das adverbiais as estruturas comparativas e consecutivas, com comportamentos distintos (cf. não admitem a anteposição, estão sempre dependentes de um advérbio de grau ou quantificador), que têm sido aproximadas na literatura ou de orações coordenadas ou de orações relativas ou ainda de orações seleccionadas por um quantificador. Foram ainda postas de parte estruturas que se situam a meio caminho entre a coordenação e a subordinação, cujo estatuto sintáctico é mais duvidoso. Cabem aqui as orações não conjuncionais finitas com inversão sujeito-verbo, as comparativas correlativas, as orações chamadas explicativas (que não admitem a anteposição, nem a coordenação, manifestam ênclise em PE e em línguas como o alemão manifestam V2 e não V final), entre outras.

Num segundo momento (cap.3), foram estudadas as propriedades sintáticas das orações adverbiais que em PE são introduzidas por conectores - as adverbiais finitas e infinitivas. Depois de ter referido algumas das propriedades que caracterizam cada um dos subtipos semânticos de adverbiais finitas e infinitivas (cap.3.2.) e depois de fazer uma tentativa de análise gramatical dos seus conectores (cap. 3.3), foram aplicados sistematicamente a todos os subtipos semânticos de adverbiais introduzidos por diferentes conectores sete testes sintáctico-semânticos conhecidos na literatura (clivagem, anteposição, escopo da negação, escopo de operadores de foco, resposta a interrogativas-Qu, interrogativas e negativas alternativas), e já testados em gramáticas descritivas de outras línguas (cf. Quirk *et al.* 1985; Renzi, Salvi & Cardinaletti 1991; Bosque & Demonte 1999), que permitem distinguir duas subclasses sintáticas de orações subordinadas adverbiais: as adverbiais periféricas (ou adverbiais de frase) e as adverbiais não periféricas (ou adverbiais de predicado). Distinguiu-se ainda dentro das adverbiais periféricas um subconjunto de estruturas ainda mais periféricas, que parecem não modificar directamente o conteúdo proposicional da oração matriz, estando antes directamente ligadas à situação de enunciação. Verificou-se que as adverbiais de tempo, de modo, de circunstância negativa, de causa introduzidas por *por(que)*, de fim, e algumas condicionais introduzidas por *se* e *caso*, têm comportamentos de adverbiais não periféricas, podendo ocorrer à direita sem que haja quebra entoacional, podendo estar sob o escopo da negação e de operadores de foco, podendo constituir respostas a interrogativas-Qu, ser clivadas e ocorrer em interrogativas e negativas alternativas. Pelo contrário, as adverbiais causais introduzidas por *como*, *visto que*, *já que*, *uma vez que*, *dado que*, as condicionais concessivas, as concessivas, as condicionais introduzidas por *desde que*, *contanto que* e as conformativas têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas, rejeitando a clivagem, não podendo ocorrer em posição final sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional, não podendo estar sob o escopo de negação ou de operadores de foco, não podendo constituir resposta a interrogativas-Qu, nem ocorrer em interrogativas e negativas alternativas.

Foi proposto que o estatuto sintáctico/estrutural das orações adverbiais (periféricas/não periféricas) corresponde a diferentes posições estruturais relativamente à oração matriz e está relacionado com o seu diferente estatuto discursivo: as adverbiais periféricas dão informação que é de alguma forma pressuposta ou 'conforme às expectativas'; as adverbiais não periféricas são neutras, não têm um conteúdo pressuposicional intrínseco. Colocou-se ainda a hipótese de o diferente mapeamento de

adverbiais periféricas e não periféricas ser condicionado pelo diferente estatuto lexical dos conectores que as introduzem: só os conectores de adverbiais periféricas têm um traço [pressuposicional] inerente. Admitindo que a projecção funcional TP actua como uma fronteira no mapeamento de constituintes com diferentes funções discursivas (os constituintes pressupostos e, portanto, não focalizáveis são obrigatoriamente projectados fora do domínio de c-comando de T), explica-se que as adverbiais periféricas sejam obrigatoriamente projectadas fora de TP, em adjunção a uma categoria funcional alta (TP ou CP), ao passo que as adverbiais não periféricas, discursivamente 'neutras', podem ser projectadas dentro ou fora de TP de acordo com o seu estatuto informacional.

Foram discutidas ainda várias hipóteses teóricas sobre a representação estrutural dos adjuntos em geral e sobre os adjuntos oracionais em particular (especificadores - cf. Cinque 1999, e.o., complementos - cf. Larson 1988, e.o., ou adjuntos - cf. Ernst 2000, e.o.), assim como a hipótese de não haver adjunção à direita (cf. Kayne 1994). Relativamente às orações adverbiais, os argumentos empíricos considerados - fenómenos de ligação, testes clássicos de constituência e questões de escopo - apontam a análise de adjunção (à esquerda ou à direita) como sendo a hipótese menos problemática, ainda que nem todas as questões tenham ficado completamente esclarecidas.

Quanto à posição das adverbiais não periféricas à esquerda, discutiram-se duas hipóteses alternativas: a hipótese de estas serem deslocadas por movimento para essa posição e a hipótese de geração na base à esquerda. Concluiu-se que a ausência de reconstrução, i.e. a impossibilidade de a oração estar sob o escopo da negação, a impossibilidade de estabelecer dependências a longa distância, a possibilidade de haver co-referência entre um sujeito DP na adverbial anteposta e um sujeito pronominal na matriz, que se manifesta na maioria dos casos, apontam para a segunda hipótese, i.e. a geração básica da adverbial à esquerda. Isto vai de encontro à proposta teórica de Chomsky 1995 de que *Compor (Merge)* é mais económico do que *Mover*. Ficaram alguns problemas por resolver, nomeadamente as assimetrias verificadas entre adjuntos oracionais e não oracionais, a possibilidade de haver reconstrução de um adjunto oracional anteposto com determinados tipos de verbos (ex: *achar*) e de tempos verbais (ex: futuro do presente e futuro do pretérito ou condicional).

No cap.4, foram tratadas as orações adverbiais que em PE não são, no caso não marcado, introduzidas por conectores - as orações gerundivas e participiais.

Relativamente a estas orações, punha-se a questão de saber como derivar o seu estatuto sintáctico na ausência de conectores. Depois de descrever as propriedades sintácticas e semânticas que permitem distinguir dois tipos sintácticos de gerundivas adjuntas (gerundivas periféricas e não periféricas), distintas das gerundivas a que chamei predicativas na sequência de Fernández Lagunilla 1999, e classificar as participiais adjuntas como periféricas, foi proposto que a ausência de conectores de tipo preposicional em gerundivas e participiais, assim como a impossibilidade de estas orações ocorrerem em posições argumentais, se deve ao seu estatuto defectivo inerentemente verbal. A ausência de conectores típicos de contextos finitos deve-se ao estatuto morfológico destas orações. A distribuição sintáctica de gerundivas e participiais foi derivada do carácter defectivo de T nestas estruturas, que, quando no domínio de c-comando de T matriz terá uma leitura obrigatoriamente dependente, i.e. de T simultâneo relativamente a T matriz. A incompatibilidade do participio passado com a leitura de simultaneidade temporal, assim como a impossibilidade de termos gerundivas causais e de T anterior no domínio de c-comando de T matriz foi derivada da dependência obrigatória entre T da gerundiva e da participial e T matriz quando estas orações ocupam posições estruturais baixas. Serão assim propriedades morfológicas do gerúndio e do participio, aliadas a restrições de natureza semântica, que explicam a distribuição sintáctica das orações adjuntas não introduzidas por conectores. Observou-se também que a presença de um conector pode facilitar a leitura não dependente, i.e. o conector parece bloquear a relação que se estabelece entre T matriz e T encaixado.

Descreveram-se ainda algumas propriedades internas de gerundivas e de participiais e procurou-se verificar até que ponto as restrições manifestadas em algumas estruturas são consequência da posição estrutural ocupada. Foi proposto que as restrições observadas em gerundivas não periféricas podem ser derivadas da posição estrutural que estas ocupam. No entanto, relativamente às participiais, essa explicação não é possível. Assim, as restrições manifestadas em participiais terão de ser atribuídas a uma maior defectividade funcional destas estruturas.

Assim, enquanto para as gerundivas foi proposto que se trata de orações plenas, projectando as categorias C, Agr, T, v , tendo a categoria C traços temporais, para as participiais foi proposto que a categoria C não contém traços temporais. Isto poderá explicar a impossibilidade de termos auxiliares, negação e clíticos nas participiais, assim como a maior dificuldade em termos um sujeito pronominal nestas estruturas.

Quanto aos sujeitos nulos de orações adjuntas periféricas, foi proposto que se trata

de uma categoria vazia com mais afinidades com *pro* do que com PRO, sendo o seu conteúdo fixado através de mecanismos de identificação essencialmente semânticos e pragmáticos.

Foram considerados dados de vários sistemas linguísticos, nomeadamente português europeu padrão contemporâneo, italiano, espanhol, francês, inglês, português europeu dialectal e português antigo, que parecem mostrar que a ordem de palavras em absolutas pode estar relacionada com o estatuto morfológico das diferentes formas verbais e com diferentes especificações de traços da categoria C: nas gerundivas do português padrão, italiano e espanhol, C tem traços-T fortes, obrigando à subida de V para C; nas orações com participio presente do francês e do inglês, C não tem traços-T; nas gerundivas flexionadas do português dialectal, C tem traços-T fracos, sendo as diversas ordens de palavras motivadas plausivelmente por mecanismos de natureza discursiva; o português antigo parece ser uma língua com um estatuto morfológico em transição. Mostrou-se que a presença/ausência de traços-T em C se relaciona com uma maior diversidade vs. menor diversidade de valores semânticos e com a diferente origem histórica das formas verbais, sendo as formas participiais mais próximas de adjectivos.

Finalmente foram analisados alguns dados de variedades do português em que o gerúndio pode apresentar marcas visíveis de concordância, procurando perceber até que ponto a morfologia visível desempenha um papel na gramática. Verificou-se que a morfologia de concordância parece desempenhar um papel pelo menos na identificação do conteúdo de sujeitos nulos e nos contextos sintácticos em que a gerundiva pode ocorrer, aproximando-a das orações finitas.

Referências bibliográficas

- ALARCOS LLORACH, Emilio (1994) *Gramática de la Lengua Española*, Espasa Calpe, S.A., Madrid, 1999.
- ALEPG - Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- ALEXIADOU, Artemis (1997) *Adverb Placement*, John Benjamins, Amsterdam.
- ALEXIADOU, Artemis & Peter SVENONIUS, eds. (2000) *Adverbs and Adjunction, Linguistics in Potsdam 6*, Universität Potsdam, Potsdam.
- ALGa - Atlas Lingüístico Galego (ALGa). vol. I.1. *Morfología Verbal.*, Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa", La Coruña, 1990 (coord. F. Fernández Rei).
- ALI, Manuel Said (1927) *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, Melhoramentos, São Paulo. 6ª ed., 1965.
- ALI, Manuel Said (1931) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. 7ª ed., 1971.
- ALVES, Ana Teresa (1999) 'Anáfora Temporal com *Durante*', in *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)*, vol. I, Associação Portuguesa de Linguística, Braga; 53-71.
- AMBAR, Manuela (1988) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa, Lisboa (publicada por Ed. Colibri, Lisboa, 1992).
- AMBAR, Manuela (1989) 'Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase', *Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Associação Portuguesa de Linguística/Univ. Lisboa; 369-399.
- AMBAR, Manuela (1992) 'Temps et structure de la phrase en Portugais', in H.-G. Oenauer & A. Zribi-Hertz, eds. *Structure de la Phrase et Théorie du Liage*, Presses Universitaires de Vincennes, Paris; 29-49.
- AMBAR, Manuela (1994) "'Aux-to-COMP" and Lexical Restrictions on Verb Movement', in G. Cinque, J. Koster, J.-Y. Pollock, L. Rizzi & R. Zanuttini, eds.; 1-23.
- AMBAR, Manuela (1996) 'Infinitives vs. Participles', in Esthela Treviño & José Lema, eds. (1999) *Semantic Issues in Romance Syntax*, John Benjamins Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia; 1-20 (publicado também em João Costa, ed. (2000) *Portuguese Syntax. New comparative Studies*; 14-30).
- AMBAR, Manuela (1997) 'The Syntax of Focus in Portuguese – a unified approach', ms. Univ. de Lisboa.
- AMBAR, Manuela (1999) 'Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese', in G. Rebuschi & L. Tuller, eds.; 23-53.
- AMBAR, Manuela, Manuela GONZAGA & Esmeralda NEGRÃO (2002) 'Sobre o operador *sempre*:

- interacções entre tempo, quantificação e estrutura frásica em PE e PB', Comunicação apresentada no 3º Colóquio PE/PB, Univ. Lisboa, Setembro 2002.
- AMBAR, Manuela, Ximena LOÏS & Hans-Georg OBENAUER (1986) 'Move Infl and Sentential Arguments', ms. Paris, *Glow Newsletter*.
- ANDRADE, João Nunes de (1841) *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por Systema Philosophico*, Typografia de A. S. Coelho, Lisboa.
- ANDREWS, Avery (1983) 'A Note on the Constituent Structure of Modifiers', *Linguistic Inquiry* 14.4; 695-697.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de (1928-29) "Linguagem popular de Ervedosa do Douro", *Revista Lusitana* XXVII.
- BAKER, M. (1988) *Incorporation*, Univ. of Chicago Press, Chicago.
- BAPTISTA, Cândida da Saudade Costa (1967) *O Falar da Escusa*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- BARBIERS, Sjef (1995) *The Syntax of Interpretation*. Diss. doutoramento, Univ. Leiden.
- BARBOSA, Jerónimo Soares (1822) *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Typographia da Academia das Sciencias, Lisboa.
- BARBOSA, Pilar (1995) *Null Subjects*, Diss. Doutoramento, MIT, Cambridge, Mass.
- BARBOSA, Pilar (2001) 'Concordância Pronominal', Comunicação apresentada no Ciclo de conferências *Conversas d'HorAl*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 25 Maio 2001.
- BARBOSA, Pilar (2002) 'A propriedade do sujeito nulo e o princípio da projecção alargado', in M. H. Mateus & C. Nunes Correia, orgs. *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa; 51-71.
- BARSS, A. & H. LASNIK (1986) 'A Note on Anaphora and Double Objects', *Linguistic Inquiry* 17.2; 347-354.
- BAYER, Josef (1999) 'Bound Focus or How can Association with Focus be Achieved without Going Semantically Astray?', in G Rebuschi & L. Tuller, eds.; 55-82.
- BECHARA, Evanildo (1961) *Moderna Gramática Portuguesa*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 22ª ed., 1977.
- BECHARA, Evanildo (1999) *Moderna Gramática Portuguesa*, Ed. Lucarna, Rio de Janeiro, 37ª ed. revista e ampliada, (1ª ed. 1961).
- BELLETTI, Adriana (1981) 'Frase Ridotte Assolute', *Rivista di Grammatica Generativa* 6; 3-33.
- BELLETTI, Adriana (1990) *Generalized Verb Movement: Aspects of Verb Syntax*, Rosenberg and Sellier, Turin.
- BERTA, Tibor, Ildikó SZIJJ & Judit TAPAZDI (1999) *A Subordinação Adverbial em Português*, (Giampaolo Salvi, org.), Íbis, Departamento de Português da Universidade Eötvös Loránd

- de Budapeste, Budapeste.
- BIANCHI, Valentina (1997) 'On the structural position of time clauses', *Quaderni del Laboratorio di Linguistica* 11, Pisa, Scuola Normale Superiore.
- BIANCHI, Valentina (2000) 'On Time Adverbials', *Italian Journal of Linguistics* 12.1; 77-106.
- BOHNEMEYER, Jürgen (2000) 'Time reference across languages', LOT summer school, Tilburg, Junho 2000.
- BONNARD, Henri & Claude RÉGNIER (1991) *Petite Grammaire de l'Ancien Français*, Magnard, Paris.
- BORER, Hagit (1989) 'Anaphoric AGR', in O. Jaeggli & K. Safir, eds. *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht.
- BOŠKOVIĆ, Željko (1997) *The Syntax of Nonfinite Complementation. An Economy Approach*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- BOSQUE, Ignacio (1990) *Las Categorías Gramaticales. Relaciones y Diferencias*, Ed. Síntesis, Madrid.
- BOSQUE, Ignacio (1987) 'Constricciones morfológicas sobre la coordinación', *Lingüística Española Actual* 9; 83-100.
- BOSQUE, Ignacio & Violeta DEMONTE, orgs. (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, 3 vols., Espasa, Madrid.
- BOUCHARD, Denis (1984) *On the Content of Empty Categories*, Foris Publications, Dordrecht.
- BRAGA, F. C. (1971) *Quadrazais. Etnografia e Linguagem*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- BRITO, Ana Maria (1984) 'Sobre as Noções de Sujeito e Argumento Externo: Semelhanças entre a Estrutura de *F* e a Estrutura de *SN* em Português', *Boletim de Filologia* XXIX; 421-478.
- BRITO, Ana Maria (2003) 'Subordinação adverbial', in Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa (5ª edição, revista e aumentada); 695-728.
- BRITO, A. M., F. OLIVEIRA, I. P. de LIMA e R. M. MARTELO, orgs. (1997) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Campo das Letras, Porto.
- BRODY, Michael (1994) 'Phrase Structure and dependence', *University College London Working Papers in Linguistics* 6; 1-33.
- BRODY, Michael (1995) *Lexico-Logical Form. A Radically Minimalist Theory*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- CAMPOS, Odette A. de Souza (1980) *O Gerúndio no Português. Estudo Histórico-Descritivo*, Presença, Rio de Janeiro.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa (1998) 'Sobre o Aspecto em Português', Ms. Conferência PUC, Rio de Janeiro.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1975) 'No galego de Rianxo existe un xerúndio flesional', *Grial* 50; 497-499. (republicado como Carballo Calero (1981) 'Um exemplo de Gerúndio

- Flexional', in *Problemas da Língua Galega*, Sá da Costa Ed., Lisboa; 129-133.)
- CARDINALETTI, Anna & Michal STARKE (1994) 'The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes', *Univ. of Venice Working Papers in Linguistics* 4.2.; 41-109.
- CARDINALETTI, Anna & Michal STARKE (1999) 'The typology of structural deficiency: A case study of the three classes of pronouns', in H. van Riemsdijk, ed.; 145-233.
- CARECHO, Judite (1996) *Sobre a semântica das construções com quando*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa.
- CARREIRO, Maria Eduarda Ventura (1948) *Monografia Linguística de Nisa*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- CASTELEIRO, João Malaca (1981) *Sintaxe Transformacional do Adjectivo - Regência das construções completivas*, INIC, Lisboa.
- CHEVALIER, Jean-Claude, Claire BLANCHE-BENVENISTE, Michel ARRIVE, Jean PEYTARD (1964) *Grammaire Larousse du Français Contemporain*, Librairie Larousse, Paris.
- CHIERCHIA, Gennaro (1995) *Dynamics of Meaning. Anaphora, Presupposition, and the Theory of Grammar*, The University of Chicago Press, Chicago/London.
- CHOMSKY, Noam (1970) 'Remarks on Nominalization', in R. Jacobs & P. Rosenbaum, eds. *Readings in English Transformational Grammar*, Ginn, Waltham MA.; 184-222.
- CHOMSKY, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris Publications, Dordrecht.
- CHOMSKY, Noam (1986) *Barriers*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (1993) 'A Minimalist Program for Linguistic Theory', in Kenneth Hale & Samuel Jay Keyser, eds. *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (2001a) 'Derivation by Phase', in Michael Kenstowicz, ed. *Ken Hale. A Life in Language*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (2001b) *Beyond Explanatory Adequacy*, ms., MIT.
- CHOMSKY, Noam & Howard LASNIK (1993) 'The Theory of Principles and Parameters', in N. Chomsky (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge, Mass.; 13-127.
- CINQUE, Guglielmo (1990) *Types of A'-dependencies*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CINQUE, Guglielmo (1999) *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*, Oxford University Press, New York/Oxford.
- CINQUE, Guglielmo, Jan KOSTER, Jean-Yves POLLOCK, Luigi RIZZI & Raffaella ZANUTTINI, eds. (1994) *Paths Towards Universal Grammar. Studies in Honor of Richard Kayne*, Georgetown University Press, Washington D.C
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1971) 'Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses', *Boletim de Filologia* XXII; 81-116.
- CIPM - *Corpus Informatizado do Português Medieval*, Centro de Linguística da Universidade

- Nova de Lisboa (<http://www.cipm.fcsh.unl.pt>).
- COELHO, Adolfo (1891) *Noções Elementares de Grammatica Portuguesa*, Lemos & Cia. Ed., Porto.
- COLAÇO, Madalena (1996) 'O Princípio «Across-the-Board» e o Movimento Sintático em Estruturas de Coordenação', in AAVV *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*, Colibri, Lisboa; 51-99.
- Cordial-sin - Corpus dialectal com anotação sintáctica* (Projecto financiado PRAXIS XXI P/PLP/113046/1998 e POCTI/1999/PLP/33275), Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CORVER, Norbert & Denis DELFITTO (1993) 'Feature assymetry and the nature of pronoun movement', ms., Univ. Tilburg/Univ. Utrecht.
- COSTA, João (1997) 'On the behavior of adverbs in sentence-final contexts', *The Linguistic Review* 14; 43-68.
- COSTA, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*, Holland Academic Graphics, The Hague.
- COSTA, João (2000a) 'Adverbs as Adjuncts to Non-Universal Functional Categories: evidence from Portuguese', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 19-32.
- COSTA, João (2000b) 'Focus in situ: Evidence from Portuguese', *Probus* 12; 187-228.
- COSTA, João (2002) 'A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems', ms., Univ. Nova de Lisboa.
- COSTA, Ana & João COSTA (2001) *O que é um advérbio?*, Ed. Colibri/Associação de Professores de Português, Lisboa.
- CRUZ, M^a Luisa Segura da (1969) *O Falar de Odeleite*. Diss. Licenciatura Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa (publicado CLUL/INIC).
- CRUZ, Luisa Segura da (1987) *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*, dissertação para acesso à cat. de Investigador Aux., CLUL/INIC, Lisboa.
- CULICOVER, Peter W. & Ray JACKENDOFF (1997) 'Semantic Subordination despite Syntactic Coordination', *Linguistic Inquiry* 28.2; 195-217.
- CULICOVER, Peter W. & Ray JACKENDOFF (1999) 'The View from the Periphery: The English Comparative Correlative', *Linguistic Inquiry* 30.4; 543-571.
- CULICOVER, Peter W. & Michael S. ROCHEMONT (1990) *English Focus Constructions and the Theory of Grammar*, Cambridge University Press, Cambridge.
- CUNHA, Celso (1969) *Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Bernardo Alvares S.A., Belo Horizonte.
- CUNHA, Celso & Luis Filipe Lindley CINTRA (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. J. Sá da Costa, Lisboa.
- CUNHA, Luís Filipe (1998) *As Construções com Progressivo em Português: uma Abordagem*

- Semântica*, Diss. de Mestrado, Faculdade de Letras da Univ. do Porto.
- CUNHA, Luís Filipe (2000) 'Valores Temporais das Orações com *Quando*', *Cadernos de Linguística da Universidade do Porto* 8.
- DAVIDSON, Donald (1967) 'The Logical Form of Action Sentences', in Nicholas Rescher, ed. *The Logic of Decision and Action*, Univ. of Pittsburgh Press, Pittsburgh; 81-95 (reeditado em Peter Ludlow, ed. (1997) *Readings in the Philosophy of Language*, The MIT Press, Cambridge Mass; 217-232).
- DAVIS, Henry (2000) 'Identifying Agreement', Comunicação apresentada no *Glow Workshop on Null/overt morphology*, Bilbao, 18 Abr. 2000.
- DECLERCK, Renaat (1995) 'The problem of *not... until*', *Linguistics* 33; 51-98.
- DELFITTO, Denis (2000) 'Adverbs and the Syntax/Semantics Interface', *Italian Journal of Linguistics* 12.1; 13-53.
- DELGADO, M^a Carolina Saramaga (1970) *O Falar de Baleizão*, Diss. Licenciatura, Univ. Lisboa, Lisboa.
- DELGADO, Manuel Joaquim (1951) *A Linguagem Popular do Baixo Alentejo e o Dialecto Barranquenho*, Edição da Assembleia Distrital de Beja. (1983, 2^a ed.)
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1881) *Grammatica Portuguesa Elementar*, 4^a ed rev., Liv. Elementar, Porto. 13^a ed. rev., Liv. Escolar de A. Ferreira Machado & Cia Ed., Lisboa, 1921.
- DIAS, Augusto Epifânio da Silva (1918) *Syntaxe Historica Portuguesa*, Liv. Clássica Editora, Lisboa. 5^a ed., 1970.
- DIESSEL, Holger (2001) 'The Ordering Distribution of Main and Adverbial Clauses: A Typological Study', *Language* 77.3; 433-455.
- DIK, Simon (1978) *Functional Grammar*, North Holland Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia.
- DRYER, Matthew S. (2000) 'Word Order', ms., a publicar na Segunda Edição da Antologia de Shopen.
- DUARTE, Inês (1987) *A construção de topicalização na gramática do português*, Diss. doutoramento, Univ. Lisboa.
- DUARTE, Inês (1992) 'Complementos Infinitivos Preposicionados e Outras Construções Temporalmente Defectivas em Português Europeu', *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*; 145-158.
- DUARTE, Inês (1996) 'A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa', in Inês Duarte & Isabel Leiria, orgs. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, APL/Colibri, Lisboa; 327-360.
- DUARTE, Inês (1997) 'Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva', , in A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima e R. M. Martelo, orgs.; 581-592.

- DUARTE, Inês (2000) 'Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro', Comunicação apresentada no *Congresso Internacional '500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil'*, Univ. Évora.
- DUARTE, Inês & João COSTA (2001) 'Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português', *Actas do XVI Encontro Nacional da APL (Coimbra, 28-30 Setembro 2000)*, Comunicação apresentada no *Colóquio PE/PB*; 627-638.
- DUBINSKY, Stanley & Kemp WILLIAMS (1995) 'Recategorization of Prepositions as Complementizers: The Case of Temporal Prepositions in English', *Linguistic Inquiry* 26.1; 125-137.
- ELISEU, André (1984) *Verbos Ergativos do Português. Descrição e Análise*, Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa.
- ELISEU, André (1988) 'Sobre a estrutura das frases reduzidas absolutas participiais', ms.
- EMONDS, Joseph E. (1985) *A Unified Theory of Syntactic Categories*, Foris, Dordrecht.
- ERNST, Thomas (1994) 'M-Command and Precedence', *Linguistic Inquiry* 25.2; 327-335.
- ERNST, Thomas (2000) 'On the Order of Event-Internal Adjuncts', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 33-49.
- ERNST, Thomas (2002) *The Syntax of Adjuncts*, Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- ESPUNYA I PRAT, Anna (1996) *Progressive Structures of English and Catalan*, Diss. Doutoramento, UAB (*CatWPL*).
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina (1987) 'Los infinitivos con sujetos léxicos en Español', in V. Demonte & M. Fernández Lagunilla, eds. *Sintaxis de las Lenguas Románicas*, Ed. El Arquero, Madrid; 125-147.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina (1999) 'Las construcciones de gerundio', in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.) vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 53.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina & Alberto ANULA REBOLLO (1995) *Sintaxis y Cognición. Introducción al conocimiento, el procesamiento y los déficits sintácticos*, Ed. Síntesis, Madrid.
- FERREIRA, Manuela Barros, Ernestina CARRILHO, Maria LOBO, João SARAMAGO e Maria Luísa SEGURA DA CRUZ (1996) 'Variação linguística: perspectiva dialectológica', in Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte & Carlos A. M. Gouveia, orgs. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Caminho, Lisboa; 479-502.
- FLAMENCO GARCÍA, Luis (1999) 'Las construcciones concesivas y adversativas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol. 3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 59.
- FRISON, Lorenza (1988) 'Le frasi scisse', in L. Renzi, org.; cap. II. 3. ;194-225.
- FROTA, Sónia (1998) *Prosody and Focus in European Portuguese*, Diss. Doutoramento, Fac. Letras Univ. Lisboa.

- FROTA, Sónia & Marina VIGÁRIO (2002) 'Efeitos de peso no Português Europeu', in M. H. Mateus & C. N. Correia, orgs. *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa; 315-333.
- GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen (1999) 'La subordinación causal y final', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 56.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis (1999) 'Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 48.
- GIUSTI, Giuliana (1991) 'Le Frasi Causali', in L. Renzi & G. Salvi, orgs.; cap. XIII. 2.2.
- GOLDSMITH, John (1985) 'A principled exception to the Coordinate Structure Constraint', in *CLS21. Part 1, The General Session*, Chicago Linguistic Society, Univ. of Chicago, Chicago, Ill.; 133-143.
- GONÇALVES, Anabela (1992) *Para uma Sintaxe dos Verbos Auxiliares em Português Europeu*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa.
- GONÇALVES, Anabela (1999) *Predicados Verbais Complexos em contextos de infinitivo não preposicionado em português europeu*, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- GONZAGA, Manuela (1997) *Aspectos da Sintaxe do Advérbio em Português*, Diss. Mestrado, Univ. Lisboa, Lisboa.
- GRÉVISSE, Maurice (1993) *Le Bon Usage. Grammaire Française*, Duculot, Paris (13^a ed. modificada por André Goosse).
- GUÉRON, Jacqueline & Teun HOEKSTRA (1988) 'T-Chains and the Constituent Structure of Auxiliaries', in A. Cardinaletti, G. Cinque & G. Giusti, eds. *Constituent Structure*, Foris, Dordrecht; 35-99.
- GUÉRON, Jacqueline & Teun HOEKSTRA (1995) 'The Temporal Interpretation of Predication', in A. Cardinaletti & M. T. Guasti, eds. (1995) *Syntax and Semantics*, vol. 28 *Small Clauses*. Academic Press, San Diego; 77-107.
- GUERREIRO, António Machado (1968) *Colos (Alentejo) - Elementos Monográficos*. Diss. de Licenciatura, Lisboa.
- GUNNARSON, K. (1994) 'Small clauses and absolute constructions in Spanish', *Probus* 6.2-3; 125-171.
- HAEGEMAN, Liliane (1984) 'Remarks on Adverbial Clauses and Definite NP-Anaphora', *Linguistic Inquiry* 15.4.; 712-715.
- HAEGEMAN, Liliane (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell.
- HAEGEMAN, Liliane (2002) 'Anchoring to speaker, adverbial clauses and the structure of CP', *GUWPTL* 2; 117-180.
- HAIDER, Hubert (2000) 'Adverb placement - convergence of structure and licensing', in

- Alexiadou & Svenonius, eds., pp. 50-77.
- HAIIDOU, Konstantina & Ioanna SITARIDOU (2001) 'Licensing of subjects in Greek Gerunds', a publicar em *Studies in Greek Linguistics*, Proceedings of the 22nd Annual Meeting of the Department of Linguistics, Faculty of Philosophy, Aristotle University of Thessaloniki, 22-24 April 2001.
- HALE, Kenneth & Samuel Jay KEYSER (1993) 'On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations', in K. Hale & S. J. Keyser, eds.; 53-109.
- HALE, Kenneth & Samuel Jay KEYSER, eds. (1993) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- HALLE, M. & A. MARANTZ (1993) 'Distributed morphology and the pieces of inflection', in K.L.Hale & S. J. Keyser, eds.; 111-167.
- HASPELMATH, Martin & Ekkehard KÖNIG (1998) 'Concessive conditionals in the languages of Europe', in Johan van der Auwera, ed.; 563-640.
- HELBIG, Gerhard & Joachim BUSCHA (1984) *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. VEB Verlag Enzyklopädie, Leipzig.
- HENGEVELD, Kees (1998) 'Adverbial clauses in the languages of Europe', in Johan van der Auwera, ed.; 335-419.
- HERNANZ, M. Lluïsa (1991) 'Spanish Absolute Constructions and Aspect', *Catalan Working Papers in Linguistics*; 75-128.
- HERNANZ, M. Lluïsa & Avel.lina SUÑER (1999) 'La predicación: La predicación no copulativa. Las construcciones absolutas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs. vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap.39.
- HORN, Laurence R. (1989) *A Natural History of Negation*, The Univ. of Chicago Press, Chicago/London.
- JACKENDOFF, Ray S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, MIT Press, Cambridge Mass.
- JACKENDOFF, Ray S. (1990) 'On Larson's Treatment of the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 21.3; 427-456.
- JANG, Youngjun (2000) 'Reconstruction vs. Counter-Cyclic Merger', Comunicação apresentada no *Glow23*, Victoria-Gasteiz, 16 Abril 2000.
- JAKUBOWICZ, Celia & Catherine RIGAUT (1997) 'L'acquisition des clitiques nominatifs en Français', in A. Zribi-Hertz, ed.; 57-99.
- JOHNSON, Kyle (1988) 'Clausal Gerunds, the ECP, and Government', *Linguistic Inquiry* 19.4; 583-609.
- JONES, Michael Allan (1996) *Foundations of French Syntax*, Cambridge University Press, Cambridge.
- KAMP, Hans & Uwe REYLE (1993) *From Discourse to Logic*, Kluwer Academic Publishers,

Dordrecht.

- KAYNE, Richard (1975) *French Syntax. The Transformational Cycle*, The MIT Press, Cambridge, Mass. (trad. francesa *Syntaxe du Français. Le cycle transformationnel*, Ed. du Seuil, Paris, 1977).
- KAYNE, Richard (1982) 'Predicates and Arguments, Verbs and Nouns', *Comunicação 5th Glow Colloquium*, Paris.
- KAYNE, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press, Cambridge Mass.
- KAYNE, Richard (1999) 'Prepositional complementizers as attractors', *Probus* 11.1; 39-73.
- KISS, Katalin É (1998) 'Identificational Focus versus Information Focus', *Language* 74.2; 245-273.
- KISS, Katalin É (1999) 'The English Cleft Construction as a Focus Phrase', in Lunella Mereu, ed. *Boundaries of Morphology and Syntax*, John Benjamins Publishing Co., Amsterdam/Philadelphia; 217-229.
- KNOTT, Alistair (s/d) 'An Empirical Methodology for Determining a Set of Coherence Relations', ms.
- KNOTT, Alistair & Chris MELLISH (1996) 'A Data-Driven Method for Classifying Connective Phrases', ms.
- KORTMANN, Bernd (1991) *Free Adjuncts and Absolutes in English. Problems of Control and Interpretation*, Routledge, London/New York.
- KORTMANN, Bernd (1996) *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- KORTMANN, Bernd (1998) 'Adverbial Subordinators in the Languages of Europe', in Johan van der Auwera, ed.; 457-561.
- KÜHNER, R. & C. STEGMANN (1966) *Ausführliche Grammatik der lateinischen Sprache*, part II: *Satzlehre*, vol.1, Hahnsche Buchhandlung, Hannover.
- LAENZLINGER, Christopher (1998) *Comparative Studies in Word Order Variation. Adverbs, Pronouns and Clause Structure in Romance and Germanic*, John Benjamins Pub., Amsterdam/Philadelphia.
- LAENZLINGER, Christopher (2000) 'More on Adverb Syntax and Phrase Structure', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 103-132.
- LAKA, Itziar (1990) *Negation in Syntax: On the Nature of Functional Categories and Projections*, Diss. Doutoramento, MIT, Cambridge, Mass.
- LAKA, Itziar (1993) 'Negation in syntax: the view from Basque', *Rivista di Linguistica* 5.2.; 245-273.
- LANDAU, Idan (2000) *Elements of Control. Structure and Meaning in Infinitival Constructions*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht/Boston/London.
- LARSON, Richard (1985) 'Bare NP Adverbs', *Linguistic Inquiry* 16.4; 595-621.

- LARSON, Richard (1988) 'On the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 19.3; 335-391.
- LARSON, Richard (1990) 'Double Objects Revisited: Reply to Jackendoff', *Linguistic Inquiry* 21.4; 589-632.
- LECHNER, Winfried (2000) 'A derivational head raising analysis of comparatives', Comunicação apresentada ao *23rd Glow Colloquium*, Vitoria-Gasteiz, Abril 2000.
- LECHNER, Winfried (2001) 'Structural and Linear Adjacency', Comunicação apresentada ao *24th Glow Colloquium*, Braga, Abril 2001.
- LEAL, António (2001) O Valor Temporal das Orações Gerundivas em Português, Diss. Mestrado, Univ. Porto.
- LEBEAUX, David (1988) *Language Acquisition and the Form of the Grammar*, Diss. Doutoramento, Univ. Massachusetts, Amherst.
- LEDGEWAY, Adam (2000) *A Comparative Syntax of the Dialects of Southern Italy. A Minimalist Approach*, Publications of the Philological Society 33, Blackwell Publishers.
- LIMA, José Pinto de (1997) 'Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de *Embora*', in A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo orgs.; 643-655.
- LOBO, Maria (1994) *Para uma Redefinição do Parâmetro do Sujeito Nulo*, Diss. Mestrado, Univ. Lisboa, Lisboa.
- LOBO, Maria (2001a) 'Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português', *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, Setembro 2000)*, APL, Lisboa; 291-306.
- LOBO, Maria (2001b) 'On gerund clauses of Portuguese Dialects', in Alexandre Veiga, Víctor M. Longa & JoDee Anderson, eds. *El Verbo. Entre el Léxico y la Gramática*, Ed. Trim Tram, Lugo; 107-118.
- LOBO, Maria (2002a) 'As Orações Adverbiais na Tradição Gramatical Portuguesa', in Maria Helena Mateus & Clara Nunes Correia, orgs. *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Colibri, Lisboa; 355-372.
- LOBO, Maria (2002b) 'Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas Adjuntas do Português', *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, Outubro 2001)*, APL, Lisboa; 247-265.
- LOBO, Maria (2002c) 'On the structural position of non-peripheral adjunct clauses', *Journal of Portuguese Linguistics* 1; 83-118.
- LOBO, Maria (2003) 'O Sujeito Nulo: Sintaxe e Interpretação', in Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura da Cruz, Eduardo Raposo & Maria do Céu Viana, orgs. *Gramática do Português*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian (no prelo).
- LOBO, Maria (no prelo a) 'Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal', *Actas do Congresso Internacional '500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil'*, Univ.

- Évora, 12 Maio 2000.
- LOBO, Maria (no prelo b) 'On the structural position of adverbial clauses, discourse features and informational structure', *Proceedings of XXVIII Incontro di Grammatica Generativa (Lecce, Fev.-Mar.2002)*.
- LOBO, Maria (no prelo c) 'Sobre a posição estrutural das orações adjuntas à direita', *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, Outubro 2002)*, Associação Portuguesa de Linguística.
- LONGA, Victor (1993) 'Gerundios Gallegos, Posición de Sujetos y Concordancia', Comunicação apresentada no *XXIII Simposio de la S.E.L.*, Lérida.
- LONGA, Victor (1994) 'The Galician Inflected Infinitive and the Theory of UG', *CatWPL*, 4.1.; 23-44.
- LONGACRE, Robert E. (1985) 'Sentences as combinations of clauses', in Shopen, ed. (1985).
- LONZI, Lidia (1988) 'Tipi di Gerundio', in *Rivista di Grammatica Generativa* 13; 59-80.
- LONZI, Lidia (1991) 'Frase subordinate al gerundio', in Lorenzo Renzi & Giampaolo Salvi, orgs.; cap. X.
- LOPES, Óscar (1972) *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- LÓPEZ GARCÍA, Ángel (1999) 'Relaciones Paratáticas e Hipotáticas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 54.
- LOPORCARO, Michele (1986) 'L'infinito coniugato nell'Italia centro-meridionale: ipotesi genetica e ricostruzione storica', in *L'Italia dialettale* XLIX; 173-240.
- MACHADO, José Pedro (1952) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa (3ª ed. 1977).
- MANZOTTI, Emilio & Alessandra RIGAMONTI (1991) 'La negazione', in Renzi & Salvi, orgs.; cap. VI.
- MARTINS, A. M. (1999) 'On the Origin of the Portuguese Inflected Infinitive: A New Perspective on an Enduring Debate', a publicar em L. Brinton (ed.) *Historical Linguistics 1999*. John Benjamins.
- MARTINS, Ana Maria & Jairo NUNES (2001) 'Infinitivos Obrigatoriamente Flexionados em Ambientes de "Opcionalidade"', Comunicação apresentada no Colóquio PE/PB, Fortaleza.
- MARTINS, Maria José Dias (1954) *Etnografia, Linguagem e Folclore de uma Pequena região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo)*, Diss. Licenciatura, Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE & Isabel Hub FARIA (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA, Sónia FROTA, Gabriela MATOS, Fátima OLIVEIRA, Marina VIGÁRIO & Alina VILLALVA (2003) *Gramática*

- da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 5ª ed. revista e aumentada.
- MATHIEU, Eric & Ioanna SITARIDOU (2002) 'Split syntax in Classical and Modern Greek: a study on the left periphery and the nature of DPs', Comunicação apresentada no *XXVIII Incontro di Grammatica Generativa*, Lecce, Fev-Março 2002.
- MATIAS, Maria de Fátima de Rezende F. (1974) Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (Concelhos do Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença), Diss. Licenciatura, Coimbra. Publicada (1984) Separata da Revista Portuguesa de Filologia, XVIII e XIX.
- MATOS, Gabriela (1992a) Construções de Elipse do Predicado em Português. SV Nulo e Despojamento, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- MATOS, Gabriela (1992b) 'A Construção de Despojamento em Português', *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa; 291-302.
- MATOS, Gabriela & Ana Maria BRITO (2001) 'Frasas comparativas, coordenação e subordinação', Comunicação apresentada no *XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Outubro 2001.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989) Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico, INCM, Lisboa.
- MAZZOLENI, Marco (1991) cap. XIII §2.3., 2.4. 'Frase avverbiale: Ipotetiche e Concessive' in L. Renzi & G. Salvi orgs.
- MAZZOLENI, Marco (1992) 'Grammatica e Competenza della Lingua Scritta: I Costrutti Concessivi ed Avversativi', *Quaderni Patavini di Linguística* 11; 37-58.
- MENDIKOETXEA, Amaya (1999) 'Construcciones con se: Medias, pasivas y impersonales', in I. Bosque y V. Demonte, orgs., vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 26.
- MEIRELES, José & Eduardo RAPOSO (1983) 'Subjunctives and Disjoint Reference in Portuguese: Some Implications for the Binding Theory', artigo apresentado no *Ier Col.loqui Internacional de Lingüística Teòrica i Llengües Romàniques*, Sitges.
- MIGUEL, Elena de (1992) El aspecto en la sintaxis del español: perfectividad e impersonalidad, Ed. UAM, Madrid.
- MIGUEL, Elena de (1999) 'El Aspecto Léxico', in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.) vol.2 *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*; cap. 46.
- MILSARK, G.L. (1988) 'Singl -ing', *Linguistic Inquiry* 19.4; 611-634.
- MOENS, Marc (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Univ. Edinburgh.
- MOENS, Marc e Mark STEEDMAN (1988) 'Temporal Ontology and Temporal Reference', *Computational Linguistics*, 14.2; 15-28.
- MÓIA, Telmo (1995) 'Aspectos da Semântica das Expressões Temporais com *desde* e *até* -

- Questões de *Aktionsart*', in *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Évora, 1994)*, Colibri/APL, Lisboa; 341-358.
- MÓIA, Telmo (1999) Identifying and computing temporal locating adverbials with a particular focus on Portuguese and English, Diss. Doutoramento, Univ. Lisboa.
- MÓIA, Telmo (2001) 'Aspectos Sintáctico-Semânticos das Orações Relativas com Quando e Como', *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, Setembro 2000)*, APL, Lisboa.
- MÓIA, Telmo & Evani VIOTTI (2002) 'Sobre o Uso do Gerúndio em Português Europeu e Português Brasileiro', Comunicação apresentada no *3º Colóquio Português Europeu-Português Brasileiro*, Setembro 2002.
- MONTOLÍO, Estrella (1999) 'Las construcciones condicionales', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol. 3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 57.
- MORENO CABRERA, Juan Carlos (1999) 'Las funciones informativas: Las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 65.
- MORETTI, Giovanni Battista (1992) *L'Italiano come seconda lingua*, vol.I, Guerra Ed., Perugia.
- MOTA, Maria Antónia (1997) 'Les traits nombre et personne/nombre en portugais - l'oral dans ses variétés', in Mireille Bilger, Karel van den Eynde e Françoise Gadet (eds) *Analyse Linguistique et approches de l'oral. Recueil d'études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste*, Orbis/Supplementa, Tome 10, Peeters, Leuven-Paris;
- NAPOLI, Donna (1983) 'Comparative Ellipsis. A Phrase Structure Analysis', *Linguistic Inquiry* 14.4; 675-694.
- NILSEN, Øystein (2000) *The Syntax of Circumstantial Adverbials* (Tromsø Studies in Linguistics 21), Novus Press, Oslo.
- Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, Portaria nº 22.664 do Ministério da Educação Nacional, publicada no *Diário do Governo*, I série, de 28 de Abril de 1967.
- NUNES, José Joaquim (1989) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Clássica Editora, Lisboa (9ª ed.).
- NUNES, José Joaquim (1902) 'Dialectos Algarvios', *Revista Lusitana* VII.
- OLIVEIRA, Fátima, Luís Filipe CUNHA e Sérgio MATOS (2001) 'Alguns operadores aspectuais em português europeu e Português Brasileiro', in *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, 28-30 Setembro 2000)*, Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa.
- OUHALLA, Jamal (1993) 'Negation, focus and tense: the Arabic *maa* and *laa*', *Rivista di Linguistica* 5.2; 275-300.
- OUHALLA, Jamal (1999) 'Focus and Arabic Clefts', in G. Rebuschi & L. Tuller, eds.; 335-359.
- PALMA, Branca Marília Seixal (1967) *O Falar dos Pescadores de Olhão*. Diss. Licenciatura.

- Univ. Lisboa, Lisboa.
- PAPI, Marcella Bertucelli (1991) 'Frase subordinada al participio: Participio passato', in Renzi & Salvi, orgs.
- PAULINO, M^a de Lurdes Semedo (1959) *Arronches - estudo de linguagem e etnografia*, Diss. Licenciatura, Univ. Lisboa, Lx.
- PEIXOTO, M^a Ermelinda (1968) *Germil. Notas Etnográficas e Linguagem*. Diss. Licenciatura. Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- PEREIRA, M^a Fernanda (1970) *O Falar de Soajo*, Diss. de Licenciatura, Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- PEREIRA, Iris Susana (2000) Para uma Definição do Processo de Concordância Negativa em Português Europeu, Diss. Mestrado, FLUL.
- PERES, João Andrade (1997) 'Sobre Conexões Proposicionais em Português', in A. M. Brito, F. Oliveira, I. P. de Lima e R. M. Martelo, orgs.; 775-787.
- PERES, João & Telmo MÓIA (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- PERES, João, Telmo MÓIA & Rui Ribeiro MARQUES (1999) 'Sobre a forma e o sentido das construções condicionais em português', in Isabel Hub Faria, org. *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Ed. Cosmos/FLUL, Lisboa; 627-653.
- PESETSKY, David (1995) *Zero Syntax. Experiencers and Cascades*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- PHILLIPS, Colin (1997) 'Merge Right: An Approach to Constituency Conflicts', in Brian Agbayani & Sze-Wing Tang, eds. *The Proceedings of the Fifteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*, Stanford Linguistics Association/Center for the Study of Language and Information, Stanford.
- PIERA, Carlos (1987) 'Sobre la Estructura de las Cláusulas de Infinitivo', in V. Demonte & M. Fernández Lagunilla, eds. *Sintaxis de las Lenguas Románicas*, Ed. El Arquero, Madrid; 148-166.
- PILI, Diana & Roland HINTERHÖLZL (2002) 'Argument shift phenomena across language types', Comunicação apresentada no *XXVIII Incontro di Grammatica Generativa*, Lecce, Fev-Mar. 2002.
- PIOT, Mireille (1988) 'Coordination-Subordination. Une définition générale', *Langue Française* 77 *Syntaxe des Connecteurs*.
- POLLOCK, Jean-Yves (1989) 'Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP', *Linguistic Inquiry* 20.3; 365-424.
- QUIRK, Randolph, Sidney GREENBAUM, Geoffrey LEECH & Jan SVARTVIK (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, London/New York.
- RAFEL, Joan (2000) 'From complementizer to preposition: Evidence from Romance', *Probus* 12.1; 67-91.

- RAPOSO, Eduardo (1981) *A Construção "União de Orações" na Gramática do Português*, Diss. Doutoramento, Fac. Letras Lisboa.
- RAPOSO, Eduardo (1987) 'Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese', *Linguistic Inquiry* 18.1; 85-109.
- RAPOSO, Eduardo (1989) 'Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese', in O. Jaeggli & K. Safir, eds. *The Null Subject Parameter*, Kluwer, Dordrecht.
- RAPOSO, Eduardo (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Caminho, Lisboa.
- RATINHO, M^a Filipe Mariano (1959) *Monte Gordo. Estudo Etnográfico e Linguístico*. Diss. de Licenciatura, Lisboa.
- REBUSCHI, Georges & Laurice TULLER, eds. (1999) *The Grammar of Focus*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.
- REINHART, Tanya (1976) *The Syntactic Domain of Anaphora*, Diss. de Doutoramento, MIT, Cambridge Mass.
- RENZI, Lorenzo, org. (1988) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. I. La Frase. I Sintagmi nominale e preposizionale*, il Mulino, Bologna.
- RENZI, Lorenzo & Giampaolo SALVI, orgs. (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. II. I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. La subordinazione*, il Mulino, Bologna.
- RENZI, Lorenzo, Giampaolo SALVI & Anna CARDINALETTI, orgs. (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, il Mulino, Bologna (3 vols.), nova edição 2001.
- REULAND, Eric (1983) 'Governing -ing', *Linguistic Inquiry* 14.1
- REZENDE (1961) *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo monográfico e linguístico*. Diss. de Licenciatura. Fac. Letras da Univ. Lisboa.
- RIBEIRO, Raquel (2001) 'Orações Gerundivas: co-referência obrigatória/livre entre os DPs sujeitos', Comunicação apresentada no *XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, Outubro 2001).
- RIBEIRO, Maria Raquel (2002), *As ocorrências da forma de gerúndio na variedade padrão e numa variedade dialectal do Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, Lisboa.
- RIEMSDIJK, Henk van, ed. (1999) *Clitics in the Languages of Europe (Eurotyp 20-5)*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- RIVERO, María-Luisa (1994) 'Negation, imperatives and Wackernagel effect', *Rivista di Linguistica* 6.1; 91-118.
- RIZZI, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*, Foris, Dordrecht.
- RIZZI, Luigi (1986) 'Null Objects in Italian and the Theory of *pro*', *Linguistic Inquiry* 17.3; 501-557.
- RIZZI, Luigi (1990) *Relativized Minimality*, MIT Press, Cambridge, Mass.

- RIZZI, Luigi (1997) 'The fine structure of the left periphery', in L. Haegeman, ed. *Elements of Grammar*, Kluwer, Dordrecht; 281-337.
- ROBERGE, Yves & Marie-Thérèse VINET (1989) *La Variation dialectale en grammaire universelle*, Presses de l'Univ. Montréal/Ed. Univ. Sherbrooke.
- ROBERTS, Ian (1994) 'Two Types of Head Movement in Romance', in D. Lightfoot & N. Hornstein, orgs. *Verb Movement*, Cambridge Univ. Press, Cambridge; 207-242.
- ROJO, Guillermo (1978) *Cláusulas y Oraciones, Verba, Anejo 14*.
- ROOTH, Mats (1985) *Association with Focus*, Diss. de doutoramento, GLSA Publications, Univ. Massachusetts, Amherst.
- ROOTH, Mats (1992) 'A Theory of Focus Interpretation', *Natural Language Semantics* 1; 75-116.
- ROSS, John (1967) *Constraints on Variables in Syntax*, MIT, Indiana Univ. Linguistics Club Fall.
- ROUVERET, Alain (1980) 'Sur la Notion de Proposition Finie - Gouvernement et Inversion', *Langages* 60; 75-107.
- ROUVERET, Alain (1987) 'Présentation' e 'Postscript' de La Nouvelle Syntaxe. Concepts et Conséquences de la Théorie du Gouvernement et du Liage, Ed. du Seuil, Paris.
- ROUVERET, Alain (1997) 'Les pronoms personnels du Gallois: structure interne et syntaxe', in Zrbi-Hertz, ed.; 181-212.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina (1999) 'La Negación', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.2. Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales; cap. 40.
- SANTOS, Ana Lúcia (1999) *O participio absoluto em português e em outras línguas românicas*, Diss. Mestrado, Fac. Letras Univ. Lisboa, Lisboa.
- SCHÜTZE, Carson T. (2001) 'On the Nature of Default Case', *Syntax* 4.3; 205-238.
- SHOPEN, Timothy, ed. (1985) *Language Typology and Syntactic Description*. vol.II *Complex Constructions*, Cambridge University Press, Cambridge.
- SINCLAIR, John, ed. (1990) *Collins Cobuild English Grammar*, HarperCollins Publishers, London.
- STOWELL, Tim (1982) 'The tense of infinitives', *Linguistic Inquiry* 13; 561-570.
- STROIK, Thomas (1990) 'Adverbs as V-sisters', *Linguistic Inquiry* 21; 654-661.
- STUMP, Geoffrey (1985) *The Semantic Variability of Absolute Constructions*, Reidel, Dordrecht.
- SUÑER, Avel·lina (2002) 'Les construccions adjuntes en gerundi i participi', in Joan Solà, Maria-Rosa Lloret, Joan Mascaró & Manuel Pérez Saldanya, orgs. *Gramàtica del català contemporani, Volum 3*; § 29.
- SVENONIUS, Peter (2001) 'Subject Positions and the Placement of Adverbials', in P. Svenonius, ed. (2001) *Subjects, Expletives and the EPP*, Oxford University Press, New York.

- SWART, Henriëtte de (1993) *Adverbs of Quantification. A Generalized Quantifier Approach*, Garland Publishing, New York/London.
- Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário*, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário - Departamento da Educação Básica - Associação de Professores de Português, Lisboa, 2002 (CD-Rom com Base de Dados).
- TORTORA, Christina (2002) 'Romance Enclisis, Prepositions and Aspect', *Natural Language & Linguistic Theory* 20; 725-758.
- URIAGEREKA, Juan (1995) 'Some aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance', *Linguistic Inquiry* 26; 79-123.
- URIAGEREKA, Juan (2001) 'Pure Adjuncts', Ms., Comunicação apresentada no *Colóquio de Gramática Generativa*, Zaragoza, Abril 2001.
- VAN DER AUWERA, Johan, ed. (1998) *Adverbial Constructions in the Languages of Europe (Eurotyp 20-3)*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York.
- VASCONCELOS, Manuela (1991) *Compreensão e Produção de Frases com Orações Relativas*, Diss. mestrado, Fac. Letras univ. Lisboa, Lisboa.
- VENDLER, Zeno (1967) 'Verbs and Times', in *Linguistics in Philosophy*, Ithaca, NY, Cornell Univ. Press.
- VERA LUJÁN, A. (1981) 'En torno a las oraciones concesivas: concesión, coordinación y subordinación', *Verba* 8; 187-203.
- VIANA, Amadeu (1990) 'Sobre simetries: el cas de les finals i les causals', in *Miscellània Joan Fuster. Estudis de llengua i literatura a cura d'Antonio Ferrando i d'Albert G. Hauf*, vol. II, Publicacions de l'Abadia de Montserrat; 371-391.
- VILHENA, M^a da Conceição (1965) *Falares de Herrera e Cedillo*, Diss. de Licenciatura, Lisboa.
- VINCENT, Nigel (1996) 'Appunti sulla sintassi dell'infinito coniugato in un testo napoletano del '300', in P. Benincà et al. (eds.) *Italiano e dialetti nel tempo. Saggi di Grammatica per G. Lepschy*, Bulzoni, Roma; 387-496.
- VINCENT, N. (1998) 'On the grammar of inflected non-finite forms (with special reference to Old Neapolitan)', in I. Korzen & M. Herslund, eds. *Clause Combining and Text Structure*, (*Copenhagen Studies in Language* 22), Samfundslitteratur, Copenhagen; 135-158.
- WILLIAMS, Edwin (1994a) 'A reinterpretation of evidence for verb movement in French', in D. Lightfoot & N. Hornstein, eds. *Verb Movement*, Cambridge Univ. Press, Cambridge; 189-205.
- WILLIAMS, Edwin (1994b) *Thematic Structures in Syntax*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- WILLIAMS, Joseph M. (1975) *Origins of the English Language. A Social and Linguistic History*, The Free Press, New York/London.
- WIREBACK, K. J. (1994) 'The Origin of the Portuguese Inflected Infinitive', *Hispania* 77; 544-554.

- WRENN, C. L. (1949) *The English Language*, Methuen & Co.Ltd., London.
- ZANDVOORT, R. W. (1957) *A Handbook of English Grammar*, Longmans, Green and Co, London/New York/Toronto.
- ZRIBI-HERTZ, Anne (1994) 'The Syntax of Nominative Clitics in Standard and Advanced French', in G. Cinque, J. Koster, J.-Y. Pollock, L. Rizzi & R. Zanuttini, eds.; 453-472.
- ZRIBI-HERTZ, Anne, ed. (1997) *Les pronoms. Morphologie, syntaxe et typologie*, Presses Universitaires de Vincennes, Saint-Denis.
- ZRIBI-HERTZ, Anne (2000) 'Les pronoms forts du français sont-ils [+ animés]? Spécification morphologique et spécification sémantique', in M. Coene, W. De Mulder, P. Dendale, Y d'Hulst, eds. *Traiani Augusti vestigia pressa sequamur. Studia linguistica in honorem Lilianae Tasmowsky*, Unipress, Milão; 663-680.
- ZRIBI-HERTZ, Anne & Liliane MBOLATIANAVALONA (1999) 'Towards a modular theory of linguistic deficiency: evidence from Malagasy personal pronouns', *Natural Language and Linguistic Theory* 17; 161-218.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1998) *Prosody, Focus, and Word Order*, The MIT Press, Cambridge, Mass.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa (1999) 'Las funciones informativas: Tema y foco', in Bosque & Demonte, orgs. vol.3 *Entre la Oración y el Discurso. Morfología*; cap. 64.

